

América Larraín

O “NEGÓCIO” DA ARTE E DA CULTURA:
Para uma antropologia do Festival de Dança de Joinville



Florianópolis, Santa Catarina, Abril de 2008

América Larraín

O “NEGÓCIO” DA ARTE E DA CULTURA:

Para uma antropologia do Festival de Dança de Joinville

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social

Orientador: Doutor Rafael José de Menezes Bastos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Florianópolis, Santa Catarina, Abril de 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

O “NEGÓCIO” DA ARTE E DA CULTURA:
Para uma antropologia do Festival de Dança de Joinville

AMÉRICA LARRAÍN

Orientador: Doutor Rafael José de Menezes Bastos

Banca Examinadora

Dr. Rafael José de Menezes Bastos (Orientador)
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Esther Jean Langdon
Universidade Federal de Santa Catarina

Dr. Ruben George Oliven
Universidade Federal de Rio Grande do Sul

Dr. Márnio Teixeira Pinto (Suplente)
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, Santa Catarina, Abril de 2008

❧
Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC e todos seus professores e funcionários por ter permitido e facilitado os meios para eu fazer parte do processo seletivo do mestrado desde meu país de origem. No Brasil, este foi o único programa em antropologia que permitiu que eu participasse, mesmo a distância, das provas e entrevistas.

Ao Instituto Festival de Dança de Joinville pelos ingressos aos eventos, por me permitir acessar no seu acervo documentário para pesquisar. Particularmente a Bruno, Karim Coletti e Iraci Seefeldt pela ajuda e atenção durante minha estada lá.

Estou profundamente grata à professora Jean Langdon pela sua guia, carinho e amizade durante o mestrado todo, especialmente estou grata pela força e coragem que me transmitiu nos momentos em que eu mais precisava. Ao professor Márnio Teixeira Pinto estou grata pelas aulas instigantes e incisivas que me obrigaram a desconstruir minhas certezas e questionar a aparente insignificância que constitui a cotidianidade. A meu *sensei* e mestre, Rafael José de Menezes Bastos, eternamente grata pelos ensinamentos, pela guia, o bom humor e a graça com que transmite a experiência do conhecimento antropológico. Estou grata também pela sua seriedade, compromisso e respeito pelos caminhos individuais dos seus alunos.

À minha turma de mestrado, colegas do MUSA e GESTO e outros colegas da pós durante o curso, estou grata pela parceria acadêmica, mas principalmente pela amizade, pelas festas, as conversas e as boas lembranças que sempre guardarei.

A Everton e Martina pela valiosa ajuda e dicas na revisão e correção do português do texto.

A Neyde Cartens Martins pela sua amizade e ótimas dicas culinárias, mas principalmente por abrir sua casa em Florianópolis e Joinville me oferecendo um espaço tranqüilo e familiar para estudar.

Ao CNPq pela bolsa, que a partir do último ano me permitiu estudar e viver com mais tranqüilidade.

À minha mãe pela sua presença constante na minha vida mesmo a distância.

A toda minha família e amigos que desde o lugar do mundo onde se encontram, sempre estiveram atentos ao processo de gestação deste trabalho.

A Carlos, por seus conselhos, apreciações e sugestões que constituem uma parte importante deste trabalho, mas principalmente pelo amor e cumplicidade, pela disposição e compreensão dos meus ritmos, tempos, ciclos. Sinto-me imensamente feliz de estarmos juntos e termos compartilhado esta experiência de vida no Brasil.

À vida por ter conspirado para que eu caísse neste canto do mundo.



Para Carlos, mi amor, mi solecito

SUMÁRIO

Resumo...	8
Reflexões Iniciais...	9
Introdução...	11
A Construção do Projeto e o Rumo da Pesquisa...	14
Histórico da Pesquisa...	17
Joinville: a Cidade dos Príncipes, a Cidade das Flores, a Cidade da Dança, a Cidade das Bicicletas, a Manchester Catarinense...	20
Mais Alguns Dados Pertinentes...	27
Um Relato da História do Evento...	30
“Cultura” e Política, a Receita do Sucesso...	41
Gestão Cultural, Políticas Culturais...	45
Conferência Municipal de Cultura de Joinville...	50
Dança, Arte, Cultura e Política. O Papel do Intelectual...	59
Festival de Dança de Joinville, Um Fato Entre Outros...	64
Mais Jornais...	73
Dizendo e Fazendo, Como se Cria uma Realidade...	79
Política: as Tensões e Pretensões do Poder...	81
Cultura e Política Brasileira, a Visão de uma Estrangeira...	83
“Arte-Cultura” = Poder...	89
Reflexões Finais...	94
O Brasil que Eu Conheço é uma Ilha...	96
Bibliografia...	101
Anexos...	106

“Qualquer contato reflexivo com o consumo cultural (em especial, o contato provocado pela pesquisa) coincide com a descoberta de sua ilegitimidade e, impossibilitados de opor uma contralegitimidade isenta do reconhecimento da legitimidade recusada, os membros das classes desprovidas da cultura legítima concebem a si mesmos como heréticos e não como cismáticos”. (BOURDIEU, 2003: 132)

RESUMO

Esta pesquisa analisa o Festival de Dança de Joinville como um espaço onde o político é expresso por meio do uso da categoria *arte* e dos discursos sobre *cultura*, *identidade* e *democracia*, elucidando como eventos deste tipo - e que envolvem manifestações consideradas artísticas como a dança - são uma arena privilegiada na construção e consolidação de identidades locais, regionais e nacionais.

A pesquisa aprofunda na questão do campo político, mostrando como no Festival de Dança de Joinville acontece um processo de criação e construção do que é considerado cultura e qual é sua relação com a construção de cidadania na região e no Brasil.

Da mesma forma, esta pesquisa analisa o evento em questão como um espaço onde a dança aparece como o grande significante e “guarda-chuva” dos diversos significados de cultura e arte bem como dos discursos sobre democracia e inclusão social, presentes nele.

Os objetivos desta pesquisa foram: conhecer o processo de criação, produção ou construção cultural que tem acontecido na história do Festival de Dança de Joinville. Analisar por meio do acontecido neste evento a relação entre dança, arte e política graças ao valor e significado atribuídos a tais conceitos ou categorias pelos nativos envolvidos no Festival. Explorar e conhecer porque esse tipo de evento se consolida como plataforma propícia para a emissão de discursos sobre cultura e identidade; analisar qual que é a relação entre este tipo de eventos e a construção de cidadania na região sul e no Brasil.

Palavras chave: Festival de Dança de Joinville, Antropologia da Arte, Dança, Política.

ABSTRACT

This research analyzes the *Festival de Dança de Joinville*, as a space where the political thing is expressed by means of the use of the category art and of the speeches on culture, identity and democracy, exhibiting how events of this kind - and that involve considered artistic manifestations as the dance - are a space favoured in the construction and consolidation of local, regional and national identities.

The work penetrates into the question of the political field, showing how in the *Festival de Dança de Joinville* there happens a process of creation and construction of what can be considered to be culture and which is its relation with the construction of citizenship in the region and in Brazil.

In the same way, this research analyzes the event as a space where the dance appears as the great significant and "umbrella" of the diverse meanings of culture and art, as well as of the speeches on democracy and social incorporation, presents on it.

The aims of this research were among others: know the process of creation, production and cultural construction happened in the history of *Festival de Dança de Joinville*; to analyze, by means of that happened in this event, the relation between dance, art and politics, thanks to the value and meaning attributed to such concepts or categories by the people involved in the Festival; to explore and to know why this kind of event is consolidated as propitious platform for the emission of speeches about culture and identity; as well as analyzes which is the relation between this sort of events and the construction of citizenship in the south region and in the Brazil.

Key words: *Festival de Dança de Joinville*, Anthropology of Art, Dance, Politics.

REFLEXÕES INICIAIS

O termo alemão *Verstehen*, traduzido ao português como compreensão / interpretação foi utilizado por Weber (1991) para se referir ao conhecimento do objeto de pesquisa e a relação que acontece nessa aproximação e acesso ao mesmo nas ciências sociais. Esta noção atravessa questões como os motivos e intenções do agente de pesquisa, a capacidade para se situar no lugar de outro, o conhecimento implícito, a empatia, etc. Entendido como parte de uma metodologia do tipo qualitativo, enfatiza na capacidade de se identificar com o objeto no contexto da pesquisa e na capacidade de abranger o conhecimento sobre este. *Verstehen*, refere-se também à intencionalidade e ao propósito da pesquisa, valorizando assim a informação adquirida pelo sujeito nessa imersão e aproximação ao que se deseja conhecer. As experiências, inclusive as atitudes do observador formam parte desse procedimento, sendo juízos de valor, ações e valores do investigador uma fonte e princípio de seleção temática.

Levando em consideração algumas das acepções da noção *Verstehen* e antes de iniciar com o conteúdo mesmo deste trabalho, considerei necessário informar o leitor uma das características deste. Em vários trechos existe evidência de certa ausência de simpatia pelo objeto estudado e não fui dispensada de refletir sobre esta questão. Ao longo da pesquisa houve aspectos que se manifestaram pouco atraentes para mim. Em parte acho que isso aconteceu devido a um fato que relatarei com profundidade mais adiante, que foi a mudança no rumo e no tema da pesquisa. Entretanto, apresento na continuação algumas reflexões sobre essa questão na perspectiva do trabalho antropológico.

A pesquisa em antropologia está caracterizada tradicionalmente pela empatia com o objeto/sujeito estudado. Essa simpatia dos antropólogos e também de outros cientistas sociais, em particular com os desabrigados, subalternos e oprimidos, é refletida nos temas escolhidos, no envolvimento com movimentos sociais e muitas vezes até na militância nos mesmos. Entretanto já houve autores como Crapanzano (Waiting, 1985), que apresenta e reflete sobre essa problemática da empatia no trabalho antropológico e a partir de sua experiência com os brancos na África do Sul, descreve o *apartheid* e a estrutura de dominação subjacente, desde a perspectiva dos que exercem a dita dominação.

Evidentemente, a formação em humanidades oferece ferramentas que permitem refletir criticamente sobre situações, eventos, dinâmicas, etc., e isso de alguma forma se converte ao longo do tempo no filtro com que olhamos o mundo e fazemos julgamentos sobre o mesmo. Ninguém chega neutro a campo nem a lugar nenhum, e acho que parte da minha antipatia em alguns momentos da pesquisa e da escrita, teve a ver com o constante juízo e leitura crítica que desde minha condição de estrangeira no Brasil, fiz da experiência cotidiana neste país e em particular das dinâmicas envolvendo o evento Festival de Dança de Joinville - foco das minhas observações-.

Importante colocar que existe uma relação entre os focos de desconforto mencionados que pode ter a ver com a forma como os discursos constroem e legitimam ações. No caso do Brasil, o bombardeio nos meios de comunicação sobre a grandeza e valor do nacional é exaltado constantemente, ao ponto de incomodar e em parte ser proporcional ao desconhecimento que têm muitos brasileiros, -inclusive do meio acadêmico- sobre o resto da América Latina¹. Já no Festival, os discursos que suportam e alentam o evento, servem a propósitos longe das aparentes intenções manifestas explicitamente.

Os aspectos sobre os quais reflito aqui brevemente e com um caráter auto-reflexivo, estão ligados segundo demonstrarei ao longo da dissertação, à construção de nação e cidadania, junto com os empreendimentos de coesão social implicados neles. Note-se também que a exaltação do nacional é um dos ingredientes principais do “*nation building*” conforme Antelo (2001), que reflete sobre a relação entre arte (particularmente literatura), cultura e nacionalismo no Brasil. Mas estes temas serão aprofundados e apresentados com maior clareza ao longo do texto.

Minha pesquisa ao atravessar questões relativas às relações de poder presentes na produção cultural contemporânea e sua relação com a política, é um exercício de análise da construção de discursos desde as elites detentoras do dito poder e seu impacto na cotidianidade da sociedade envolvida; nesse sentido se distancia dos

¹ É de sublinhar que esta impressão é compartilhada por vários estudantes estrangeiros de diversas nacionalidades e diferentes áreas do conhecimento, que tive a oportunidade de conhecer na minha estada no Brasil. Entretanto, dita percepção não é exclusiva de estrangeiros, mas também de nacionais que manifestam seu descontento com dita exaltação. Importante também sublinhar que este fenômeno não é somente no Brasil que acontece, mas insisto em que durante minha estada aqui, perceber isso foi fácil graças ao estranhamento que supõe a mudança de entorno sócio-cultural.

tradicionais focos de interesse antropológico, embora - como já falei acima-, existem autores que pesquisam temas longe dos seus afetos.

A intenção desta pequena reflexão sobre a pesquisa é valorizar os desconfortos, e as antipatias como um todo chamado subjetividade, que constitui uma fonte de formas de se aproximar do objeto de pesquisa, ao tempo de ser o termômetro que permite medir a relação entre a produção e acesso ao conhecimento e a construção da individualidade, se convertendo numa reflexão de caráter histórico e sociológico.

No meu caso, a dança foi uma experiência de vida e de pesquisa da que tinha me aproximado com muito carinho e interesse. Pretendia continuar a explorar essa relação no mestrado, mas acabei estudando cultura e as dimensões políticas da arte. Acredito que isso, junto com a ausência de simpatia por alguns dos temas desenvolvidos neste trabalho, de alguma forma trouxe vantagens para mim, permitindo abrir os horizontes investigativos e até as perspectivas laborais.

INTRODUÇÃO

Nasci na Colômbia, quase sempre morei lá e grande parte da minha vida encontra-se ancorada na ficção da pertença a esta nação. Dita ficção ficou ainda mais evidente a partir da minha prolongada estada no Brasil, sendo que sobre ela tenho refletido sob uma perspectiva privilegiada baseada no fato de ser estrangeira. O olhar sobre e desde esta minha condição de estrangeira é constituinte das colocações que faço no texto na continuação, especialmente no que refere às discussões sobre identidade e construção de cidadania.

Além de colombiana e mais algumas coisas, também sou antropóloga, tendo-me formado na *Universidad Nacional de Colômbia* no ano 2004. Desde então tinha vontade de vir estudar no Brasil, pois não é um segredo que a Antropologia brasileira em geral é muito boa e que diferente de outros países latino-americanos, a educação pública é inteiramente gratuita. Então, após me apresentar na seleção da turma 2006 e ser aceita no programa da UFSC, vim residir em Florianópolis.

Quando ingressei no mestrado tinha a idéia de estudar a dança contemporânea no Festival de Dança de Joinville, dando assim continuidade à pesquisa sobre dança e artes cênicas que iniciei na graduação na Colômbia². Porém, após uma breve visita ao evento, em julho de 2006, a maior parte de minhas premissas se modificaram, e dadas as condições e o caráter singular deste acontecimento, decidi que pesquisaria o Festival, mas desde uma perspectiva que tivesse como foco a questão política. Isso ocorreu, pois desde o início para mim foi evidente que no evento havia muito mais do que dança, e que dadas as proporções do mesmo, tinha um grande impacto na comunidade que o realiza, fomenta e acolhe, bem como na política local e nas relações de poder ligadas a esta (e que segundo descobri no percurso de estudar parte da história do evento, sempre estiveram e ainda estão presentes em diversos espaços do Festival).

No início da formulação do projeto, a finais de 2006, tinha proposto que o Festival de Dança de Joinville fazia parte de um “circuito ritual” em Santa Catarina. A este circuito ritual pertenceriam outras festividades e eventos do Estado que funcionariam como falas e replicas onde cada prática seria respondida por outra. Este seria um espaço de estabelecimento e afirmação de identidades mediante um sistema de trocas políticas, utilizando manifestações diversas como meio de explicitação de discursos que buscariam atingir interesses específicos. Nos diferentes eventos do circuito ritual (*Oktoberfest*, *Fenachopp*, etc.)³ os discursos que os criam e os mantêm, assim como os que eles próprios criam, apontariam principalmente para a questão da cultura, da arte e da identidade.

Centrei-me então na análise da relação entre a arte e a política no Festival de Dança em particular, levando em consideração algumas das categorias recorrentes nos discursos emitidos durante o mesmo: arte, cultura, identidade e democracia (sob a forma da inclusão social).

² Larraín, América. 2004. Leyendo el movimiento; la obra de danza contemporânea como texto intercultural. Monografía para optar por el título de Antropóloga en la Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas, Bogotá (Texto não publicado).

³ Existem no Estado várias festividades que compõem o chamado circuito de festas de outubro em SC. Trata-se de eventos que exaltam as especificidades étnicas dos respectivos municípios e que estão ligados, maiormente à herança germânica. O mais reconhecido destes eventos é o *Oktoberfest* de Blumenau, réplica do acontecido na cidade bávara de Munich desde 1810. No Brasil começou a se realizar a partir do ano de 1984, após as conhecidas enchentes que deixaram devastada a região, mas existem réplicas mais recentes em outras cidades do Estado. Além das *Oktoberfest*, existem eventos como *Fenachopp* em Joinville, *Fenarreco* em Brusque ou *Schützenfest* em Jaraguá do Sul. Trata-se de eventos onde se exalta a herança européia por meio de manifestações como comida, música, fantasias e dança.

O Festival de Dança de Joinville⁴ é um evento realizado há 25 anos consecutivos nesta cidade do estado de Santa Catarina, e que envolve diversas atividades ao redor da dança, como apresentações, competições, oficinas, palestras, venda de acessórios e apresentação de trabalhos acadêmicos entre outras.

Na atualidade o Festival encontra-se fortemente estabelecido e é reconhecido na cidade, na região e até no país como um evento cultural de grande importância. A história deste evento auxilia no reconhecimento de um processo de produção cultural, bem como das repercussões desse processo na dinâmica de toda uma cidade. Fala-se de duas Joinvilles: uma antes e outra após o Festival⁵. Isso de alguma forma faz com que as ações empreendidas por e no Festival sejam valorizadas e reconhecidas por constituir um esforço para a manutenção e construção de um legado, uma herança cultural que identifica aos joinvillenses, aos catarinenses, e até aos brasileiros.

Este evento foi estudado por mim como espaço onde se constroem e legitimam discursos sobre arte, democracia, identidade e cultura. Seguindo Bourdieu (1979, 2003), me interessei no Festival como campo político, mercado de bens simbólicos e exemplo dos processos de construção, consolidação e prática de imaginários e realidades através da dança.

No Festival, o caráter de evento cultural é muito reforçado nas falas públicas, depoimentos de jornais e publicidade. “Investir em cultura vale a pena” foi uma das falas repetida múltiplas vezes nos palcos pelos apresentadores do evento em 2006. Vale considerar que na União Européia segundo a UNESCO⁶, a chamada cultura representa hoje cerca de 2.6% do PIB, empregando em 2004 mais de 5,8 milhões de pessoas⁷. Cultura como é entendida e reivindicada nestes espaços abrange uma ampla gama de manifestações e produtos que vão desde a produção de grandes shows de dança e música, até a comercialização de artesanato, sendo que, na maioria das vezes aparecem com uma ligação implícita à arte.

⁴ Para maior informação sobre o evento ver anexo 1. Ficha etnográfica.

⁵ Oliveira Santos, Sônia Regina, 2004. Joinville: Cidade que dança, cidade que encanta, Em: http://www.univille.net/arquivos/1697_Revista_Universo_Univille_Edicao_2.pdf.

⁶ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

⁷ Em: http://ec.europa.eu/culture/eac/sources_info/studies/economy_en.html

Nesse sentido, a arte vira um espaço que quando entendido, reivindicado e institucionalizado como cultura, elucida processos de construção de identidades locais, estaduais, regionais e nacionais, ao passo que coloca em relevo a valorização de caracteres atribuídos a um povo ou sociedade determinada nomeando-os como cultura (“cultura européia”, “cultura espanhola” ou “cultura catalã”, por exemplo). A dança no Festival tem pertinência nos domínios “arte e cultura”, sendo que muitas vezes estes são referidos como sinônimos. Esta acepção do uso de ditas categorias, apoiado na tradição de estudos da sociologia da cultura, estaria diretamente ligada à construção de cidadania, que sublinho como um dos aspectos chave do que acontece no Festival e que advém da efetividade discursiva que cria e sustenta eventos desse tipo.

A CONSTRUÇÃO DO PROJETO E O RUMO DA PESQUISA

Justificar e explicitar as escolhas, porque estas têm conseqüências sobre o que é produzido intelectualmente, é uma dica importante e pertinente para qualquer pesquisador, pois evidencia o percurso e a evolução da objetivação de um fato, sendo neste caso o Festival de Dança de Joinville.

Trabalhei a questão política após observar o evento em 2006, pois embora minha intenção fosse pesquisar dança, não era possível ocultar o fato de que naquele evento tinha muito mais do que dança, sendo que a mesma parecia ser, em algumas ocasiões, apenas desculpa para a reprodução e exaltação de discursos com viés identitário, muitas vezes alentadores das características particulares do município (a herança germânica, por exemplo), ressaltando o caráter democrático e de inclusão social oferecida nos espaços do Festival e a valorização da cultura (seja qual fosse o entendimento que desta categoria tivessem).

Ao começo o desafio foi me desapegar da dança como manifestação artística, somente ela, linda, da qual eu sempre gostei tanto... Nossa, foi muito difícil...! Política como tema de pesquisa sempre achei chato, eu queria tanto pesquisar dança, mas a antropologia nos surpreende (eis um dos seus maiores encantos) e a nossa vida às vezes toma rumos inesperados.

O desencanto é algo difícil de superar, foi isso o que tive que fazer ao descobrir o mundo por trás do Festival, não porque fosse ruim, de maneira alguma, mas porque minha visão era um pouco mais ingênua e romântica sobre o evento, sobre a dança, sobre o próprio fato de dançar.

Este desencanto provocou novas descobertas e novos encantamentos. Uma delas diz respeito ao funcionamento e dinâmica dos eventos massivos contemporâneos chamados de “culturais” e tudo o que eles mobilizam e implicam ao nível da comunidade que os fomenta e acolhe. Outra descoberta compreende os aspectos de como as falas e práticas que levam às políticas e leis, também promovem discursos e legislam sobre questões como identidade, tradição, autenticidade, etc.

Outro fato que achei muito interessante e que fez parte desses novos encantamentos, foi o papel da mídia impressa e da publicidade gráfica na viabilização de idéias e construção de imaginários durante estes eventos massivos e públicos (festivais, festas, “*fest*”). Segundo Stoeltje (1992), estes têm como um dos objetivos centrais a expressão da identidade de um grupo apelando à memória e à ancestralidade. Segundo a autora, os eventos que têm a palavra “festival” nos seus nomes são geralmente construções modernas - contemporâneas que funcionam para propósitos ideológicos, comerciais e políticos de autoridades interessadas em si próprias.

Acho que pelo fato de ser estrangeira, como sugeri acima, percebi muitas coisas que com toda certeza também acontecem na Colômbia com suas particularidades, só que em meu país de origem, imagino que acharia corriqueiras, cotidianas. O estranhamento e deslocamento sociocultural que vivenciei no Brasil, foi um dos motivos que fizeram desta pesquisa uma experiência muito enriquecedora para mim, pois consegui perceber e vivenciar por meio do evento, Festival de Dança de Joinville, algumas das múltiplas formas de funcionamento e arquitetura do social.

Minha opção metodológica foi a etnografia, entendida como a obtenção de dados qualitativos e que no caso, teve como prioridade realizar uma análise do objeto a partir das observações e leituras do evento, da cidade e do contexto geral em que o Festival acontece. Desloquei-me até Joinville durante a realização do evento no ano 2006, e em

2007 passei a morar na cidade, juntamente com meu esposo durante dois meses, tempo de coleta da maior parte do material deste trabalho.

Realizei também uma revisão bibliográfica aprofundada sobre os temas esboçados acima, além de uma pesquisa específica sobre os discursos emitidos e construídos pelo e no Festival em jornais e material gráfico do evento. Também, consulta e análise da publicidade e depoimentos públicos escritos sobre o evento desde o ano de 1983 (data de sua criação) até o ano 2007, bem como dos cadernos especiais, publicados pelos jornais *A notícia* e *Diário Catarinense* durante o Festival.

Diante da impossibilidade física e temporal ao acesso a todos os discursos, meu recorte foram as *clipagens*⁸ da imprensa, material gráfico e cadernos de assessoria de imprensa. Todo este material foi consultado no Instituto Festival de Dança de Joinville e no Arquivo Histórico da cidade. Além disso, realizei entrevistas com personagens chave da história do evento, como uma da suas fundadoras, e sua atual coordenadora executiva.

Tive também a oportunidade de gravar os discursos e depoimentos realizados em uma homenagem feita pela Câmara de Vereadores aos 25 anos do evento e de participar da primeira Conferência Municipal de Cultura de Joinville. Nesta Conferência foram discutidas questões relativas ao desenvolvimento da área cultural da cidade, bem como temas muito pertinentes para minha pesquisa, possibilitando ligações e fornecendo chaves interpretativas dos fenômenos que acontecem no Festival.

Algumas dessas chaves interpretativas são, entre outras, marketing cultural, lei do mecenato, economia da cultura e patrocínio cultural. Estas categorias estariam fazendo parte de uma linguagem desenvolvida recentemente para dar conta de processos relacionados com a gestão cultural na área das comunicações, mas sobre cada uma delas aprofundarei mais adiante.

Todo o material descrito acima, junto com os meus apontamentos e diários, conformaram a matéria-prima de análise desta pesquisa.

⁸ Clipagem é uma compilação de jornais, revistas, internet, emissoras de rádio ou TV, que tem por objetivo acompanhar as publicações e menções de uma empresa, atividade, evento, etc. São realizadas principalmente por assessores de imprensa.

HISTÓRICO DA PESQUISA

No início da pesquisa não havia o intuito, como mencionei acima, de pesquisar o Festival como um todo, queria apenas observar a dança contemporânea, mas em virtude do meu encantamento com a dinâmica total do evento, a dança contemporânea (enquanto fenômeno individual) ficou de lado, não por deixar de me parecer interessante desde uma perspectiva investigativa, mas por perder visibilidade na minha percepção de um Festival cujas características achei simplesmente urgentes de pesquisar.

Em julho de 2006 passei apenas os dias do evento, hospedada em casa de uma amiga na cidade de Joinville. Recebi ingressos para as mostras de dança (todos por conta da coordenação deste), pois tinha estabelecido contato com a produção do Festival com antecedência. Solicitei permissão e colaboração no desenvolvimento da pesquisa sendo esta respondida positivamente por parte da produção, no final de maio de 2006. Estes manifestaram interesse em minha pesquisa, fornecendo os ingressos para algumas das apresentações e espetáculos. Solicitaram apenas uma carta do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social para formalizar a parceria.

Nesta primeira visita à cidade, várias questões do evento chamaram minha atenção como, por exemplo, o fato de os apresentadores dos palcos abertos (espaços gratuitos) utilizarem um roteiro que se repetia em todo lugar, enfatizando o fato de serem espaços democráticos onde o público poderia encontrar funções de qualidade, pois segundo informado reiterativamente, os grupos que lá se apresentavam também passavam por uma seleção. Outra fala que achei peculiar, e que também foi repetida como parte do roteiro em vários dos locais gratuitos assistidos, foi: “a cultura também é negócio”.

Estas observações iniciais, somadas a outras questões, como o apelo à herança germânica do município, se converteram nos dados a partir dos quais construí os pressupostos do projeto de pesquisa, que por sua vez foram modificados após a segunda estada na cidade em 2007.

Comecei a pesquisa em jornais também em julho de 2006, quando durante minha primeira visita à cidade e ao evento, percebi que havia alguma coisa grandiloquente nas manchetes e no conteúdo das notícias e publicidade veiculada, o que poderia ser um indício de algo interessante para pesquisar. Porque tanta insistência na magnitude do evento? Porque tanta propaganda e “barulho” sobre o valor do evento na cidade e na região? Estaria esta idéia da magnitude ligada ao valor ou custo do Festival? Provavelmente sim, pois é sabido que o valor, como muitas outras coisas é algo socialmente constituído que tem sua base em convenções estabelecidas historicamente. Entretanto, como e porque estaria uma imobiliária utilizando o Festival para se promover?⁹ Qual que seria o papel da imprensa como veículo informativo na mobilização e proclamação do Festival de Dança de Joinville?

Um exemplo do uso dos jornais em pesquisa antropológica é o trabalho de Menezes Bastos (2005) em seu texto sobre “Les Batutas”, em que a partir da consulta da publicidade em jornais franceses da época (início do século XX), o autor aponta que o grupo, através de sua estada em Paris contribuiu para a invenção de uma brasilidade musical consagrada sob a legitimidade representada no encontro com o jazz no cenário parisiense da década de 1920.

A campanha de promoção de “Les Batutas”, estudada por Menezes Bastos a partir da publicidade do grupo em jornais, teve como característica principal segundo estabelecido pelo autor, o relevo do grupo como algo único e relacionado com uma identidade étnico-nacional ligada ao samba, que diferente do tango argentino –também com muito sucesso em Paris- não provinha do mundo dos brancos.

Seguindo o feito do autor em questão, considerarei que os jornais, ao serem vistos e estudados como uma voz oficial que legitima espaços, acontecimentos e ações, podem oferecer luzes muito úteis numa pesquisa do caráter desta, que envolve aspectos relacionados diretamente com a área das comunicações. Desta forma decidi que a

⁹ Além da referida imobiliária, múltiplas lojas e empresas utilizam o evento para se promover, embora seus produtos, diretamente não tenham nenhum tipo de relação com a dança, nem sejam patrocinadores oficiais do evento, mas durante o Festival, tudo tem o desenho de uma bailarina para enfeitar. Algo aparentemente contrário a uma das bases mais importantes da propaganda e da publicidade que é a criação de relações de similaridade (metáfora) e contigüidade (metonímia) entre o objeto a ser vendido e aqueles cujo valor (social) é consagrado.

informação alusiva ao evento que aparecesse nestes veículos informativos, seria para mim uma fonte privilegiada de análise.

Pinheiro Junior (2003) na resenha sobre o texto *Antropologia e comunicação*¹⁰, explora a ligação entre os diversos temas da coletânea (consumo, comportamento, produtos audiovisuais, novelas, música, literatura, relações de gênero e política do saber), salientando como o estudo da relação entre estas duas áreas do conhecimento se torna oportuno levando em consideração “a abrangência e impacto dos sistemas de comunicação e o processo de imperialismo cultural promovido, principalmente via mídia, sobre sociedades economicamente dependentes” fazendo com que “falar em comunicação sem “lembrar” da antropologia, e vice-versa, já não pareça mais possível”.

Quando voltei à cidade em 2007, procurei tanto no Arquivo Histórico do município, quanto no Instituto Festival de Dança de Joinville todo o material gráfico e jornalístico que estivesse à disposição. Nos dois lugares houve uma reação favorável à pesquisa e tive acesso a compilações (clipagens) que já tinham sido feitas com todos os recortes de jornais estaduais, nacionais e internacionais que faziam referência ao evento desde sua criação.

No Arquivo Histórico de Joinville existem esses recortes organizados em pastas sob o nome ou rótulo: “Coleção Memória da Cidade, Coleção Memória Impressa”. Para ter acesso a esses materiais basta só ir até o balcão de informação, assinar um livro de visitas, sendo lá entregues os materiais solicitados. Já no Instituto Festival de Dança de Joinville, tive que esperar a resposta ao pedido de autorização após ter entregue uma carta de recomendação expedida tanto pela coordenação do PPGAS da UFSC quanto pelo meu orientador. Após esses trâmites cumpridos e recebida a autorização para consultar os arquivos, compareci com regularidade até completar uma revisão exaustiva do material de que eles dispunham.

Meu critério de seleção e escolha das notícias a que farei menção a seguir, tem a ver diretamente com o meu interesse investigativo, sendo que estou realizando meu próprio recorte sobre um recorte que já tinha sido feito. Isso se dá principalmente, pois minha leitura é a de uma antropóloga que procura por sinais das relações entre o evento,

¹⁰ *Antropologia e comunicação* Isabel Travancas e Patrícia Farias, Rio de Janeiro: Garamond, 2003. 228p.

a política, as categorias de cultura, democracia e arte, bem como essas questões se configuraram no discurso como um grupo de ingredientes perfeitos para consolidar um evento “bem sucedido”.

JOINVILLE: A CIDADE DOS PRÍNCIPES, A CIDADE DAS FLORES, A CIDADE DA DANÇA, A CIDADE DAS BICICLETAS, A MANCHESTER CATARINENSE...

Hospedei-me com meu marido durante os meses de junho e julho de 2007 num hotel perto do centro de Joinville. Antes de aceitar essa opção, procuramos um apartamento ou quitinete para alugar, mas isso foi difícil por se tratar de um período de tempo tão curto. A opção do hotel se tornou produtiva: toalhas limpas, café da manhã pronto todo dia, TV a cabo, enfim, uma sensação de estar de férias sem estar.



Mapa da localização geográfica da cidade¹¹.

A pesquisa de campo “em casal” foi uma experiência muito interessante, principalmente porque muitas das reflexões e temas aqui apresentados, fazem parte de nossas observações e discussões conjuntas. A elaboração do diário de campo e das idéias que iam surgindo no meio do trabalho, passou por conversas antes de se converter em possíveis hipóteses da pesquisa. Assim, além de auxiliar no aspecto emocional da

¹¹ Microsoft® Encarta® 2007 [DVD]. Microsoft Corporation, 2006

companhia em um espaço revestido de ligações acadêmicas e intelectuais, se configurou como uma força e uma motivação constante, tal como descrevem Piedade (2004) e Mello (2005) sobre sua experiência de campo conjunta dedicada à música entre os Wauja do Alto Xingu. Embora Carlos e eu não estivéssemos pesquisando conjuntamente, o suporte dele como antropólogo, parceiro e amigo, foi fundamental na construção deste trabalho.

Já no primeiro final de semana em Joinville, percebemos que a cidade não apresenta nenhuma atividade nesses dias. Não há restaurantes e lojas abertos, nem mesmo carros e gente na rua. A grande maioria da população encontra-se nos shoppings. É lá que no final de semana se come, se caminha e se namora. A cidade em sua região central, concentra as atividades perto dos *shoppings centers*, sendo que os lugares que ficam afastados desses, não têm muita movimentação mesmo nos dias úteis da semana.

Joinville é uma cidade pequena mesmo sendo a maior do estado. Conta com 480.000 habitantes e sua superfície é de 1.183 km². Urbanisticamente trata-se de uma cidade que reúne no centro e redondezas a maioria dos prédios públicos de importância, como a prefeitura e espaços de interesse para visitantes como museus, praças e monumentos arquitetônicos¹². Sua história oficial, como relata Martins (2005) em sua dissertação sobre o universo musical juvenil de uma escola luterana da cidade, está relacionada com a chegada da primeira leva de imigrantes europeus (alemães, suíços e noruegueses), em 1851.

“Embora Joinville esteja historicamente ligada a essas origens, sabe-se, conforme afirma o historiador Ficker, que no século XVIII essa região já era habitada por famílias de origem portuguesa e seus escravos negros, que adquiriram grandes lotes de terra (sesmarias) nas regiões onde hoje se localizam os bairros do Cubatão, Bucarein, Boa Vista e Itaum. (Ficker, 1965 apud Ternes, 1981: 73). Sem esquecer que os inúmeros sambaquis encontrados na região atestam sinais de um povoamento indígena muito anterior (Coelho, 2004; Reis, 2004). Esse breve comentário, somente para esclarecer que portugueses, africanos e indígenas, portanto, não fazem parte da história oficial de Joinville” (MARTINS, 2005:26).

Há muitos aspectos em Joinville que não fazem parte da história oficial e do imaginário da comunidade, como relata Martins (2005). Porém, esse não é o caso do Festival de Dança. Durante nossa estada na cidade foi muito comum ouvir histórias

¹² Em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Joinville>

sobre pessoas que quando crianças participaram das primeiras versões: mães cujas filhas dançavam no evento; famílias que recebiam em casa os participantes, etc. A insistência no caráter familiar do início do evento e no fato deste se constituir num patrimônio da cidade, foi algo muito presente nos jornais e nas falas de muitas das pessoas que conhecemos no período que passamos na cidade¹³.

Na Casa de Cultura de Joinville¹⁴, por exemplo, conheci uma das professoras de dança da Escola Municipal de Balé por meio da profissional encarregada pela biblioteca. Fui apresentada como uma pesquisadora do Festival de Dança e percebi com espanto o desconforto que isso causou naquela professora. Ela me perguntou sobre os intuítos de minha pesquisa, indagando sobre minha posição perante o Festival, querendo saber se eu estava tentando defender alguma posição específica. Fiquei um pouco espantada com essa pergunta, pois achei esquisita a atitude desconfiada e desafiante com a qual ela me abordou. Tranquilamente respondi que não tinha interesse em privilegiar posição alguma, que estava apenas interessada em conhecer todas as dinâmicas do evento: como esse mexe com toda a cidade, da economia à política, passando por outras esferas. Dessa forma, a senhora encarregada pela biblioteca, ressaltou: “sim, ela quer pesquisar o aspecto social do Festival”. Com essa frase, a professora ficou menos desconfiada e falou algo que achei muito engraçado e interessante: “Ah sim, porque o Festival de Dança está muito preocupado com o social, por isso tem esses palcos abertos, onde pessoas que não têm a possibilidade de pagar o ingresso das mostras competitivas podem ter acesso a espetáculos de qualidade, porque os grupos que se apresentam nos palcos abertos também passam por um rigoroso processo seletivo...”. Foi aí que pensei: “Nossa! Esta mulher aprendeu muito bem a lição de casa...” A fala dela tinha o mesmo roteiro e conteúdo seguido pelos apresentadores destes espaços durante o evento, bem como dos discursos publicitários apresentados nos jornais, ou dirigidos pela assessoria de imprensa.

¹³ Importante sublinhar que embora existam muitos cidadãos que defendem e valorizam extremamente o evento, há também um coro de descontentes, tanto no âmbito regional quanto nacional. Muitos deles desvirtuam do evento a razão do caráter comercial que tem tomado nos últimos anos, além de não se conformar com as brigas internas pelo controle administrativo do evento, questões essas que falarei brevemente abaixo.

¹⁴ Criada em 1970, a Casa da Cultura de Joinville é um prédio administrado pela Prefeitura Municipal por meio da Fundação Cultural de Joinville. Este espaço abriga a Escola Municipal de Balé e a Escola de Artes “Fritz Alt”. Além das aulas de música, dança e artes, acontecem também exposições de artistas locais neste espaço.

O engraçado, para mim, foi perceber a inconsciência e inocência com a qual muitas vezes proferimos nossas opiniões, sendo que, o que achei interessante desde a perspectiva investigativa, foi à questão da naturalização e apropriação de um discurso sobre o Festival que faz parte do senso comum de grande parte dos habitantes de Joinville. Entretanto, entendo que isso aconteça dessa maneira na cidade (não porque não aconteça em outros espaços, países ou cidades), mas, porque a partir da experiência de estranhamento que vivenciei, consegui compreender ou pelo menos vislumbrar as motivações que fazem com que discursos enaltecendo a cidade sejam efetivos. Acho que isso tem a ver com a urgência em sentir que se faz parte de algo maior que antecede a própria existência. Este ponto será retomado abaixo.

Não é a toa que Joinville se apresente como a cidade dos príncipes, das flores, da dança, das bicicletas, a Manchester catarinense... Minha impressão é que todos estes adjetivos e complementos ao nome da cidade falam de como, para se definir na frente dos outros (interlocutores ou pares - neste caso outras cidades e municípios, na frente de um todo maior, a nação e o mundo), é necessário demonstrar que há algo de diferente e único que reveste de grandeza e importância a esta cidade e seus habitantes, que no caso, pode se dar em discursos que ressaltam a posse de um tesouro ou patrimônio cultural.

O conceito de patrimônio, além de ser importante para esta dissertação, também é uma categoria recorrente nos discursos de defesa e exaltação de outras festividades populares do Estado de Santa Catarina, como festas das tradições, dos imigrantes, versões diversas da *Oktoberfest*, etc. É importante explorar esse conceito, porque carrega intrinsecamente a idéia de herança que por sua vez, é ligada de alguma forma com a noção de folclore como algo do “povo” (com uma âncora no passado) e que junto com cultura, é utilizado em diferentes discursos para se referir a algo que precisa ser resgatado, fomentado e protegido.

Lembro que durante os “Seminários de dança”, evento didático-pedagógico do Festival em 2007, chamou minha atenção uma frase da palestra de Maria Bernadete Ramos Flores, professora de História da UFSC, convidada para falar sobre a construção de registros e biografias da dança e dançarinos no Brasil. Sua frase ressaltava que em pesquisas sobre questões ou objetos estéticos, era necessário entender que o

acontecimento não é nunca estático. Patrimônio, pelo contrário, é pensado e referido como algo acabado e cristalizado, embora tangível ou intangível, ou seja, uma construção acabada e perfeita que deve ser cuidada, pois é frágil... Isso a meu ver atinge muitas vezes a interação das sociedades, fechando-as e gerando atitudes intolerantes, auto-referenciadas e empobrecidas, pois negligencia a idéia das sociedades como espaços dinâmicos, em construção e reconstrução constante.

Flores (1997), no seu texto sobre o *Oktoberfest*, relata como na cidade de Blumenau foi rejeitada a escola de samba que o SESI (Serviço Social da Indústria) estava oferecendo levar. Os governantes da cidade argumentaram que não era conveniente ter uma escola de samba em Blumenau, pois isso poderia prejudicar a imagem germânica do município.

Já no interior das dinâmicas do Festival em Joinville, a crítica de dança Suzana Braga, questionou há pouco mais de uma década, a incorporação de dança do ventre e dança de rua nas mostras competitivas argumentando "... isso não faz parte da nossa cultura..."¹⁵.

Seguindo a linha dos dois exemplos citados acima, parece que quando se fala em cultura e patrimônio no âmbito público, estas noções estão ligadas à existência de um bem ou uma manifestação que tem algo de essencial, ancestral e de profundo valor no seio da sociedade que o possui, algo que é fundamental manter e resguardar como conhecido e legitimado sob o risco da desvirtuação ou desvalorização dos elementos fundantes de dita sociedade. É importante sublinhar novamente aqui que, tanto cultura quanto patrimônio, são categorias revestidas de grande relevância econômica em distintas sociedades. Na América Latina, por exemplo, as ruínas das antigas civilizações nativas como Incas, Astecas e Maias, não só são apresentadas como o legado ancestral dos habitantes originários, numa tentativa (quase sempre bem sucedida) de gerar orgulho e sentido de pertença nas gerações presentes. Esses patrimônios nacionais também representam uma importante porcentagem do PIB destes países onde ironicamente, o motivo do lucro, quer dizer o legado e a herança nativa americana, beneficia principalmente as elites (não indígenas) donas e possuidoras da infraestrutura e/ou empresas que suportam e atendem a demanda turística.

¹⁵ Jornal A Notícia 2 de Agosto de 1995.

“La marca país 'Perú, tierra de inkas' ocupa el primer lugar como destino exótico, según un estudio de Futurebrand. El turismo es la tercera actividad económica de Perú, aporta 5,9% del PIB y emplea a 10,8% de la población”¹⁶.

Seguindo esse sentido e discussão, durante a palestra ocorrida nos “Seminários de dança”, a professora Flores no final de sua fala, abordou questões sobre tradição e modernidade, fazendo referência à perspectiva da política brasileira que pensa a nação como algo moderno sem perder a tradição, bem como o nacional sem perder o estrangeiro. No Festival, há certa evidencia disso, sendo a dança esse objeto estético que emerge nos discursos normalmente revestido de um caráter patrimonial, emblemático da cidade e que possui uma relação que vai desde a tradição (exemplificada nas referências à história do evento e seu sucesso graças à hospitalidade da população e seu amor pela arte e cultura -característica própria do povo alemão-), até o moderno e contemporâneo, exemplificado no crescimento constante do evento em termos de infraestrutura, economia e participantes, como sugere a citação da revista abaixo referenciada.

Revista Dimensão, Curitiba Paraná # 39, Julho 1999.

(Manchete: Política cultural estimula o turismo, o prefeito de Joinville destaca a importância do Festival de dança), por: Maria Cristina Dias.

“Integrado a uma política cultural dinâmica que se apropria dos valores dos novos fluxos migratórios e os alia às tradições dos povos colonizadores, o Festival de Dança de Joinville criou uma tradição de turismo no mês de julho, aquecendo a vida econômica na cidade em uma época antes considerada de baixa estação...”.

(grifos meus)

Os dois conceitos, tradição e modernidade, estão sendo estudados por mim conforme seu uso pelos “nativos” do Festival, entretanto, do ponto de vista das ciências sociais, estes têm sido amplamente discutidos como consta, por exemplo, no trabalho de E. Hobsbawn & Terence Ranger: “A invenção das tradições” (1984).

Ao longo do texto, os autores demonstram como essa dinâmica da invenção é um elemento importante de estabilidade para sociedades imersas em rápidos e profundos processos de mudança. Surge desta forma, a criação e/ou recriação de crenças, ritos e práticas que dão continuidade à história e vida de um grupo ligando o presente com o passado. O passado aparece como uma fonte de inspiração de onde são colhidos símbolos adequados para representar certos interesses. Já no marco da tradição, se

¹⁶ Em: <http://capacitacionencostos.blogia.com/2006/120805-la-receta-de-peru-para-construir-una-marca-pais-exitosa.php>

exaltam e inculcam valores e regras de comportamento à sociedade, gerando, desta forma, imaginários sobre o dever ser.

No Festival de Dança de Joinville, tradição e modernidade aparecem constantemente nos discursos produzidos sobre e pelo evento, envolvendo matizes regionalistas e tentando salientar a valorização e importância do Festival para a comunidade de Joinville. Alguns exemplos podem ser obtidos em citações dos jornais que fazem referência ao aspecto patrimonial do Festival, como o apresentado e reivindicado por dirigentes políticos do município em momentos de importantes contendas político-administrativas que marcaram a história do mesmo, como o que segue abaixo:

Jornal a Notícia 17 de fevereiro de 1995.

Nota oficial: A prefeitura municipal de Joinville garante que o Festival de Dança deste ano será realizado dentro da mais completa normalidade. A estrutura do festival será mantida por pessoas competentes e conhecedoras profundas do evento. Empresas, órgãos oficiais, grupos de dança e centenas de colaboradores já garantiram apoio ao Festival de Dança, que promete para este ano um espetáculo inesquecível. *O Festival de Dança é um patrimônio de Joinville*. Wittich Freitag, Prefeito Municipal.
(grifos meus)

Jornal A notícia 27 de julho de 1995.

“...O FDJ de 1995, ameaça de não sair em razão da crise desencadeada com a demissão de Albertina Tuma. A edição deste ano foi facilitada em razão de patrocínios obtidos e de investimento da administração municipal, que este ano assumiu o evento como desafio político...”.

As mudanças administrativas na organização do evento no ano de 1995, principalmente às que fazem menção superficialmente as duas notas de jornal acima (fundamentalmente a demissão da até então coordenadora do evento, Albertina Tuma), provocaram revoltas entre várias pessoas envolvidas na criação e realização do Festival, assim como entre membros da comunidade joinvillense em geral. Somado as pessoas que partilhavam a necessidade de uma mudança administrativa no evento, houve uma quantidade significativa de pessoas que ficaram indignadas com a demissão de alguns funcionários da Casa da Cultura, berço do Festival.

Jornal a Notícia 17 de fevereiro de 1995. Cartas ao prefeito.

“...O festival não pode estar na mão de uma pessoa só,¹⁷ que dele se apossou para ocultar interesses... Por outro lado, a importância desse evento não deve significar a supressão

¹⁷ Se referindo a Albertina Tuma, uma das criadoras do evento. O outro criador foi Carlos Tafur, bailarino colombiano e professor de dança da Casa da Cultura em Joinville que participou da criação e organização do evento até 1985, ano em que saiu desta função, sem maior informação nos jornais. Tentei obter mais informação sobre seu paradeiro atual, mas não consegui informação alguma.

das outras atividades artísticas, fato que vem ocorrendo desde suas primeiras edições, quando praticamente todas as verbas do orçamento municipal destinadas ao setor artístico – cultural e grande parte dos patrocínios conseguidos junto às empresas acabaram desviadas para o festival... Evidente que o festival, mais do que um evento cultural, tem se caracterizado como um evento turístico...”.

Mesmo assim, com disputas e tensões, o Festival tem sido realizado sem interrupções nestes últimos 25 anos e, tanto os realizadores e defensores do evento, quanto os administradores do poder público, apelam com frequência a falas referentes ao valor e importância deste como parte da tradição regional e patrimônio cultural da cidade.

MAIS ALGUNS DADOS PERTINENTES.

Parte do trabalho realizado em Joinville durante minha segunda estada foi, como mencionado acima, uma revisão bibliográfica no Arquivo Histórico da cidade e na biblioteca da Casa da Cultura. Nesta última, apesar de ter poucos livros e informação sobre o Festival de Dança, achei alguns textos interessantes, um deles intitulado “Joinville, cidade em dados 2001/2002”, da Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville e editado pela Prefeitura Municipal, contendo várias informações e estatísticas sobre o desenvolvimento e crescimento da cidade. O informe abria com um discurso de apresentação do então Prefeito Luiz Henrique da Silveira (PMDB)¹⁸.

“... Certos de estarmos contribuindo para a promoção do conhecimento, da cultura, da cidadania e da auto-estima local... continua a materialização de diversas obras e ações decisivas que formam o suporte físico a este aprimoramento à comunidade como o Centreventos Cau Hansen, as novas escolas municipais, a sede da Escola Teatro Bolshoi no Brasil... entre tantas outras ações... uma sólida base para conduzirmos Joinville cada vez mais adiante em seu desenvolvimento...”

Interessante notar que duas das ações que ele sublinha na abertura desse livro têm a ver diretamente com a área cultural da cidade (O Centreventos Cau Hansen e a Escola Teatro Bolshoi). Também enfatiza em uma outra categoria, muito recorrente e presente nas falas sobre dança, arte e cultura no município, salientando que estas fomentam o desenvolvimento de Joinville.

¹⁸ Infelizmente não foi possível ter acesso a um texto com dados mais recentes, pois segundo informou a encarregada da biblioteca na Casa da Cultura, não tinham recebido até então essa publicação.

O texto também continha comparações do Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* em Joinville:

Ano	R\$
1981	4.279.15
1990	11.261.00
2000	16.367.00

Fonte: Estimativa DEE/ACIJ Perfil 1999 pp. 43

Seguindo as datas é possível observar que na década de 1981 a 1990, houve um incremento significativo no PIB da cidade, proporcionalmente maior do que na década seguinte (1990-2000). Interessante notar que a primeira década citada coincide com o início e estabelecimento do Festival de Dança em Joinville, motivo pelo qual é possível pensar e vislumbrar uma provável relação entre este evento, o mercado e a política cultural do município, cujo impacto na economia da região é refletido, por exemplo, tanto pelo interesse de diversos patrocinadores regionais e nacionais em aparecer e participar nele, quanto pelo crescimento da rede hoteleira na cidade. O valor do Festival mesmo que simbólico, no sentido de ícone de pertença e identidade da cidade (patrimônio), não estaria desligado de um valor de lucro em dinheiro.

Não é à toa que já no 15º aniversário do Festival de Dança de Joinville, em 1997, se lançou um livro contendo “os melhores momentos” do evento. Escrito por Suzana Braga, Joel Gehlen e Paulo César Ruiz¹⁹, o livro contém fotografias e relatos do que os autores acharam mais significativo no decorrer desses 15 anos. A apresentação do texto escrita por Luiz Henrique da Silveira, fala do evento como “o maior do mundo com toda certeza”, embora a data oficial de reconhecimento de sua “grandeza” pelo *Guinness Book of Records*, tenha sido o ano 2005. Esse tema será aprofundado mais adiante.

Os autores reconhecem a dificuldade da realização de um evento fora do tradicional triângulo cultural composto por Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, atribuindo o sucesso do evento em Joinville, “um lugar ao sul”, à hospitalidade e sensibilidade dos empresários que apoiaram “a garra dos pioneiros”.

¹⁹ Respectivamente, jornalista e crítica especializada em dança, jornalista editor e diretor da Editora Letra D'Água, jornalista e comentarista do Festival de Dança de Joinville em vários jornais.

O livro em geral é composto da nomeação de personalidades que triunfaram após participar no Festival, é a história das viagens e triunfos aos Estados Unidos, França, Alemanha e Japão por parte de ex-participantes do evento. Além disso, conta também uma série de dados curiosos, gafes e fofocas acontecidas nos 15 anos do mesmo.

Politicamente um dado interessante relatado superficialmente pelo livro e brevemente mencionado acima, foi a mudança administrativa que sofreu o evento em 1995, quando modificou sua estrutura diretiva. O livro fala de como se retiraram da cena os voluntários que vestiam a “camisa do evento” recebendo em troca um sanduíche, e entrou em cena o pessoal de apoio que passou a ser contratado. Da mesma forma fala da mudança do trabalho de “respeitados profissionais no país que eram pagos com gentileza, flores e chocolate”, que passaram a ser parte da folha de pagamento do evento. Segundo os autores, em 1995 o perfil do Festival mudou, sendo que não havia mais voluntários pela cidade, pois tinham assumido uma atitude de “viúvos de Albertina²⁰”.

No mesmo ano foi produzido um texto por parte do Arquivo Histórico da cidade intentando relatar e contextualizar o Festival de Dança de Joinville. Neste, estavam à introdução, palavras do então prefeito Luiz Henrique da Silveira, do Presidente da Fundação Cultural, Edson Bush Machado²¹ e da Assessora Técnica do Arquivo, Hellena Remina Richlin.

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville,
Fundação Cultural, Arquivo Histórico, n 15. Julho de 1998. Edição especial
JOINVILLE A CAPITAL DA DANÇA

(História do Festival de Dança de Joinville desde sua criação até a 15ª edição).

“Joinville, cidade atípica... *sua cultura nitidamente germânica* possui também algo da aristocracia francesa e da realeza portuguesa-brasileira... Apesar de ser uma cidade do interior, Joinville é muito maior em número de habitantes que sua capital, Florianópolis. *A colonização, principalmente alemã, é nitidamente percebida ainda nos dias de hoje, seja em elementos concretos como sua arquitetura, sua alimentação e suas pessoas com características genéticas nitidamente germânicas: cabelos, olhos e pele clara, bem como em elementos etéreos como a disposição para o trabalho, uma marca característica do povo joinvillense...* em fim, Joinville é uma cidade que faz questão de preservar suas raízes e sua cultura... Realizar um percurso através das várias edições do Festival de Dança de Joinville trata-se não apenas de resgatar uma parte da história da cidade mas também de contar um pouco da própria história da dança nacional... é também há mais de uma década que a própria cidade se transforma durante o mês de julho, apesar do frio e da chuva geralmente constante...Um ritmo de ebulição cultural, de alegria

²⁰ Albertina Tuma, uma das criadoras do evento junto com Carlos Tafur. O episódio da saída dela da organização e coordenação do evento é ainda um tema que a constrange muito, como manifestou na entrevista que me deu.

²¹ Atual diretor geral da Fundação Catarinense de Cultura.

contagante, característica de um povo que se orgulha em prezar pela qualidade naquilo que faz”.
(grifos meus)

Este texto produzido pelo Arquivo Histórico da Cidade dá conta da construção e naturalização de fatos e categorias. O relato invoca e aduze características “ínatas” ao povo joinvillense, entendendo-o como um todo unificado, e atribuindo disposições específicas para justificar e explicar um evento como o Festival de Dança, valendo-se de recorrências genéticas pertencentes a um povo determinado.

Desta forma, fica claro como eventos deste tipo são arenas que dispõem favoravelmente e auspiciam discursos evocadores de valores baseados em interesses políticos, uma vez que salientam e exaltam aspectos determinados, omitem e negligenciam outros. Entretanto, a etnicidade não é a única recorrência a manifestar vieses políticos neste tipo de eventos como tentarei mostrar ao longo desta dissertação.

UM RELATO DA HISTÓRIA DO EVENTO

Na entrevista realizada com a atual coordenadora executiva do Festival de Dança de Joinville, Sra. Iraci Seefeldt, conversamos sobre datas e dados importantes na história do evento. Seefeldt é a única pessoa autorizada para falar sobre o Festival desde o Instituto que o realiza, sendo sua voz e sua versão oficiais e legítimas. Para falar com ela tive que pedir autorização, marcar uma data e um horário, assim como apresentar para a coordenadora operacional, Sra. Karim Coletti, uma lista das questões e perguntas que faria. Na continuação encontram-se partes da entrevista realizada ligadas como um texto só, mas fiéis ao que foi por ela falado.

A história de Seefeldt no Festival começa em 1994, quando ela enquanto estudante de jornalismo conseguiu uma vaga de estágio na empresa de assessoria de imprensa que trabalhava para o Festival de Dança. Trabalhou como estagiária um ano e no seguinte já estava contratada integrando assim a equipe. Em 1996 a empresa joinvillense “EDM Logos”, não prestou o serviço perdendo a licitação para outra

empresa da cidade, cuja existência só durou um ano²². Sendo então que no ano de 1997 a “EDM Logos” retomou e Seefeldt continuou na equipe de assessoria de imprensa até o ano 2000.

No final desse ano pela experiência que tinha, já conhecia muito da organização do evento e foi convidada para assumir a coordenação executiva do Festival de Dança. Desde 2001 ficou na frente da coordenação e em 2007 passou à diretoria.

Quando perguntei sobre a história das mudanças administrativas do Festival, ela me contou que em 1983 o evento tinha sido criado e sustentado pela Prefeitura dentro da Casa de Cultura que faz parte da Fundação Cultural. Até 1998, o Festival de Dança de Joinville foi realizado pela Prefeitura, através da Fundação Cultural, mas envolvendo também a Secretaria de Educação, a Fundação Municipal de Esportes, a PROMOTUR (Fundação de Promoção e Planejamento Turístico de Joinville) e o gabinete da Prefeitura, entre outros²³.

Mas acontecia que segundo Seefeldt, o evento era de grande porte e a cada dia ia crescendo mais, então acabava tomando muito do orçamento e da mão de obra da Prefeitura durante três ou mais meses por ano, pois nesse período mais de 100 pessoas não faziam outra coisa a não ser cuidar do Festival de Dança. Enquanto isto, as outras questões relacionadas ao esporte, cultura, turismo e educação, dentro da Prefeitura, acabavam ficando de lado, isso sem falar dos recursos financeiros do Município, da infra-estrutura e do dinheiro que eram necessários de investir no evento.

O evento nunca foi rentável para a Prefeitura, e por ser gerido num modelo de administração pública, se tornava muito mais burocrático. “As negociações nunca eram muito objetivas”, enfatizou Seefeldt, se referindo ao fato de que nem sempre as empresas contratadas para determinadas licitações eram as mais indicadas para isso. Por

²² Segundo relatado por Seefeldt no decorrer da entrevista, em Joinville houve várias tentativas de pôr a funcionar empresas de publicidade e assessoria de imprensa que não deram certo. São criadas, funcionam durante um determinado evento e logo depois desaparecem.

²³ Os prefeitos e partidos no poder durante a história do evento foram sucessivamente: Wittich Freitag (PFL) 1983-1988, Luiz Gomes (PPR) 1989-1992, Wittich Freitag (PFL) 1993-1996, Luiz Henrique da Silveira (PMDB) 1997-2000, Luiz Henrique da Silveira (PMDB) 2001- 2002, Marco Antônio Tebaldi (PSDB) 2002-2004, Marco Antônio Tebaldi (PSDB) 2005-2008.

exemplo, a Fundação Cultural não podia contratar uma empresa apenas para realizar um evento, “tinha que ter uma licitação para o ano inteiro”, explicou Seefeldt.

Já no referente aos patrocínios, ela declarou que era mais difícil obter um patrocinador de mercado que quisesse colocar sua marca no evento, se contentando com a propaganda como contrapartida, pois quando o evento era de caráter público, era mais provável que as empresas achassem que podiam conseguir alguma coisa do poder público em troca.

Seguindo essa lógica, Seefeldt explicou que na antiga administração (pública), era necessário repassar muitos recursos das verbas de cultura do Município para a realização do Festival, sendo que a venda de ingressos nunca tem sido suficiente para subsidiar a realização do evento. Os ingressos, assegurou ela, representam em média um quarto dos custos totais do mesmo.

Na atualidade, manifestou Seefeldt, os três milhões de orçamento utilizados no evento, são em sua grande maioria patrocínio, já que a bilheteria não paga o espetáculo e a inscrição dos cursos não paga o professor. “Sempre se precisa de mais patrocínio, porque a despesa continua e aumenta a cada ano: impostos, passagens aéreas, hospedagem, alimentação, segurança, cachê de professor, etc.” salientou ela.

Voltando na história do evento, em 1998²⁴, segundo Seefeldt relatou, se chegou à conclusão que o Festival já era um evento crescido, no sentido de estar consolidado e que já contava com certo prestígio regional e nacional. Também, que a Prefeitura já tinha feito sua parte no processo, promovendo o desenvolvimento de um evento importante para a cidade, mas que esta entidade não tinha mais que bancar isso. Dessas constatações surgiu a proposta da criação de um instituto, ainda muito vinculado à Fundação Cultural para fazer essa transição, mas principalmente para começar a captar recursos e administrar o evento. Assim, essa responsabilidade foi tirada da prefeitura, “não na questão da participação, apenas dos recursos” afirmou Seefeldt no seu depoimento.

²⁴ Sob o mandato do então prefeito Luiz Henrique da Silveira (PMDB).

Foi aí que entraram duas empresas para realizar esse trabalho, porque o Instituto já tinha sido criado burocraticamente, mas não havia funcionários, nem bens, nem capital. O Instituto Festival de Dança de Joinville foi instituído em dezembro de 1998. Em 1999, a três meses do evento, foram convidadas duas empresas com experiência em organização: a “EDM Logos” (que já fazia a assessoria) e a “Calvin” (que já tinha participado de processos de licitação no Festival).

Em Joinville não havia empresa com perfil de produção em artes cênicas e a “Calvin”, a empresa que criou e organizou sempre o Festival de Teatro de Curitiba, foi a escolhida. Então, em 1999 se criou uma parceria com a “EDM Logos” para realizar o Festival, captar recursos e reconstruir o modelo de administração, passando de um modelo de administração pública para um de administração privada.

Nesse mesmo ano foi constituído o conselho artístico e nesse novo modelo se criou uma curadoria, tentando dar um direcionamento artístico ao evento, porque tanto a “Calvin” quanto a “EDM Logos” não tinham experiência em dança. Estas empresas aportaram o conhecimento da parte técnica na organização de eventos, mas para a direção artística do projeto, era necessário ter a supervisão de profissionais de dança.

No ano 1999 Seefeldt estava na assessoria, mas acompanhou bem de perto a organização e produção do evento. Segundo ela relata, o Festival caiu de um orçamento de mais de três milhões de reais em 1998 para um de um milhão e meio. O evento foi realizado, mas ficaram muitas dívidas, sendo que para as empresas organizadoras, era um contrato de risco, pois seu compromisso inicial era conseguir subsidiar e realizar o evento para, a partir daí, obterem ganhos.

Já a edição do evento no ano 2000 foi um pouco melhor e mais tranquila, segundo Seefeldt, mas no ano 2001 o Festival ainda tinha tantas dívidas em decorrência dessa transição, que a Prefeitura Municipal de Joinville teve que entrar novamente apoiando com alguns custos. Nesse mesmo ano se começou a investir, e segundo a entrevistada relatou, o Festival deu início à mostra de dança contemporânea e à realização de cursos, tendo assim um crescimento em estrutura, padronização e remuneração para as equipes de trabalho.

Desde então as duas empresas (“Calvin” e “EDM Logos”) fazem andar o Festival com assessoria do conselho artístico e sempre com a supervisão da Fundação Cultural. “Já no início do ano de 2007 o Instituto chegou à conclusão de que como estava fortalecido, era possível dar um novo passo, se abrindo mais à participação da sociedade civil” porque, segundo explicou Seefeldt, “a organização do evento sempre tem tido claro que o Festival é um acontecimento da cidade de Joinville e não da prefeitura, nem de uma pessoa ou uma empresa. Sendo da cidade, porém administrado por pessoas que cumprem o papel de fortalecer um evento para Joinville, sabe-se que se algum dos membros da organização sair, o Festival deve permanecer”.

Segundo o relatado por Seefeldt, o novo modelo que está sendo proposto tenta converter o Instituto numa organização social²⁵. Nesse caminho está sendo constituído um conselho de administração onde 30% dos membros provêm do poder público e 70% da sociedade civil. Este conselho cumpre o papel de supervisionar, mas não de realizar o evento.

Nesse processo, a “EDM Logos” se retirou da organização do evento como pessoa jurídica, e o Instituto passou a presidência para Ely Diniz da Silva²⁶, dono da mesma empresa e que passou a atuar como pessoa física. Seefeldt, que trabalhava nessa mesma empresa, saiu e passou a prestar serviços para o Instituto Festival de Dança de Joinville por meio de uma empresa criada para esse fim, chamada Arte Brasil. A criação dessas empresas e as transições administrativas acontecidas na história do evento, dão conta dos arranjos políticos e econômicos subjacentes ao funcionamento de um espaço que, como o Festival de Dança, mexe com questões e interesses além do seu aparente foco ou razão de ser (no caso dança), e elucida os aspectos gerenciais e de direção presentes no que é conhecido como indústria cultural²⁷.

²⁵ Organização Social é uma qualificação dada às entidades privadas sem fins lucrativos (associações, fundações ou sociedades civis), que exercem atividades de interesse público. Esse título permite que a organização receba recursos orçamentários e administre serviços, instalações e equipamentos do Poder Público, após ser firmado um Contrato de Gestão com o Governo Federal.

Em: <http://pgpe.planejamento.gov.br/os.htm>

²⁶ Ely Diniz da Silva Filho, sócio-diretor da EDM Logos Comunicação Corporativa (empresa que durante os últimos anos tem prestado o serviço de assessoria de imprensa para o Festival de Dança de Joinville), foi desde o ano 1999, diretor executivo do evento em questão. Junto com a equipe de Coordenação Executiva, respondeu pela organização, administração e gerenciamento. A partir do ano 2007 é o presidente do Instituto Festival de Dança de Joinville.

²⁷ Este conceito, originalmente utilizado pela Escola de Frankfurt e particularmente por Adorno para se referir à produção de objetos e eventos dirigidos ao consumo das massas, na atualidade pode ser visto e lido como sinônimo da indústria do entretenimento que inclui televisão, rádio, cinema, livros, discos,

Esse contrato foi aprovado por um conselho fiscal, e no segundo semestre de 2007, a organização do evento deveria prestar contas de tudo. Segundo o novo modelo, o conselho dirige a elaboração de um contrato de gestão com o município de Joinville, onde todas as cláusulas de sustentação do Instituto sejam transparentes, como por exemplo, a publicação dos valores dos salários segundo critérios públicos estabelecidos. O Instituto continua tendo uma administração privada, mas com um caráter de visibilidade e transparência público, assegurou Seefeldt.

Segundo ela, para estabilizar as transformações que estão sendo aplicadas é necessário tempo. Com um prazo mediano, a idéia é ter um Instituto consistente, com participação da comunidade, garantindo que caso haja uma mudança política na Fundação, na Prefeitura, ou no Governo do Estado, o evento sobreviva independente das vontades políticas.

“A interferência política” acrescentou Seefeldt, “continuará existindo, mas não será tão forte porque nesse novo conselho há pessoas da comunidade, professores, pessoas vinculadas a Câmara de Lojistas²⁸, pessoas que olham pelo bem da cidade”, explicou ela.

O conselho tem como papel garantir que o evento tenha continuidade, bem como que nada nem ninguém prejudique o bom andamento das atividades. Ele se reúne duas vezes por ano ou em sessões extraordinárias no segundo semestre para aprovar o relatório de atividades do Festival, o planejamento do ano seguinte e, no começo do ano, para aprovar as contas do ano anterior.

Voltando cronologicamente na história do evento, perguntei a Seefeldt pelo contrato inicial que tinha sido feito em relação à contratação da assessoria de imprensa. Indaguei sobre quais tinham sido as motivações do evento para solicitar esse serviço, levando em consideração as transformações administrativas do Festival e como, uma empresa, que inicialmente prestava um serviço, com o tempo veio se posicionar como

peças de teatro e dança entre outros. Trouxe a noção de indústria cultural ciente de suas polêmica e das controvérsias que suscita, pretendendo aprofundar brevemente sobre esta mais adiante na dissertação.

²⁸ A Câmara de Dirigentes Lojistas de Joinville é uma entidade encarregada de representar os interesses das empresas varejistas do município (associadas à mesma) perante o poder público e a comunidade em geral. Dentre seus objetivos e missão ressaltam o fortalecimento e desenvolvimento do segmento empresarial por eles representado.

Em: <http://www.cdljoinville.com.br/index.php?cat=institucional&subcat=apresentacao>

“cabeça da direção”, da organização e coordenação do Instituto que realiza o evento. Ela respondeu que entre os anos 1983 e 1987, a Prefeitura de Joinville começou a fazer licitações para os principais eventos da cidade. A Prefeitura sempre fazia licitação para o trabalho de assessoria de comunicação e contratava duas empresas, sendo uma de publicidade e outra de assessoria de imprensa. A “EDM Logos” entrava nesse processo em concorrência com outras firmas, mas um fato que era sempre muito importante, segundo Seefeldt colocou, era o de que a “EDM Logos” mantinha seus impostos, o preço e sua regularidade fiscal. Além disso, era a única assessoria de imprensa estável na cidade, sendo que as de outros municípios orçavam valores muito altos.

A “EDM Logos” acabou fazendo também o trabalho de assessoria quando foi lançado o livro comemorativo dos 15 anos do Festival. Isso se deu porque grande parte das informações utilizadas para escrevê-lo estava disponível no arquivo deles devido ao fato de que, além entregarem a original da clipagem, guardavam uma cópia em seus arquivos. Muito desse material se perdeu nessa história de mudanças administrativas, mas na “EDM Logos” estava o arquivo intacto, sendo este posteriormente doado ao Instituto Festival de Dança de Joinville (é esse material que consegui acessar).

Seefeldt comentou que quando foi proposto o nome de Ely Diniz da Silva para presidente do Instituto, a decisão foi discutida pelo conselho administrativo, porque ele enquanto presidente, contratando sua empresa para prestar um serviço, ficava um tanto estranho, mas a decisão foi que não se poderia penalizar um serviço de qualidade que a “EDM Logos” havia prestado por todos esses anos ao Festival. O argumento utilizado por Seefeldt foi de que, a “EDM Logos” faz um serviço durante o ano todo (intensificado nos meses de maio, junho e julho), mas que garante que em qualquer momento que um jornalista entre em contato com a organização do evento, possa conseguir informações atualizadas.

Na continuação perguntei a Seefeldt pelo fornecimento das informações que são repassadas aos veículos de imprensa. Ela relatou que a responsabilidade disso recai na equipe interna do Instituto e no Conselho Artístico²⁹: “O pessoal da assessoria fica

²⁹ O Conselho Artístico é o espaço consultor das decisões referentes ao conteúdo artístico do Festival. Ele está constituído por especialistas em dança, tanto críticos e estudiosos quanto bailarinos. É nomeado pela diretoria do Instituto e mudado a cada dois anos. É sua responsabilidade “...trazer sugestões que contribuam para a formatação técnica e artística do evento, como revisar o regulamento das mostras,

muito tempo em contato com todos eles, pesquisando e perguntando sobre novidades” comentou.

Quando nos jornais aparecem notícias sobre o Festival, por exemplo, a maioria das vezes estas informações foram fornecidas pela assessoria de imprensa, que cumpre a tarefa de motivar pautas e o interesse dos veículos informativos. Normalmente o que é feito pela assessoria é a redação de um texto jornalístico que é enviado para os diferentes veículos de imprensa. Alguns veículos reproduzem a notícia tal qual, então há vários jornais com o mesmo texto e a mesma notícia (fato que constatei inúmeras vezes durante minha pesquisa); outros jornais tomam aquela informação como base e fazem a sua própria reportagem. Isso, segundo explicou Seefeldt, depende muito da estrutura do veículo de imprensa. “A função da assessoria não é escrever para o jornal, mas sim repassar informação” enfatizou.

A assessoria através da clipagem, também faz o monitoramento das informações que são publicadas sobre o cliente, neste caso o Festival, e quando é veiculada uma informação distorcida ou incompleta, prejudicando a imagem do evento, a assessoria de imprensa produz um texto aprovado pela diretoria do Instituto (responsável pelo planejamento, execução, administração financeira e captação de recursos para o Festival de Dança, bem como pelo funcionamento do Instituto Festival de Dança de Joinville), e essa informação é repassada para o jornalista que publicou a nota considerada errada; e assim há um diálogo constante entre a assessoria e a mídia.

A assessoria de imprensa também tem a tarefa de pensar as pautas, fazer sugestões e decidir sobre o que divulgar entre os milhões de acontecimentos que se passam na organização e realização de um evento como este, ou seja, o que é notícia e o que não é. “Algumas informações não precisam ser de domínio público”, afirmou Seefeldt, sendo que muitas vezes uma informação só é de interesse do participante, do cursista ou do professor, não sendo, dessa forma, uma notícia que interesse ao público em geral. Seefeldt falou que minha pesquisa de mestrado, sendo a primeira sobre o evento poderia ser registrada como uma matéria, “pode se considerar uma nota

fazer a seleção dos grupos, indicar professores, jurados, companhias convidadas e outros projetos e ações especiais que podem enriquecer o conteúdo técnico-artístico do evento”.
Em: <http://www.festivaldedanca.com.br/site/br/organizacao.asp>

interessante, um fato inusitado, não uma grande matéria, mas um fato que chama a atenção de um colunista”³⁰ acrescentou.

Seefeldt falou também sobre a mudança acontecida nos relatos da imprensa local, pois segundo ela, antigamente se falava muito de coisas operacionais, “probleminhas” da cidade: como que a van que iria buscar os dançarinos não funcionou, que o chuveiro do alojamento estragou, etc. Segundo ela, de 2004 para 2007, o perfil do texto se modificou, deixando de se preocupar com os pormenores da organização do evento, para começar a falar sobre dança, sobre cursos, bem como começaram a entrevistar professores. Seefeldt afirmou que agora está se falando mais sobre “arte” e menos sobre “organização e burocracia”. Acrescentou que durante o Festival os professores, grupos e conselho artístico, dão muito mais entrevistas do que os membros da organização, e isso, considera ela, “é interessante porque o assunto do Festival é dança e não a organização do evento”.

Mudando um pouco o assunto perguntei a ela pela relação entre a Escola do Teatro Bolshoi (que tem sede em Joinville), e o Festival de Dança. Ela então relatou que quando o Bolshoi veio se apresentar a convite da prefeitura, os dançarinos da companhia se encantaram com o evento, sendo isso muito comum, segundo manifestou, “já que as pessoas que vêm de fora do Brasil ficam encantadas porque igual ao que a gente tem aqui não tem em outro lugar” disse.

Na época, a direção do Bolshoi da Rússia estava com um projeto de expansão e já estavam negociando com outros países a instalação de escolas. O então prefeito, Luiz Henrique da Silveira, propôs para a direção do Bolshoi instalar em Joinville uma dessas escolas, e a partir daí, começaram as negociações, pois segundo Seefeldt, Luiz Henrique da Silveira é admirador do balé clássico tendo uma paixão antiga com isso. Como na época a Prefeitura já tinha colocado o Festival “para andar sozinho”, Seefeldt manifestou que decidiram investir em um outro projeto: numa parceria entre a Prefeitura, via Fundação Cultural com o Teatro Bolshoi da Rússia, com o intuito de implantar uma escola na cidade.

³⁰ Importante sublinhar que dias depois de realizar essa entrevista com Seefeldt, fui contatada por uma jornalista do Diário Catarinense, Karem Rui, que manifestou estar interessada em escrever uma nota sobre minha pesquisa. Combinamos uma data e horário e fui entrevistada, saindo a nota no Diário Catarinense num caderno especial sobre o Festival dia 21 de julho de 2007.

Seefeldt acrescentou que a relação entre os dois, Prefeitura de Joinville e Teatro Bolshoi da Rússia, é institucional, porque ambos trabalham com o mesmo elemento de formas diferentes e são independentes, mas sempre “tentando andar juntos”. Durante o Festival, por exemplo, a Escola cede suas salas para cursos e o Festival, em contrapartida, sempre busca uma forma de participação da Escola no evento: “a gente sempre está próximo, tentando trabalhar conjuntamente pelo fortalecimento da cidade, porque o Festival é um evento, por mais que a gente trabalhe o ano inteiro ele interfere realmente na vida das pessoas durante o mês de julho e um evento é isso; um evento tem data de início, meio e fim; deixa muitas coisas para a cidade, desde a parte econômica até a parte cultural”, comentou Seefeldt.

Joinville tem se transformado num cenário de eventos graças ao Festival: “ele vem aqui e dá uma mexida na cabeça de todo mundo na cidade e daí todo mundo fica meio em suspenso em Agosto... Eu sou joinvillense, então vivo isso muito, apesar de trabalhar aqui no evento que é outra ligação”, enfatizou Seefeldt.

Sobre minha pergunta das possíveis ligações e relações entre o Instituto, o evento e a política local, ela falou que achava que não interferia muito, que o relacionamento entre as diferentes instâncias era bastante intenso o ano inteiro por causa da ligação do Instituto Festival de Dança com a Fundação Cultural, mas sem nenhum tipo de ação. Ela disse também que o relacionamento deles “é bom e de confiança”, acrescentando que a relação existente entre as instâncias é mais de parceria³¹. Segundo Seefeldt, a Prefeitura por meio da Fundação Cultural é bastante presente no evento, pois “está a cargo de supervisionar as atividades da equipe organizadora do Festival, assim como de inspecionar o retorno econômico e o impacto do mesmo para a cidade, a participação democrática, a resposta nos bairros, o funcionamento dos palcos abertos, e os projetos que envolvem a comunidade em geral” disse.

Em seguida, indaguei Seefeldt sobre qual seria a chave do sucesso do evento. Ela falou da permanência histórica, de como nestes últimos 25 anos ele tem transformado a

³¹ Vale lembrar a parte inicial da entrevista na qual Seefeldt explica que uma das motivações da nova mudança administrativa do evento é evitar o impacto das vontades políticas de turno, se apresentando aqui uma aparente contradição que atribuo à diplomacia inerente a ser a voz oficial do Instituto Festival de Dança de Joinville.

rotina da cidade durante duas semanas no mês de julho, se consagrando na história de vida das pessoas e se tornando um evento da cidade, pois faz parte da história de boa parte da população de Joinville: “nesta cidade é fácil achar alguém que já dançou, ou que tem a prima, a irmã ou vizinha que participou, que seja o empresário, o jornalista, o professor, o dono da quitanda, o cara do supermercado, etc.”, disse ela com veemência.

Então perguntei quais que seriam as particularidades do Festival frente aos outros eventos emblemáticos da cidade, como a *Festa das Flores* ou *Fenachopp*. Ela colocou que nenhuma outra festa tem tanto tempo de realização e que outros eventos da cidade morreram ou se transformaram. Disse ela que alguns não cresceram, que as festas muito antigas com o desenvolvimento da cidade, se perderam: “outros eventos de caráter religioso, que têm mais um caráter comunitário, também ficaram restritos deixando de interferir na vida da cidade” assegurou.

Hoje se diz segundo Seefeldt, que “o Festival de Dança não interfere mais na cidade como interferia há dez anos atrás. Joinville cresceu significativamente, o Festival também cresceu e continua crescendo, mantendo seu espaço de interferência na vida da cidade, sendo essa cada vez menor. Ele precisa crescer de outra forma, não no volume da cidade, o estado ou o país”, manifestou.

Seefeldt acrescentou que o que faz com que o Festival tenha se mantido durante todos estes anos, diz respeito à vontade das pessoas envolvidas nele, tanto as que o criaram e sustentaram nos seus primeiros quinze anos, quanto as que o pegaram e deram espaço para outras coisas acontecerem. Segundo ela, a força das pessoas e a “*magia*” que envolve até hoje a quem trabalha no Festival, são a explicação do sucesso do evento. Ela acrescentou que a grande maioria dos fornecedores e dos que tiram suas férias no ano para trabalhar no Festival e fazem isso há até dez anos, estão motivados por um grande amor pelo evento, lhe dando uma “*benção especial*”.

A entrevista com Seefeldt foi muito interessante por revelar a visão de um nativo que não só faz parte da organização e direção do Instituto que realiza o evento, como também a visão de uma cidadã joinvillense, cujo senso naturalizado do funcionamento do Festival é muito revelador das emoções e dos discursos acionados na dinâmica toda do evento. Entretanto, também foi interessante perceber como as falas dela foram

fluídas e preparadas (as respostas estavam prontas), evidenciando a existência de um discurso oficial do qual ela é representante e portadora.

CULTURA E POLÍTICA, A RECEITA DO SUCESSO.

Cultura como categoria e noção utilizada na antropologia, tem sido amplamente discutida e repensada por múltiplos autores. Pretendo trazer aqui algumas das discussões de Kuper (2002), que de forma instigante e rigorosa convida o leitor a mergulhar e pensar além do uso das categorias e noções que às vezes parecem tão naturais. Ditas noções sem dúvida, têm conseqüências não só nas teorias, mas nos discursos e práticas que atingem além da academia os destinos das populações em forma de ações e políticas concretas.

Kuper (2002) faz pensar que os cortes na história não podem ser refletidos sob um viés evolucionista e que a cultura não pode ser entendida como categoria substantiva como nas ciências naturais, onde o conhecimento é sistemático e organizado. As origens do conceito de cultura remetem à necessidade de explicar a diferença, à necessidade de refletir sobre o si próprio como uma questão surgida num contexto sóciopolítico e econômico de expansão. Estas são algumas das questões que é preciso pensar para entender como este conceito se desenvolveu.

É de sublinhar que o conceito de “cultura” acionado pelas falas do Festival, como tem sido mostrado ao longo do texto, parece apontar para as “artes e as ciências”, remetendo a sua acepção sociológica na qual cultura diz respeito aos conhecimentos de uma sociedade acerca do mundo, do universo. O conceito está ligado à idéia de educação que pressupõe que cultura é algo que se adquire após algum tipo de treinamento e não algo inerente à condição humana, como colocado usualmente pela antropologia.

O Festival de Dança de Joinville é um ótimo exemplo do que é dito e feito em nome da cultura. Se distinguindo e ao mesmo tempo fazendo parte, grupos de diversas procedências reivindicam, legitimam e constroem identidades baseados na idéia de cultura como diferencial dos distintos gêneros que participam no Festival, mas também entendendo cultura como algo que parecesse inerente ao fato de que suas manifestações sejam apresentadas num palco. Entretanto, também está presente a acepção de cultura

entendida como algo ligado a qualquer manifestação humana, mas que no caso do Festival tem o acréscimo de muitas vezes se ligar ao fato de ser dança cênica o que se celebra, sendo essa uma manifestação de “alta cultura”.

Desta forma, é possível ver como neste evento convivem e dialogam diferentes sentidos e significados de cultura, fato que elucidado como este conceito, flexível ao extremo, é utilizado como um grande “guarda-chuvas”, sem maior pudor nem reflexão. Cultura é uma noção adaptável às necessidades de quem se encontra no comando, sempre com conseqüências diretas sobre as políticas e ações empreendidas para “dar conta” ou “atender” o setor cultural.

Acho importante colocar também que o Festival de Dança de Joinville é utilizado como uma plataforma propícia para proferir discursos alentadores da etnicidade germânica, embora o caráter do evento não seja o apelo ao germânico, diferentemente do que ocorre no *Oktoberfest* e no circuito de festas de outubro em Santa Catarina. Entretanto, há em todas estas festividades, incluindo o Festival de Dança de Joinville, um discurso subjacente sendo a idéia do Estado como o Brasil Alemão recorrente (FLORES, 1997). Aqui a cultura é diferente da tida como referente do Brasil no resto do mundo: maracatu, samba e carnaval à carioca não fazem parte do cardápio turístico da região, ao contrário, as manifestações culturais exaltadas remetem fortemente à herança dos imigrantes europeus.

Uma questão similar é descrita por Lacerda (2003), referente à “açorianidade” na ilha de Santa Catarina, tomando essa categoria como universo discursivo que constitui uma idéia de nação para além das fronteiras nacionais. Desta forma o autor descreve a experiência migratória dos açorianos enquanto formação diaspórica transnacional.

Esses universos discursivos, que partem da idéia da existência de “nações” para além das fronteiras nacionais, têm sido também amplamente discutidos e estudados por Giralda Seyferth (1990). A autora faz um percurso pelas nacionalidades dos diversos imigrantes que povoaram o Brasil na sua história recente, relatando as particularidades da chegada e do povoamento nas diferentes regiões, esboçando a constituição de histórias políticas diferenciadas por toda a geografia nacional brasileira.

Sobre a questão política imersa em toda a dimensão do considerado e/ou chamado “cultural”, Ribeiro (2000), coloca que hoje em dia a política deve ser pensada transnacionalmente, pois os referentes de identificação têm se ampliado e as fronteiras apenas fornecem uma necessidade mais forte de reivindicação, diferenciação e multiplicidade. Para ele, a transnacionalidade se desprende da globalização e sua dinâmica seletiva que reproduz e cria poderes, exigindo aos cidadãos no mundo todo se localizar em novos cenários para contrabalançar as novas tendências hegemônicas.

A transnacionalidade aponta para uma questão central que é a relação entre territórios e os diferentes arranjos socioculturais e políticos, que orientam as formas como as pessoas representam o pertencimento a unidades socioculturais, políticas e econômicas. Esses modos de representar seriam as identidades que como “guarda-chuvas” simbólicos, agiriam no contexto transnacional fazendo com que as pessoas tomem consciência de pertencer a um corpo político global.

Para o autor, a transnacionalidade parte de um sistema classificatório que localiza as pessoas geográfica e politicamente, mostrando o pertencimento que se torna complexo nos processos de integração a territórios e entidades maiores. Haveria diferentes poderes de estruturação, assim como níveis que funcionariam nos planos local, regional, nacional, internacional e transnacional, onde os limites são muito difíceis de estabelecer, e que às vezes poderiam ser simultâneos e não excludentes.

Essa idéia da estruturação, discutida por Ribeiro, mas também apontada por outros autores como Evans-Pritchard (1974) para falar dos níveis de coesão e integração entre os *Nuer*, é um foco de análise que não tinha considerado como plausível de mencionar, mas que no percurso da estada de campo em Joinville no ano de 2007, manifestou-se como algo de grande importância para pensar a questão da construção de cidadania no Brasil.

Ribeiro fala explicitamente da existência de mega-rituais globais que caracteriza como espaços de *communitas*³² e dentro dos quais reconhece pelo menos três tipos: os shows de rock e suas tournées internacionais, os jogos olímpicos ou o campeonato

³² Segundo o autor e de acordo com Turner (1974) a noção deve ser entendida como instância igualitária, em oposição à estrutura como ordem e hierarquia.

mundial de futebol e as conferências da ONU. Cada vez mais estes eventos procuram criar comunidades de iguais onde a mídia tem sua própria *performance*, sendo eventos conformados por micro shows que integram um todo maior: o mega-evento.

Refletindo também sobre este tipo de acontecimentos, principalmente em relação aos mega-rituais globais, Menezes Bastos (1996a) no seu texto sobre o encontro Raoni/Sting, se configura como uma referência importante. No evento citado segundo relata o autor, ocorreu o encontro de dois universos socioculturais distintos: o do astro do rock Sting e o do chefe indígena Txukahamãe Raoni, que por meio de uma tournée internacional e da música no meio da indústria do show business, procuraram reivindicar e favorecer os interesses e discursos alentadores à proteção dos direitos indígenas na Amazônia. Nesse sentido, o autor reflete como no encontro citado, a musicalidade aparece como significante do ambientalismo e das lutas reivindicatórias dos povos indígenas da Amazônia.

Tomo essa idéia emprestada para refletir sobre o Festival de Dança de Joinville e pensar a dança como o grande significante e “guarda-chuva” dos diversos significados de cultura e arte que utilizam como “bandeira de batalha” falas e discursos sobre democracia, inclusão social, etc. Assim mesmo esta idéia pode ser utilizada para refletir sobre o funcionamento de práticas e eventos que envolvem conotações além do imaginado e percebido numa primeira aproximação, pois o subjacente a eles não pode ser abrangido desde um olhar ingênuo, desprovido do estranhamento e da suspeita das “boas intenções”, já que embora existam, nem sempre todos os interesses de um empreendimento são explícitos.

Quando intitulei esta parte do texto como: “Cultura e Política, a Receita do Sucesso”, pensava justamente no quanto a palavra “cultura” como noção, categoria ou conceito é flexível, e o quanto ela combina e se articula de forma considerável em qualquer fórmula num contexto político, seja ele explícito ou não. Falar em preservação da cultura, em incentivo à cultura, em reconhecimento e apoio às manifestações culturais, é uma alocação recorrente e sempre bem sucedida no sentido de ser atendida

e apropriada até como “bandeira de batalha” em movimentos reivindicatórios, muitas vezes inclusive virando discurso do senso comum³³.

Seja lá o que for entendido como “cultura”, a fala é que ela precisa ser preservada, conservada, fomentada e é claro, administrada e gerenciada, como consta no depoimento seguinte.

Jornal A notícia Joinville 22 de junho de 1999, Coluna Opinião.
Edson Bush Machado (então presidente da Fundação Cultural de Joinville)
“... Privatizar o Festival de Dança [é uma] estratégia competitiva... A cultura, em seu desenvolvimento historicista, também deve absorção de tecnologias gerenciais e de produção. Novos paradigmas, numa postura internacionalista, são exigidos dos administradores e agentes culturais... Nesse contexto situa-se o Festival de Dança de Joinville, o maior do mundo como rezam suas significativas marcas conquistadas... Não há lugar para amadorismo na gestão de um megaevento, seja no universo das artes, do turismo ou do mercado empresarial...”.

GESTÃO CULTURAL, POLITICAS CULTURAIS.

Na atualidade, o campo da Gestão Cultural vem se consolidando como uma promissora área de atuação de numerosos profissionais e trabalhadores das áreas tradicionalmente denominadas artísticas, agora culturais, assim como de cientistas sociais, administradores, economistas, etc., preocupados com a cultura. Na fala dos envolvidos no Festival, essa preocupação com a cultura aparece constantemente nos discursos articulada à categoria arte³⁴ como adjetivo da dança, tema ou foco aparente do evento.

Aqui pretendo trazer algumas reflexões sobre minha participação como ouvinte na Primeira Conferência Municipal de Cultura de Joinville, junto com leituras a partir de alguma bibliografia recente sobre o tema publicada pelo Itaú Cultural³⁵. Estas reflexões têm sido muito úteis para pensar o Festival de Dança de Joinville como parte

³³ Algo similar acontece com a noção de “desenvolvimento sustentável”, mas não pretendo aprofundar essa questão aqui, embora tenha ligações fortes com muitos dos temas tratados na dissertação.

³⁴ O slogan do evento em questão é: “Festival de Dança de Joinville, toda a arte da dança”.

³⁵ O Itaú Cultural é um instituto voltado para a pesquisa e produção de conteúdo, assim como para o mapeamento do setor e incentivo a difusão de manifestações artístico-intelectuais. O Instituto é um centro de referência cultural há mais de 20 anos promovendo, e divulgando a produção artístico-intelectual brasileira - no Brasil e no exterior. Missão: desenvolver e organizar processos e gerar conhecimento sobre as artes brasileiras; compreender as práticas culturais e, com base nelas, ampliar o acesso à cultura; e promover a participação social. Visão: ser referência na reflexão e manifestação da ação cultural no campo das artes brasileiras.

Em: http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2676

de um projeto político que transcende as fronteiras geográficas que o originaram: um projeto de democratização de espaços, de inserção social, de construção ou reconstrução de algo que escapa por enquanto da minha capacidade de análise. Esta afirmação não propõe nem sugere de maneira alguma que tais dinâmicas ocorram necessariamente com premeditação de todos os atores envolvidos, pois considero que embora ditos empreendimentos sejam acionados por pessoas específicas, de “carne e osso”, também respondem a movimentos globais. Seguindo Ribeiro (2000), respondem a essa ordem transnacional desprendida dos processos de globalização e nos quais influem de maneira significativa os pareceres e declarações de organismos multinacionais como a UNESCO, tal como tento mostrar na continuação do texto.

“En su sentido más amplio, la cultura puede considerarse actualmente como el conjunto de los rasgos distintivos, espirituales y materiales, intelectuales y afectivos que caracterizan una sociedad o grupo social. Ella engloba, además de las artes y las letras, los modos de vida, los derechos fundamentales del ser humano, los sistemas de valores, las tradiciones y las creencias.”. Declaración de México sobre Políticas Culturales. Conferência Mundial sobre Políticas Culturales, agosto 1982 UNESCO.

Esta declaração, bem como a definição de cultura contida nela, orientam até o presente momento a formação de gestores culturais, as iniciativas e atividades no âmbito político-cultural latino-americano, inclusive brasileiro, como o Ministério da Cultura ou a Fundação Cultural de Joinville, encarregada da realização do Festival de Dança. Esta mesma declaração foi colocada em relevo durante a Primeira Conferência Municipal de Cultura de Joinville, que aconteceu durante a minha estada na cidade entre os dias 6-8 de julho de 2007 e da qual falarei mais adiante.

A gestão cultural no Brasil tem sido abordada como tema de pesquisa e prática profissional pelo Itaú Cultural, organismo que promove atividades como seminários, concursos, publicação de textos e revistas tratando temas de interesse para o âmbito; por exemplo, informação sobre eventos, concursos para pesquisas, resenhas de livros, etc. Dentre as atividades acontecidas desenvolvem um chamado “observatório cultural”, que descrevem como um espaço propício para a construção de indicadores da cultura e do setor cultural, propendendo para um impacto no IBGE³⁶; insistindo ao mesmo tempo na importância de levar em consideração a Agenda 21³⁷ como documento

³⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

³⁷ “A Agenda 21 da Cultura de Barcelona é o primeiro documento, com vocação mundial, que pretende estabelecer as bases de um compromisso das cidades e os governos locais para o desenvolvimento cultural. A Agenda foi aprovada por cidades e governos locais do mundo todo, comprometidos com os direitos humanos, a diversidade cultural, a sustentabilidade, a democracia participativa e a geração de

orientador das políticas públicas de cultura, por considerar que este é fundamental numa mudança de mentalidade sobre o que é cultura (VILLELA, 2007).

Um dos eixos importantes e recorrentes nas discussões sobre gestão cultural e o impacto da cultura na sociedade envolvente é a Economia da Cultura. Tolila (2007) reflete sobre este tema no seu livro intitulado “Cultura e Economia”, trazendo discussões que relevam a economia como instância central dos processos sociais. Segundo ele, existe um triângulo conformado por política, cultura, e desenvolvimento, que carrega com uma herança desafortunada a partir das colocações da escola de Frankfurt.

Sobre essa relação específica entre cultura e economia, a Escola de Frankfurt, encabeçada entre outros por Max Horkheimer e Theodor Adorno, implantou a noção de Indústria Cultural para se referir as criações artístico-culturais produzidas de maneira técnico-mecânica, que almejam o lucro e que, segundo as colocações deles, estão ligadas a um interesse de alienação das massas. Esta idéia tem sido criticada por alguns autores como Jesús Martín Barbero (1987) e Menezes Bastos (1996b) por considerarem que a mesma desconhece o papel ativo ou a agência do consumidor, ignorando a percepção e resistência que este tem na frente daquilo a que tem acesso.

No texto de Tolila (2007) referido anteriormente, é desenvolvida a questão de que a cultura é um setor responsável pela produção de riqueza material. No Brasil, segundo o autor, diz respeito a cerca de 1% do PIB e ocupa 0,8% da população economicamente ativa, sendo isto mais do que o correspondente ao setor automobilístico. Os que vivem da cultura ou de atividades relacionadas indiretamente com esta, recebem remuneração acima da média nacional, mas segundo o autor, não há muitas estatísticas nem indicadores desenvolvidos para dar conta disso.

Alguns dos dados interessantes do texto de Tolila (2007) são aqueles ligando o turismo à cultura e economia. O autor utiliza o exemplo de como, na França, são

condiciones para a paz. Sua aprovação teve lugar em 8 de maio do ano 2004 na cidade de Barcelona, no marco do primeiro Foro Universal das Culturas. A Organização Mundial de Cidades e Governos Locais Unidos (CGLU) adotou a Agenda 21 da cultura como documento de referência nos seus programas de cultura e assumiu um papel de coordenação do processo posterior a sua aprovação”. (Tradução minha) Em: http://www.agenda21culture.net/index_es.htm

amplamente valorizados a cultura e o patrimônio como atração turística³⁸. Aliás, uma colocação muito pertinente do autor ligada ao objeto desta pesquisa, diz que “o desafio econômico da cultura está ligado em grande parte a sua capacidade de ser transformada em turismo. Isso vale particularmente para o patrimônio e os eventos como festivais”. Segundo ele, as manifestações e espaços culturais na França, recebem por ano cerca de 300 milhões de visitas, das quais três quartos são turistas. Da mesma maneira, o autor apresenta estatísticas que mostram como as motivações culturais estão presentes na escolha da destinação de 51% dos turistas estrangeiros na França, sendo a motivação exclusiva de 15% deles. Os visitantes de lugares e de manifestações culturais geram o que os profissionais do turismo chamam de “mais-valia cultural”, pois segundo o observatório Nacional do Turismo da França, eles gastam 30% a mais do que o turista comum.

Embora os dados do texto de Tolila (2007) sejam instigantes e interessantes, em geral acho que falta no livro uma reflexão sobre as implicações da utilização das categorias patrimônio ou cultura como algo dado, esquecendo de refletir sobre os valores e conseqüências subjacentes a essa exaltação. Uma das indagações que faço, por exemplo, é o que fica por fora do considerado turismo cultural? Ou, quais que são os significados desses consumos especializados?

O texto apresenta a cultura como panacéia de exploração econômica, falando das atividades culturais como simbólicas e atribuindo a estas um apelo “às mais importantes capacidades intelectuais e emocionais dos indivíduos”. Desta forma, mitifica o fazer artístico ao mesmo tempo em que tenta mostrar os ganhos do tratamento econômico da cultura. Esses dois fatos podem parecer conflitantes se pensarmos na dimensão de sublimação e elitização desse tipo de espaços, já que pressupõe pensar em quais são os produtores legítimos dessa cultura que merece ser pensada e usufruída como patrimônio por meio do turismo, e qual que é a sua participação real nos lucros obtidos por dita exploração.

³⁸ Essa relação do turismo a cultura e o patrimônio aparecem ao longo deste texto elucidando a efetividade dos discursos envolvendo o Festival de Dança de Joinville como atração turística do município. Entretanto, o turismo não foi um dos eixos teóricos ou de análise do evento em questão nesta dissertação.

Neste ponto, considero importante colocar que minha crítica ou discordância perante a contradição apresentada, não tem a ver com uma visão adorniana que considera heresia o lucro das produções artístico-culturais. Mas tal crítica está ligada a um desconforto com o funcionamento dos discursos acionados, por considerar que estas discussões levantadas sobre desenvolvimento econômico ligado à cultura, servem-se de e utilizam os múltiplos significados atribuídos à dita categoria para beneficiar elites que tiram proveito da exotização e da pauperização das populações, como tentarei mostrar na continuação.

É claro que os dados colocados por Tolila (2007) referem-se à França, onde o turismo cultural, com certeza está mais ligado ao acesso a museus e obras do patrimônio arquitetônico. Mas, na América Latina, é bem sabido que esse tipo de turismo está majoritariamente ligado às mesmas populações, como herdeiras do legado imperial inca ou asteca, por exemplo, o que as converte em foco de atração³⁹ ao serem consideradas e catalogadas como autênticas e tradicionais; fazendo muitas vezes com que haja esforços para que sejam mantidas e preservadas no “estado original”. O que isso implica em termos de acesso a bens e serviços para ditas populações? O que aconteceria caso não fossem consideradas autênticas o suficiente pelos turistas e perdessem o atrativo exótico que gera renda para eles, mas principalmente para as empresas e instâncias que lucram com isso?⁴⁰ .

É por esse motivo que chamo a atenção para um tratamento cuidadoso dessas categorias e noções, pois se desde a gestão cultural relatada por Tolila (2007), se fala da

³⁹ Tanto de movimentos neo-chamânicos e etno-turismo - que aparentemente não apresentam riscos para as populações envolvidas-, quanto de turismo sexual (muitas vezes infantil).

⁴⁰ Aqui quero trazer uma anedota que acho que ilustra muito bem o ponto em discussão. Na Amazônia colombiana, perto da cidade de Leticia, existe um grupo indígena proveniente (Yaguas) do Peru que foi colocado há duas décadas num local à beira do rio por um antigo narcotraficante como atrativo turístico para quem visitasse a região. Ele teve de acudir a essa estratégia, pois os grupos indígenas locais não quiseram participar do negócio. Da mesma forma levou macacos não endêmicos a uma ilha perto dali gerando um circuito de locais de interesse turístico que, hoje em dia, faz parte dos percursos andados em barco, obrigatórios para todo aquele que visita a região. O grupo em questão é conhecido por se “fantasiar de índio” ao ouvir o ruído do motor de barco, carregado de turistas, se aproximando pelo rio. Eles vestem roupas feitas de fibras naturais que colocam rapidamente em cima das roupas do cotidiano, pegam bichos de estimação como preguiças e cobras para se colocar do lado dos visitantes, deixando os mesmos tirar fotos (ao estilo das primeiras fotografias de exploradores- colonizadores). O caso relatado é um exemplo do chamado turismo cultural e mostra claramente como o lucro obtido por esse tipo de empreendimentos não fica em mãos daqueles aos quais se apela como motivação maior da visita, pois, enquanto os donos dos hotéis e agências de turismo na cidade de Leticia ganham vendendo o pacote que inclui a visita ao mencionado grupo indígena, eles recebem em troca algumas moedas dos turistas ou biscoitos e doces que os visitantes levam a pedido dos guias, que advertem não entregar tudo a uma pessoa só. Este episódio foi presenciado por mim numa breve visita à região em dezembro de 2005.

promoção de espaços e eventos em casos bem sucedidos como o francês, não podemos deixar de levar em consideração que o contexto da América Latina é bem diferente e que falar em lucros da cultura, muitas vezes pode implicar na exploração, pauperização e manutenção em pobreza e desinformação de muitas comunidades. Parafraseando a fala “a cultura também é um negócio”, emitida insistentemente, nos palcos abertos, durante o Festival de Dança, em 2006, é importante tomar cuidado com as implicações na utilização de categorias, pois a pobreza também é um negócio e o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e as ONGs que promovem ações de inclusão social, desenvolvimento e luta contra a pobreza, e que têm impacto direto sobre as diretrizes das políticas públicas, bem sabem disso.

É por isso que quando se fala em acesso à cultura e inclusão social há um ponto em comum e é que há alguma coisa faltando aos outros, uma idéia muito ligada à educação como algo que se adquire e para o qual, segundo os discursos acionados desde organismos públicos e privados, é preciso mobilizar recursos que garantam dito acesso a quem é carente disso.

A gestão cultural como um novo campo profissional, segundo apresentado pelos textos promovidos pelo Itaú Cultural e por instâncias como a Conferência Municipal de Cultura de Joinville, fala em ações como ampliação de acesso, sustentabilidade das iniciativas e geração de indicadores da cultura. A ligação entre estas iniciativas e o turismo, como vimos, é intenso, mas existem outros aspectos que merecem ser explorados, como mostrarei adiante.

CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE CULTURA DE JOINVILLE

Considereei importante escrever sobre o que vi neste evento, pois esse é o tipo de ambiente onde se marcam as pautas e traçam linhas de ação e políticas, sobretudo por se tratar de um espaço do município, onde as particularidades e especificidades das solicitações feitas pelos participantes, falam das condições da região e são um lugar interessante para minha reflexão sobre as dinâmicas entorno do Festival de Dança de Joinville.

Fiquei sabendo do evento porque havia cartazes publicitários no prédio da Fundação Cultural de Joinville, o mesmo do Instituto Festival de Dança de Joinville (local ao qual frequentava todo dia para levantar informações) que fica atrás do Centreventos Cau Hansen, epicentro das apresentações e mostras competitivas do Festival, mas não exclusivamente deste⁴¹. O Centreventos é uma arena multiuso onde acontecem vários eventos da cidade. Enfim, soube do evento e me inscrevi para participar, sendo que qualquer um podia fazê-lo, não tendo requisito nem custo algum, tratando-se de um evento aberto e gratuito.

A Conferência deu continuidade à pré-conferência que ocorreu em maio e junho, onde se reuniram aqueles que trabalham no município com arte e patrimônio: Fundação Cultural, Casa da Cultura, grupos de dança, teatro, música, etc. Nessa primeira reunião (que não assisti), segundo foi colocado no dia da abertura, houve discussões sobre a pluralidade no município e a necessidade da construção de uma política pública de cultura que satisfizesse o desenvolvimento das manifestações simbólicas da população.

A sessão de abertura aconteceu na Câmara de Vereadores no dia 6 de julho de 2007. Iniciou com apresentações dos convidados e assistentes de importância no Município, como personalidades da política e do âmbito cultural local.

O presidente da Fundação Cultural, Rodrigo Meyer Bornholdt⁴², enviou um depoimento filmado se desculpando por não estar presente e falando de alguns dos objetivos que esperava que a Conferência atingisse, entre estes atender à necessidade de criar novas ações que procurassem abranger a demanda cultural de toda a população do Município. Minha sensação face a essa fala, foi a de pensar novamente como a questão da inclusão social se sobressai, como se cultura fosse que nem saúde, educação ou recreação, ou seja, alguma coisa que precisa ser levada a todas as pessoas, alguma coisa que está faltando a segmentos da população: os “excluídos”.

A seguir, ele falou da política cultural como uma ferramenta de aperfeiçoamento do ser humano e que teria como objetivo “... *o fomento de atividades que desenvolvam a*

⁴¹ Ver mapa do anexo I. Ficha Etnográfica.

⁴² Rodrigo Meyer Bornholdt é bacharel, mestre e doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná. Foi procurador geral do município de Joinville. Na atualidade é presidente da Fundação Cultural de Joinville e vice-prefeito da cidade.

economia: cinema, artesanato, e cultura popular”. Sua fala colocou em relevo a cultura como algo que precisa ser administrado e em ligação direta com a obtenção de ganhos econômicos significativos para o desenvolvimento do Município.

Finalmente, acrescentou que era preciso seguir os cinco eixos temáticos do Ministério da Cultura, estes são: Gestão Pública e Cultura; Cultura, Direito e Cidadania; Economia da Cultura; Patrimônio Cultural; Comunicação e Cultura. Encerrando a fala, salientou que cultura é algo que precisa ser promovido e diagnosticado, favorecendo a inclusão cultural.

De modo geral, as intervenções dos atores, deputados e aqueles que presidiram a mesa principal no dia da abertura, poderiam se resumir em um apelo à democratização e inclusão social por meio da cultura, manifestando que seu papel seria fazer com que uma determinada comunidade se tornasse melhor.

O evento como um todo, estava revestido por uma aura de prestígio e reconhecimento. Todos pareciam se conhecer, cumprimentavam-se, sorriam uns para os outros, enfim, achei muito bom estar desprovida do conhecimento das elites locais, pois para mim eram simplesmente pessoas e não tinha como julgar preferencialmente ninguém.

Falou-se na abertura também em cultura como algo material e imaterial, como formas de ser e de pensar que estão em processo de evolução constante e que implicam uma “identidade herdada e auto-estima local”. Desta forma a ação cultural foi colocada e proposta como um investimento, sendo uma função do Estado, sem distinção do tipo de manifestação, fosse esta consagrada ou emergente. Cultura apareceu, nesse contexto, como sinônimo de desenvolvimento da sociedade, destacando espaços e eventos da cidade como sujeitos a valorização. Exaltou-se o município como a “Capital mundial dos sambaquis” e o Festival de Dança como um patrimônio do município e palco de futuros talentos.

Sergio Mambert, Secretário de Identidades, Diversidade Cultural e Patrimônio do Ministério da Cultura, compareceu ao evento a convite da Fundação Cultural de Joinville, participou como representante de vários níveis no âmbito cultural. Falou da

importância de Joinville se integrar ao Ministério da Cultura no projeto de cultura da esfera pública, cujo objetivo é a construção de “cidadania cultural”. Ressaltou a importância da proteção e promoção das diversidades culturais, legitimada pela votação de 149 países numa convenção da UNESCO.

Mambert falou muito sobre todas as viagens e “maravilhas” que o Ministério estava fazendo. Achei o discurso dele um pouco cansativo e não consegui estabelecer conexão com sua fala e o que estava querendo se discutir na Conferência. Disse que países com menor poder em função do lucro, sofriam de antropofagia cultural, que existiam ao redor do mundo outros ministérios da cultura interessados em acordos bilaterais, falando ainda da importância da construção do plano nacional cultural. Foi um discurso com muita propaganda e promoção das atividades realizadas pelo Ministério da Cultura.

Logo depois, foram discutidos os efeitos nocivos das mudanças de gestão e manifestou-se abertamente que a Conferência abraçava o conceito antropológico de cultura, que segundo colocaram, abrangia além das artes, às tradições, os costumes e os atos do cotidiano das sociedades. Ressaltaram a importância de ampliar a noção além das expressões artísticas, entendendo a cultura como algo “transversal a tudo”. Eles também falaram da inclusão digital e da necessidade de olhar as expressões culturais sem hierarquização, argumentando que colocar as expressões culturais como algo oposto às manifestações artísticas, seria um ato ocioso e perverso. Após as intervenções das autoridades locais e dos organizadores do evento, todos os presentes foram convidados a um coquetel oferecido no local, no térreo da Câmara de Vereadores.

No dia seguinte, a Conferência aconteceu na Faculdade Cenecista de Joinville⁴³. Lá recebemos uma pasta com cópia das propostas a serem discutidas, um crachá e uma caneta. O evento estava organizado para ter simultaneamente mesas de discussão sobre os temas eixos do Ministério da Cultura (Gestão Pública e Cultura; Cultura, Direito e Cidadania; Economia da Cultura: Patrimônio Cultural; Comunicação e Cultura). Participei na mesa de economia, presidida por Charles Narloch, diretor executivo da Fundação Cultural de Joinville, representante do Conselho Municipal de Cultura de

⁴³ “A Faculdade Cenecista de Joinville nasceu da evolução do Colégio Elias Moreira. Após a publicação em Diário Oficial, em 26 de junho de 2000, a FCJ recebeu a autorização do Ministério da Educação para iniciar as suas atividades, conforme Portaria número 859”. Em: <http://www.fcj.com.br/index.php?link=24>

Joinville e participante do Conselho de Administração do Festival de Dança de Joinville (que tem como objetivo a aprovação e planejamento da execução e resultados dos projetos desenvolvidos pela diretoria do Instituto do Festival).

Ele iniciou lembrando que essa Conferência tinha sido solicitada, em momentos anteriores, pelos trabalhadores da cultura⁴⁴ em Joinville, e que haviam acontecido pré-conferências sobre os eixos temáticos criados pelo Ministério da Cultura. Salientou ainda que a Conferência tinha o objetivo de gerar um pensar e um olhar mais global sobre cultura.

Para elaborar o texto base de discussão e de aprovação na Conferência mencionada, falou que tinham procurado por convenções já aprovadas bem como por exemplos bem sucedidos de texto. Ainda afirmou que o documento estava composto por cláusulas que seriam lidas, votadas e finalmente modificadas ou aprovadas na íntegra. Segundo ele, os pressupostos ideológicos e o envasamento do texto todo seria a Agenda 21 de Cultura de Barcelona.

A discussão iniciou com a revisão do que os organizadores, no contexto do evento, chamaram de pressupostos ideológicos. O texto tinha como subtítulo: Identidade, Diversidade, Pluralismo e Desenvolvimento. A versão inicial continha nove pressupostos ideológicos, sendo um deles a definição do que estava sendo entendido por cultura. Esta foi utilizada de acordo com a definição da UNESCO citada acima. Abaixo, com fins ilustrativos, transcrevo alguns desses pressupostos do evento:

Pressuposto ideológico 2: Entende-se por cultura o conjunto de manifestações espirituais, materiais, intelectuais e afetivas que identificam uma sociedade ou um grupo social. Este conceito abarca, além das artes e das letras, os modos de vida, os sistemas de valores, as tradições, a memória, e as crenças (UNESCO Conferência Mundial sobre Políticas Culturais, Mondiacult, México, 1982).

Pressuposto ideológico 6: O desenvolvimento pela cultura se alcança através da transversalidade. No trabalho conjunto entre os diferentes difusores culturais, deve-se integrar a política cultural às de educação, bem estar social, saúde, planejamento urbano e rural entre outras, preservação ambiental e turismo, obtendo como resultado o desenvolvimento sustentável e civilizatório, humano e solidário.

Pressuposto ideológico 8: A ação cultural não pode se resumir a eventos efêmeros e promoção do lazer, centrados na espetacularização ou nas leis de mercado. Entretanto é

⁴⁴ Essa categoria de trabalhadores da cultura foi utilizada constantemente durante o evento, se referindo as pessoas cuja atividade laboral se desenvolve em torno da música, dança, artes plásticas e visuais. No âmbito público, segundo percebi, seriam trabalhadores da cultura também os funcionários públicos que servem a entidades como a Fundação Cultural ou a Casa da Cultura.

preciso reconhecer que os eventos culturais podem ter um papel importante como fatores de formação da cidadania, difusão do conhecimento criativo, fruição das artes e valorização do patrimônio cultural.

Pressuposto ideológico 9: A Conferência Municipal de Cultura de Joinville preconiza a interação do Estado e da sociedade na construção de uma política pública de cultura, pensada e defendida como conceito e não apenas como programa de governo. Entende-se por política pública de cultura o conjunto de intervenções realizadas pelo Estado ou em parceria com instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários, com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas (Teixeira Coelho, 1997).

Escolhi transcrever as frases anteriores, por considerá-las elucidativas do que é dito, feito e escrito sobre cultura no âmbito público e por considerar que estas frases têm relação com o objeto que interessa a esta pesquisa. Da mesma forma, as transcrições que citarei na continuação do texto, fazem parte do meu recorte sobre o citado evento.

Já na discussão específica sobre os itens referentes ao tema da mesa, Economia da Cultura, falou-se inicialmente dos princípios conceituais que regem as temáticas. Notei como um dado interessante, que embora se tente unificar a definição de “cultura” como um todo, nas diferentes instâncias em que esta palavra é usada, o significado pode variar: por exemplo, no item 1 dos princípios conceituais do eixo economia da cultura se afirma: “A cultura pode ser vista como importante fonte geradora de trabalho e renda”. No entanto, como foi colocado na mesa, “a importância da cultura não deve se restringir ao valor econômico, porque transcende em muito este aspecto, como eficiente meio de transformação e desenvolvimento da sociedade”. Que cultura é essa que pode ser objetivada como fonte de trabalho e renda? Acho que é uma cultura que remete implicitamente a atividades ligadas à produção de objetos de valor comercial; à mercantilização de práticas e espaços que serão nomeadas de “culturais”.

Não quero trazer aqui discussões puristas e ingênuas sobre o que é a “cultura autêntica”, acredito que isso simplesmente não existe como um fato desligado. Meu interesse em colocar as diferentes acepções do uso da categoria cultura neste contexto tem a ver com o objetivo de elucidar como tudo o que pode ser abrangido sob este grande “guarda-chuva” conceitual adquire valor enquanto ferramenta de poder político. Aliás, no mesmo espaço dedicado aos princípios conceituais, o consenso da mesa de discussão decidiu que acrescentassem, no último item, a importância da manutenção e potencialidade identitária como “salvaguardas da nossa cultura regional”. Que cultura é essa que precisa ser salvaguardada e potencializada?

Neste ponto da discussão da mesa de trabalho eu me encontrava com uma grande sensação de desconforto. Não sabia como agir, se deveria falar ou não, se era conveniente interferir e colocar algumas objeções, mas... Para que? A sensação de desconforto aumentava na medida em que iam participando cada um dos assistentes naquela sala. Éramos poucos, talvez 8 ou 10. Após a leitura no quadro dos itens em questão, o coordenador perguntava se todos estavam de acordo. Todos os participantes falavam que sim. Se havia alguma objeção ou dúvida, era proposto que levantassem a mão. Eu me abstive de participar dessa primeira rodada. Não falei, não levantei a mão e tentei passar despercebida, escrevendo e ficando mais tempo na parte de trás da sala, onde havia café, patês, sucos e pão.

Discutiram ainda algumas das ações propostas nas pré-conferências, como por exemplo, a necessidade da formulação de indicadores da economia da cultura no município, o mapeamento dos produtos, atividades e potencialidades do setor cultural. Foi decidido colocar antes da formulação dos indicadores, o mapeamento para detectar o que o consumidor deseja. Nesse mesmo sentido, acrescentou-se o ponto de criar mercados para as artes plásticas da região.

Outro ponto discutido foi como pressionar os setores público e privado para criar iniciativas de fomento à cultura. Nesse momento, se falou de solicitar a inclusão de indicadores culturais nas normas ISO (International Organization for Standardization), cuja finalidade é facilitar o comércio e intercâmbio de informação e a transferência de tecnologia entre as nações. Além disso, se sugeriu que fosse solicitado à UNESCO a criação de indicadores de investimento cultural. Todos falavam e participavam. Não agüentei mais e me posicionei com o objetivo de sugerir que vinculassem às universidades da região para participar nos grupos interdisciplinares que estavam sendo propostos como consultores no âmbito da economia cultural, pois senti que há uma desvinculação muito grande entre a produção acadêmica e a prática e impacto dessas reflexões no cotidiano. Entretanto, tenho ciência de que as pretensões do evento não eram acadêmico-científicas.

No final do encontro naquele dia, tive a sensação de que, embora nos pressupostos iniciais se fizesse questão de abraçar o conceito antropológico de cultura e não na promoção de “eventos efêmeros centrados na espetacularização ou nas leis de

mercado”, nas ações propostas da câmara temática de economia da cultura só foram contempladas ações direcionadas à cultura entendida como algo que se produz, comercializa e consome. Não que isso seja ruim, mas o menciono para demonstrar os vieses interpretativos da categoria cultura e como seu uso adquire significados e valores diferenciados segundo o discurso que esteja sendo promovido. Aliás, falar em conceito antropológico de cultura é complicado, levando em consideração que nossa disciplina se repensa e reconfigura constantemente e que muitos dos conceitos e categorias utilizados, são contextuais e relativos ao interesse do pesquisador. Já no meio da administração pública, muitas vezes os ditos conceitos são utilizados na busca de uma legitimação científica do seu fazer.

Neste ponto, poderia se pensar novamente na visão de Adorno (1970, 1985, 2002) sobre a chamada “cultura de massa”, que ele liga à “indústria cultural”. Dita indústria cultural encontrar-se-ia na órbita ideológica da economia política. Como explicitarei acima, minha reflexão não pretende desvalorizar a importância do aspecto econômico da cultura, mas questionar o uso das categorias e o que elas abrangem. Tento aqui indagar assim sobre o que fica por fora do considerado cultura, para pensar quais que são os segmentos da população excluídos e quais beneficiados. Visto aqui que não se pode negligenciar a agência do consumidor de produtos culturais, também não é possível negar que normalmente estas iniciativas se servem de discursos naturalizados que exploram a efetividade emotiva de falas que exaltam, por exemplo, questões étnicas e identitárias, sendo que quem lucra e se beneficia amplamente com isto são normalmente as elites detentoras do poder e que procuram aprovação e coesão social, como expõe Bayardo (2007) no trecho a continuação.

“O sector cultural é um complexo produtivo que gera emprego, riqueza, bens e serviços exportáveis, ao mesmo tempo em que proporciona imagens e significados de nós mesmos e dos outros, centrais na elaboração de projetos sociais coletivos...” (BAYARDO 2007.)
(tradução minha).

No dia seguinte (data do encerramento do evento), aconteceu a plenária de discussão sobre cada um dos pontos e cláusulas que tinham sido trabalhadas nos fóruns temáticos. Participavam pessoas ligadas ao fazer “artístico-cultural” da cidade. Fiquei sabendo disto por meio das intervenções de cada um no percurso da plenária. Desta vez, também preferi tentar passar despercebida e ficar na parte de trás.

Quase todos se conheciam. Foi rara a intervenção de alguém a quem o moderador pedisse o nome. Esta reunião foi presidida por Charles Narloch e pela coordenadora executiva do Festival de Dança de Joinville, Iraci Seefeldt. Foram repassados todos os pontos de todos os fóruns do evento, sendo isso um trabalho árduo. Houve novamente interpelações, sugestões e discordâncias, sendo alguns itens acrescentados e outros aceitos por consenso geral.

No final da jornada e do evento tive a sensação de que quando falando em economia, “cultura” vira arte no sentido do objeto (livro, pintura, escultura), e que a utilização de palavras como identidade e herança irrefutavelmente mexe com emotividades e gera um sentido de pertença na população em geral, se transformando muitas vezes numa prática discursiva corriqueira, principalmente quando se refere ao fato de atribuir valores ou enaltecer traços específicos ligados a um *ethos* particular, como, por exemplo, a disposição para o trabalho e o pioneirismo “próprios” do povo alemão já citados acima.

A categoria "cultura" parece ser tão flexível e adaptável, que seu uso poderia representar um risco, por ser uma noção que com facilidade adquire sentidos tão diversos. É realmente interessante ver como essa mesma “cultura” que alguns itens atrás tinha sido descrita como algo que além das chamadas artes, inclui os modos de vida, sistemas de valores, tradições etc., em relação à noção “economia” fica reduzida no imaginário da maioria das pessoas a um objeto, artefato ou mercadoria (artesanato, livro, quadro, etc.).

Na Conferência, a cultura também apareceu ligada à economia, envolvendo a idéia de desenvolvimento e, como já foi mencionado acima, com um caráter que apresenta a dita convergência conectada ao turismo (BAYARDO 2007; FLORES 1997).

Poderíamos nos converter em sociedades de turistas, onde nos esquadriháramos uns aos outros como estranhos, onde contempláramos mutuamente a exótica identidade do outro e consumiríamos com afeição suas expressões e seu patrimônio cultural? (BAYARDO, 2007).
(tradução minha)

É importante ressaltar aqui que a pertinência e o motivo pelo qual dedico tanta energia a este assunto, diz respeito à ligação direta que possui com os empreendimentos

e discursos promovidos durante (e desde) o Festival de Dança de Joinville. A idéia do evento como manifestação do setor cultural, permite criar ligações desde diversas frentes, entre estas a econômica, que embora estivesse afastada das minhas intenções iniciais da pesquisa, acabou se revelando como uma fonte chave para a interpretação e leitura da questão política. É preciso salientar que todos os aspectos aqui tratados fazem parte de um todo maior e que desligá-los tem a ver simplesmente com uma questão instrumental, analítica e metodológica da pesquisa.

DANÇA, ARTE, CULTURA E POLITICA. O PAPEL DO INTELLECTUAL.

O processo de construção da cidadania - uma das questões que tento dar conta neste trabalho-, salientado pelos “arquitetos da nação”⁴⁵ (WADE, 1997), tem tido, no caso do Festival um forte alicerce na idéia de dança como arte e arte como cultura. Esta idéia tem sido politicamente utilizada para promover esforços e ações sobre discursos, por exemplo, de democracia e inclusão social. O que faz com que a dança seja considerada arte e não esporte? Por que a arte é cultura? Minha tentativa de resposta a essas questões remete a um ponto que já tinha discutido no início do texto e tem a ver com a noção de cultura.

Quando a dança, como no caso do Festival, é de tipo cênica e pressupõe um investimento significativo em formação, figurino, etc, há uma ligação entre sua prática e consumo com uma população da sociedade que tem acesso a isso e o utiliza como um diferencial simbólico de outras camadas da sociedade. Nesse sentido, a arte vira cultura ao ser entendida, lida e interpretada como algo relacionado com treinamento e educação; algo que faz parte dos aspectos que são responsabilidade do Estado como saúde, recreação e educação.

⁴⁵ No seu trabalho sobre a relação entre música, raça e nação no caso colombiano, o autor usa a expressão “arquitetos da nação” para se referir às elites governantes que construíram o projeto nacionalista. Segundo ele, nesse projeto, a diversidade foi necessária porque quase sempre envolve relações de poder. Ele expõe como o poder funciona através de práticas de classificação e diferenciação. Wade estuda esse poder a partir do estabelecimento de hierarquias nas músicas do país, descrevendo os arquitetos da nação como aqueles que definem sua própria superioridade com relação à diversidade que observam, constroem e desejam. (WADE, 1997: 66).

Desta forma surgem idéias e discursos sobre cultura como algo que precisa ser levado a quem não tem acesso⁴⁶. Que cultura é essa que precisa ser tocada e acessada pela população carente ou de baixos recursos? Definitivamente não é cultura no sentido antropológico do termo, que a descreve como algo inerente à condição humana. Esta é uma cultura de elite, que pressupõe treinamento e educação e que –como já falei acima– se aproxima mais da acepção sociológica do termo. Aí, a dança surge como linguagem ou índice de outra coisa, voltando ao relatado por Menezes Bastos (1996a) no caso do encontro Raoni-Sting, onde a musicalidade é o significante e o ambientalismo o significado; No Festival de Joinville a dança apareceria como significante da política, tendo a arte e a cultura como pontes (junto com os significados atribuídos a estes conceitos). Esta ligação é apropriada e utilizada pela política com muito sucesso, pois não só funciona no plano da geração de espaços de identificação (patrimônio), como também na exibição de ações e/ou empreendimentos para a população, como o asfalto das ruas ou as jornadas de vacinação, que “somam pontos” à hora de avaliar o desempenho da gestão de uma administração, seja esta Municipal, Estadual ou Federal.

Provavelmente a idéia intrínseca da dança como uma manifestação de beleza e sofisticação, muito presente nas falas e nos textos referidos a ela (tanto dentro como fora do Festival), seja um dos motivos que explica a facilidade com que esta é ligada às noções de arte e cultura, ou seja, manifestação sublime, conforme sugere Menezes Bastos (1995), ao falar sobre a arte no mundo ocidental.

Para dar conta das necessidades de ditas manifestações, surgem as políticas culturais, pois essas manifestações se constituem como parte do patrimônio cultural de uma sociedade. Esta idéia parece estar ligada à noção de folclore, algo pertencente ao povo e com âncora no passado, uma herança. É assim como, segundo Wade (1997), se pensa e constrói a nação, e é nesse processo que os intelectuais exercem poder, como pensadores e construtores de alicerces e cimentos.

⁴⁶ No Festival de Dança de Joinville, uma fala recorrente sobre os espaços gratuitos do evento –os palcos abertos– é que estes garantem o acesso à cultura para a população que não consegue pagar ingressos para as mostras competitivas. Da mesma forma, espaços recentes na estrutura do evento como “dança comunidade”, levam até a periferia de Joinville, assim como fábricas e hospitais, algumas apresentações de dança sob esse mesmo discurso da inclusão social. Além disso, na edição de 2007, levaram alguns jovens da periferia para assistir funções da mostra competitiva no Centreventos Cau Hansen; notícia que foi referenciada e publicada no caderno especial sobre o Festival do jornal local A Notícia.

Os intelectuais, segundo Gramsci (1989), embora aparentemente estejam às margens dos assuntos políticos, são os primeiros organizadores da função econômica da camada à que estão ligados e que os originou. Eles são portadores da função hegemônica exercida pela classe dirigente na sociedade civil e trabalham em diversos espaços como o sistema escolar, organizações culturais ou mídia, como jornais, cinema ou televisão, gerando no seio das camadas sociais uma visão do mundo homogênea e autônoma.

Bourdieu (2003), ao falar do mercado dos bens simbólicos expõe claramente o funcionamento de espaços consagrados como o Festival de Dança de Joinville, elucidando o papel de artistas e intelectuais na dinâmica das trocas no âmbito cultural. Seguindo o autor, a vida intelectual e artística européia se constituiu historicamente como um campo cuja pretensão principal foi (e ainda é) a de legislar na esfera chamada de cultural, sob princípios unificados que influenciam na tomada de posições, implicando na diferenciação nos diversos níveis do social.

Desta forma surge diversidade de públicos e distintas categorias com as que os produtores assinalam seus produtos. Para Bourdieu, os bens simbólicos são realidades de dupla face, pois ao tempo são mercadorias e significações. Nesse sentido, o Festival de Dança de Joinville como um bem simbólico, faz parte de um processo de construção de sistemas ideológicos uma vez que na sua face mais evidente, legitima a constituição e exibição da obra de arte como mercadoria, sendo no caso a dança.

Nesse âmbito, as frações não intelectuais da classe dominante têm no *expert* e/ou crítico uma fonte de opiniões que são lidas como interpretações inspiradas, sempre que o crítico seja reconhecido e se apliquem a seu julgamento, distinções culturalmente pertinentes. Para isto, o crítico precisa ter competência em temas e técnicas que estejam dotados de algum valor para o meio no que desenvolve seu trabalho; além disso, ditos temas e técnicas precisam ser susceptíveis de reconhecimento por um consenso oficial que legisla sobre elas.

Eis a lei de um campo específico que explica a dialética da distinção: impondo limites no interior dos quais se exerce legitimamente uma ação, constituindo desta forma a tomada de posição e a consolidação do sentido público. É assim que funciona o conselho artístico do Festival de Dança de Joinville. São eles os *experts* que selecionam

o que merece ser apresentado e visto nos palcos do evento a cada ano segundo cada categoria e especialidade, legislando também sobre que grupos e/ou obras podem participar das mostras competitivas e quais devem se conformar apenas em participar dos palcos abertos.

Bourdieu sublinha que o indicador de hierarquia dos valores reconhecidos se encontra no lucro simbólico (provavelmente por isso a Prefeitura manteve tanto tempo o evento, embora custasse muito dinheiro). Desta forma o autor formula a desmistificação objetiva e subjetiva da atividade intelectual e artística, expondo como as tomadas de posição estética são também tomadas de posição política que reforçam o lugar que cada um ocupa no sistema de produção de bens simbólicos, desembocando muitas vezes na apropriação e aceitação da cultura legítima. O lucro simbólico do Festival de Dança de Joinville estaria no seu papel na consolidação de um sistema ideológico que garante o funcionamento do social acorde com as expectativas das camadas altas e dirigentes que usufruem dele.

Nessa ordem chegamos ao *Habitus*, que Bourdieu define como o princípio gerador de estratégias inconscientes ou parcialmente controladas que asseguram o amoldamento às estruturas que produziram dito princípio, gerando assim a apropriação e interiorização de um sistema selecionado de signos, índices e sanções materializados nos objetos, palavras e condutas atribuíveis e esperadas por quem pertença ou participe de tal sistema.

Seguindo as sugestões de Bourdieu, considero que nesse sentido há uma domesticação da transgressão representada em discursos como o da inclusão social, cujas ações derivadas fazem com que manifestações e pessoas outrora fora da estética legítima, sejam incorporadas e aceitas sob a condição de assumir e interiorizar um sistema de signos, índices e sanções específico. Desta forma, se apropria uma tomada de posição estética e também política, implicada nela; para assim obter o “reconhecimento” e “enaltecimento” de sua “arte” num palco. De alguma, forma acho que isso é refletido na dança de rua como um gênero com origens afastadas da dança cênica tradicional (embora hoje em dia faça parte do cardápio de grande parte das academias e escolas de dança) e que tem sido incorporado recentemente na história do Festival.

FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE, UM FATO ENTRE OUTROS.

Se tudo o que é feito precisa uma justificativa, uma “função”, uma delas neste evento, segundo percebi, é dotar de sentido a existência de uma população e dinamizar algumas das ficções que nos constituem, como a identidade e a economia.

Dinamizar a vida de uma cidade pacata num mês frio e sem muita atividade, colocar cores nas ruas, gente, música, barulho e dinheiro a circular é um dos grandes sucessos deste evento. Isto que disse faz parte das elocuições corriqueiras, do que ouvi na rua ou li nos jornais.

Festivais, feiras, festas, celebrações, têm esse objetivo de marcar diferença em tempos cíclicos. Stoeltje (1992) fala do festival como um evento que ocorre regulado por calendários, público por natureza e que serve a propósitos enraizados na vida do grupo que os realiza. Os descreve como fenômenos coletivos ou sistemas de reciprocidade e responsabilidade compartilhada, que garantem a continuidade e participação no evento, através da distribuição de prestígio e produção.

Um dos objetivos importantes do festival, segundo a autora, é a expressão da identidade de um grupo através da memória e da ancestralidade. Os eventos que têm a palavra festival nos seus nomes são geralmente construções modernas, contemporâneas, que servem a propósitos ideológicos, comerciais e políticos de autoridades interessadas em si próprias.

A ação no festival é a combinação da participação e desempenho num contexto público. A idéia de vitrine é muito importante aqui. Ouvi várias vezes, tanto por parte dos organizadores como dos participantes, que o Festival de Dança de Joinville é uma vitrine para o mundo da dança no Brasil. É aqui onde grupos amadores dão seus primeiros passos, onde reconhecidos bailarinos da cena nacional legitimam ações e discursos apenas com sua presença. É aqui, também, onde políticos conseguem demonstrar seu apoio à cultura, potencializando sua legitimidade.

Gazeta mercantil São Paulo, 17 à 19 de julho de 1998. Coluna Administração e marketing (Manchete: “Dança recebe patrocínio de 2 milhões: Antártica e Bradesco seguros investem em evento em Joinville), por: Silvio Ribas, Florianópolis.

“Ao atingir o status de mais importante evento sul-americano do gênero e maior em público do mundo, o Festival de Dança de Joinville, no norte de Santa Catarina, **também confirma-se como uma vitrine regional para marcas nacionais**. Realizado anualmente desde 1983 na mais populosa cidade catarinense, o evento esta sendo patrocinado nesta edição pela antártica e pelo Bradesco seguros, cada um investindo R\$ 1 milhão valendo-se da lei de incentivo à cultura (Rouanet)... O evento firmou-se no calendário turístico de Santa Catarina, tanto que os hotéis de Joinville prometeram investir R\$ 30 milhões nos próximos anos em reformas e expansão para melhor acomodar o público do festival.”
(grifos meus)

A noção de vitrine também tem sido utilizada junto com outras estratégias e apelos na procura de promoção do evento. Por exemplo, na proposta de patrocínio para o 18º Festival de Dança de Joinville em 2000, dirigida pela diretoria executiva do Instituto às empresas que poderiam estar interessadas em financiá-lo, apela-se ao marketing cultural, uma das prováveis chaves interpretativas do Festival das que falei no início do texto, e que funciona da seguinte forma:

“O Festival de Dança é uma excelente oportunidade de marketing cultural, associando a marca de sua empresa a um evento de sucesso como o Festival. Tem o apoio da lei do mecenato, do Ministério da Cultura, o valor aplicado no Festival pode ser abatido integralmente do imposto de renda, até o limite de 5% do imposto a ser pago. A visibilidade para os patrocinadores dar-se-á de quatro formas: Mídia: veiculação publicitária envolvendo jornal, revista, televisão, outdoor, radio, internet e peças gráficas (convite, programa, banners, etc. fecha) Merchandising: Possibilidade de colocação de placas, blimps, banners da empresa no Centreventos. Promoção: Realização de eventos promocionais junto a Feira da Sapatilha o em outros locais da cidade, previamente negociados com o Instituto Festival de Dança de Joinville. Divulgação Jornalística: Distribuição de material jornalístico para publicações de marketing sobre o patrocínio da empresa ao evento. O orçamento do 18º Festival de Dança de Joinville está estimado entre 1.5 milhão de reais e 2 milhões de reais. O investimento em mídia ficará entre 25 e 30% do valor total do evento”.

Já na proposta de patrocínio de 2005 se faz referência aos espaços conquistados em 2004 e se quantifica a aparição em jornais e revistas estaduais e nacionais: 34.789 centímetros; em rádios regionais 9 horas e 03 minutos; em TV nacional 34 minutos. Fala-se de um mercado em movimento e do aumento no número de empresas interessadas em direcionar suas ações de marketing para a dança. Veja, por exemplo, no quadro a seguir, alguns números do apoio da lei Rouanet⁴⁷, especificamente sobre projetos envolvendo dança no Brasil inteiro.

⁴⁷ Lei Rouanet é a Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº. 8.313/91). Concebida em 1991 para incentivar investimentos culturais, pode ser usada por empresas e pessoas físicas que desejam financiar projetos culturais. Ela instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), que é formado por três mecanismos: o Fundo Nacional de Cultura (FNC), o Incentivo Fiscal (Mecenato) e o Fundo de Investimento Cultural e Artístico (Ficart). O FNC destina recursos a projetos culturais por meio de empréstimos reembolsáveis ou cessão a fundo perdido. O Programa de Difusão e Intercâmbio Artístico e

ITEMS/ANO	95	96	97	98	Total
Patrocínio obtido (em R\$)	1.2 milhões	5.7 milhões	7.3 milhões	10.7 milhões	24.9 milhões
Renúncia Fiscal (em R\$)	760.000	1.6 milhões	2.2 milhões	6.2 milhões	10.76 milhões
Número de projetos que captaram	10	17	28	32	87
Número de projetos aprovados	21	70	91	132	314
Número de projetos apresentados	35	95	92	134	356
Número de empresas que investiram em dança (via lei Rouanet)	Não fornecido	56	48	86	Não fornecido

Importante sublinhar a profunda mudança no setor “cultural” que esta lei aponta, sendo evidente a simbiose entre a sociedade política e a civil, assim como a

Cultural, que viabiliza o repasse de recursos para a compra de passagens para a participação de eventos de natureza cultural a serem realizados no Brasil ou no exterior, também utiliza recursos deste Fundo. Já o mecanismo de Incentivo Fiscal, mais conhecido como Mecenato, viabiliza benefícios fiscais para investidores que apóiam projetos culturais sob forma de doação ou patrocínio. Empresas e pessoas físicas podem utilizar a isenção em até 100% do valor no Imposto de Renda e investir em projetos culturais. Além da isenção fiscal, elas investem também em sua imagem institucional e em sua marca. A Lei também autoriza a constituição de Fundos de Investimento Cultural e Artístico - FICART, sob a forma de condomínio, sem personalidade jurídica, caracterizando comunhão de recursos destinados à aplicação em projetos culturais e artísticos. Desde a sua criação, o mecanismo não foi utilizado. Em: <http://www.cultura.gov.br>

aparição notável da privatização de recursos públicos (impostos) e a estatização da “cultura”, antes promovida pela sociedade civil.

Em 2003, segundo o relatório de imprensa do Festival de Dança, a proposta incluía uma nova forma de marketing cultural através dos materiais institucionais, veiculação da marca dos patrocinadores no site do evento bem como em todas as peças gráficas (cartaz, programa, folder, etc.) e da comunicação visual (banner, painel, etc.). Aos patrocinadores se ofereceu 50% de participação na mídia eletrônica (radio, TV e internet) veiculada a partir da assinatura do contrato e 100% de participação na mídia impressa (jornal, revista e outdoor).

Já no relatório de imprensa de 2004, na 22ª edição do Festival, se falava de Marketing cultural como uma opção inteligente de investimento com a seguinte explicação:

“... Embora pareçam conflitantes, os campos de interesse do marketing e da cultura estão cada vez mais relacionados. Em 2004, quando o Festival completa sua 22ª edição, mais uma vez a Petrobras, a TIM, Telesc Celular e as lojas Salfer se consolidam como grandes parceiras do evento. As empresas vêm investindo na arte da dança há varias edições do Festival. Vale lembrar que se tratando de marketing cultural, se está lidando com arte, uma dimensão muito especial de consumo, só para se ter noção, em 1997 a produção cultural movimentou no Brasil aproximadamente R\$ 6.5 bilhões, o que corresponderia a cerca de 0.08% do PIB Brasileiro. Esse contingente significa que a cultura emprega mais do que muitas outras atividades desenvolvidas no país.. Para o gerente corporativo e da qualidade das lojas Salfer, Valdemiro Hafemmanh, é importante para uma empresa associar sua marca a um evento de expressão e sucesso. “Além de apoiar iniciativa culturais, patrocinar significa viabilizar a arte para que ela possa ir cada vez mais ao encontro de todas as camadas sociais””.

Este tema tem sido abordado e aprofundado por autores como Jussara Xavier (2006), quando a mesma discorre sobre política cultural, processos de produção, distribuição, troca, consumo e comercialização da cultura, especificamente da dança no caso brasileiro, como consta no trecho a seguir:

“Conectada ao mundo, a dança articula-se com diversos contextos: arte, cultura, política, mercado, educação, sociedade. Conhecer estes âmbitos pode ser a chave para a ampliação das possibilidades de atuação profissional em dança, gerando novas oportunidades... O Festival de Dança de Joinville exemplifica esta gama de interfaces da cultura. Além dos participantes da área da dança, recebe grande número de visitantes de várias partes do Brasil e do mundo em suas edições anuais, sendo apontado como atrativo turístico local. Com as atividades e os eventos culturais que promove, gera um número considerável de empregos diretos e indiretos, formais e informais movimentando diferentes setores produtivos... A partir dos anos 80, com a criação e o uso das leis de incentivo à cultura, se verifica uma mudança significativa do mercado

cultural no Brasil. O governo passou a beneficiar a produção com incentivos fiscais e as empresas começaram a investir numa forma de marketing, ampliando o acesso à arte. A partir daí e até hoje a política cultural brasileira passa a se apoiar em grande escala no tripé: leis- empresas -artistas... No mercado da dança, as leis de incentivo abriram espaço para a profissionalização, propondo um reposicionamento dos artistas individuais e grupos. A distribuição das verbas de incentivo gerou uma concorrência e, com esta, a necessidade de mostrar trabalhos de qualidade... Propiciou assim um processo de especialização. A constituição deste mercado é, no entanto, um fenômeno cultural recente no país. Embora o segmento venha crescendo em captação de recursos financeiros e atraindo novos patrocinadores, as oportunidades ainda são escassas e restritas a poucos.

Este mercado se forma, essencialmente, por meio de um relacionamento sutil entre governo (com suas leis), empresas (que podem fazer o papel de mecenas moderno com dinheiro público) e a produção de dança (beneficiária e criadora). Neste mercado, os três elementos configuram-se em parceria... A principal via de escoamento da produção artística continua sendo as mostras e festivais. O alto custo relativo à exibição de espetáculos de companhias profissionais e grupos de dança catarinenses vislumbram a solução para seus problemas de sobrevivências nas leis que geram benefícios fiscais ao patrocínio da cultura... O marketing cultural expressa a transferência de recursos de uma organização para que uma ação cultural ocorra, com o objetivo de beneficiar tanto a atividade cultural quanto a estratégia de comunicação da empresa. O patrocínio à cultura é interessante às empresas porque gera eventos que atraem públicos do investidor, gera produtos e espaços para distribuição gerando visibilidade da empresa na mídia... Cultura gera visibilidade qualifica positivamente a empresa no mercado, constitui uma identidade e demonstra responsabilidade social”.

As colocações de Xavier, referentes à relação entre o mundo da dança e a constituição de um mercado especializado no Brasil, de alguma forma resumem vários dos itens por mim abordados neste texto, exemplificando as dimensões políticas da arte, sendo neste caso específico a partir das leis de incentivo e o chamado marketing cultural que opera sob a idéia de responsabilidade social. Entretanto, as dimensões políticas da arte não se restringem a esfera econômica, embora esta seja muito visível, mas, também aparecem ligadas ao poder representado na coesão e nas identidades geradas em espaços deste tipo, como mostrarei mais adiante.

Voltando à descrição dos festivais feita por Stoeltje (1992), a autora apresenta o caráter comercial e de marketing destes, apontando como esses traços se configuram em um elemento distintivo deste tipo de construções modernas. Ainda, é importante acrescentar que ela fala que na estrutura destes é essencial à existência de uma cerimônia de abertura, onde acontece a exibição e explosão de indivíduos e instituições. Nessa cerimônia é revelada a estrutura social da comunidade e são confirmados os valores dominantes do grupo.

Segundo Stoeltje, o festival está composto também por rituais, dramas e contestações, concursos e competições onde se procura e premia a “melhor pessoa” fazendo alguma coisa. Isso está claramente exemplificado no Festival de Dança de Joinville pela mostra competitiva. Também sublinha, como parte importante da estrutura destes eventos, que a comida tem um papel fundamental já que enfatiza o ato social de comer, confirmando a identidade dos grupos que dele participam, comendo certas coisas durante certo período de tempo. A meu ver o chocolate é uma mostra disso no Festival. À diferença das lojas de comida, localizadas na praça de alimentação da feira da sapatilha (outro lugar de concentração de atividades, também no Centreventos Cau Hansen), as lojas de chocolate encontram-se do lado das de acessórios para dança e estão fortemente carregadas por iconografia que faz referência ao chocolate ligado à herança germânica do município. Caixinhas de chocolate para presente exibem, por exemplo, bonequinhos fantasiados com trajes típicos alemães, arquitetura tipo “enxaimel” e outros aspectos da região que remetem a sua herança alemã.

Jornal A notícia. 28 de julho de 1995.

(Manchete: Retorno do Festival de Dança fica abaixo das expectativas).

“Tem empresário que está satisfeito com os negócios durante o Festival, caso do Laércio Berchhausen, da Chocolate Caseiro Joinville, que este ano ofereceu 5 mil sapatilhas de chocolate como brinde aos bailarinos e comissão organizadora. A empresa aumentou suas vendas de acordo com o incremento da produção de 30%. “Tem sido bom, ***vendemos muito chocolate durante o Festival***”.

(grifos meus)

Finalmente o festival, segundo a autora, tem um evento de encerramento que, no caso do Festival de Dança de Joinville, se configura na noite dos campeões, onde se apresentam aqueles que obtiveram os primeiros lugares nas mostras competitivas. Ela enfatiza que nestes eventos a música e a dança permeiam a realização toda, desde a abertura formal até o fechamento informal.

As estruturas sociais de participação, a inclusão social e a democracia, aparecem como eixos fundamentais da compreensão do que é um festival segundo Stoeltje. Para a autora o conceito de participação é a chave da leitura destes eventos.

Num festival há muitas alternativas de envolvimento e nem todas as pessoas assistem às mesmas atividades. O festival oferece oportunidades para uma ampla participação, porque seu propósito geral é relevante para todos os membros do grupo.

Os ricos e pobres caminham na mesma areia. Nos festivais se reconhece a diferença e se esforça na participação e integração.

A autora adverte que uma das motivações da realização e participação nesse tipo de evento tem a ver com tornar públicos determinados sentimentos políticos que são manipulados através de discursos ideológicos e identitários. Também é manipulada e transformada a realidade temporal num padrão cíclico, pois o evento ocorre e acontece uma e outra vez, segundo o calendário, sendo dessa forma um evento esperado.

Nessa dimensão da temporalidade, as expressões da tradição e mudança se confrontam mutuamente. Enquanto o Festival de Dança de Joinville enfatiza o passado, rememorando as primeiras edições, idealizando e romantizando situações, o novo e o diferente também são dimensões legitimadas do evento, que contribuem, dessa forma, para sua vitalidade, sendo isto muito importante por gerar expectativas e perspectivas futuras para o Festival.

A repetição, tanto de sons quanto de símbolos visuais é exibida em múltiplas circunstâncias sendo também um traço a ressaltar. No Festival, a canção oficial (ou hino) é uma constante em todas as apresentações e eventos alternativos, como nos seminários. O público e os bailarinos a cantam e repetem emocionados (eu mesma me surpreendi várias vezes silvando a canção, cantando-a em minha cabeça).

“Dança em Joinville, dança em meu coração. A vida é um palco, movimento emoção. As flores da cidade vão dançar com você. Vem para Joinville nós queremos te ver. Pra dançar, dançar, dançar e ser feliz. Festival de emoções no meu país. (BIS)”.

Para Stoeltje (1992), os festivais vistos como um todo, facilitam o rearranjo das estruturas da sociedade que os produz, criando novos enquadres e processos, reforçando, fortalecendo e consolidando a identidade do grupo através do seu poder; atuando em interesse próprio e dessa forma modelando a iniciativa expressiva da sociedade. Esse tipo de eventos tem poder social por promulgar a vida social e enaltecê-la.

O Festival de Dança de Joinville desempenha perfeitamente essa função. Não tenho claro se o sucesso do evento tem a ver especificamente com a dança, não imagino como funcionaria caso o tema deste fosse outra “arte” como música, teatro ou literatura.

Será que os discursos seriam os mesmos? Será que o impacto do evento na economia da região seria igual, similar ou maior? Será que o Festival de Joinville poderia ser de outra coisa que não dança? No final refletirei novamente sobre este ponto.

As separações em áreas do conhecimento são uma invenção nossa e não respondem necessariamente às qualidades intrínsecas da matéria (ou do imaterial). Servem para fins estratégicos e políticos pois uma vez que algo é definido ou encaixado no concreto, perde a possibilidade de ser outra coisa. E assim, botando limites e fronteiras, vamos construindo nossas certezas.

MAIS JORNAIS

A seguir, apresento uma seleção das notícias em jornais nacionais referidas ao Festival de Dança. Como já coloquei acima, este é meu recorte sobre um recorte feito com antecedência (as clipagens) e o objetivo é ilustrar algumas das reflexões que já foram levantadas, assim como aquelas correspondentes à conclusão desta pesquisa.

Jornal A Notícia, 25 de junho de 1984, pp.26

(Manchete: Festival de Dança empolga o setor cultural de Joinville)

“A realização do 2º Festival de Dança de Joinville deverá representar um dos mais importantes movimentos da área cultural da cidade nos últimos anos, segundo previsão feita ontem pela diretora da Casa da Cultura, Albertina Ferraz Tuma...” O evento colocará Joinville entre as cidades que mais incentivo e apoio ofereceu ao movimento da dança em todo o país, não só pela costumeira hospitalidade do nosso povo, que deverá colaborar com o Festival abrigando em suas casas diversos bailarinos, como também no aspecto de organização desse encontro tão importante para a nossa cidade”. O entusiasmo da diretora da Casa da Cultura não deve ser encarado como exagero. Afinal, até ontem, mais de 79 grupos de dança entre os de maior destaque do país já haviam confirmado presença no evento, prevendo-se com isso a participação de mais de mil bailarinos nas diversas modalidades de dança. No dia 7, a abertura do evento contará com a presença do prefeito Wittich Freitag, que falará algumas palavras a respeito da importância do Festival de Dança para Joinville; a seguir, será a vez do diretor da Escola Municipal de Balé, Carlos Tafur, que explicará como será o festival e falará ainda sobre o movimento da dança no município.

Diário Catarinense 19 de julho de 1995

“Sindicato dos estabelecimentos calcula que 40% dos 4mil inscritos no evento tenham se registrado na rede. Paulistas, cariocas e gaúchos lideram as ocupações nesse período”.

Jornal A Notícia. 10 de Julho de 1995

“A maior cidade de Santa Catarina está com tudo pronto para o maior evento de dança no Brasil, que começa na sexta feira 14. Trata-se do XIII Festival de Dança, **um acontecimento cultural, que mexe com a cidade em todos os sentidos, principalmente com a economia**”.

(grifos meus)

Jornal A Notícia 04 de agosto de 2000. Coluna Antonio Neves.
“... No Brasil há mais de 140 eventos inspirados no Festival de Dança de Joinville...”.

Jornal A Notícia 14 de agosto de 2000. Coluna Raul Santori.
“... O evento é uma referência para 140 festivais no Brasil e países vizinhos que seguem o exemplo. Edson Bush Machado faz seguidos pêniplos ministrando palestras com o tema Festival de Dança, planejamentos, estrutura e realização”.

Jornal A Notícia. 08 de agosto de 2000. Coluna opinião.
“A cidade tem um evento do qual tira proveito toda a comunidade, não pode ser mais qualificada de cidade interiorana e provincial... *Cultura é patrimônio, é riqueza que brilhanta a vida das comunidades...*”.
(grifos meus)

Sobre este último depoimento gostaria de dar ênfase na preocupação evidente de quem escreveu, em tirar a imagem de interior e província da cidade de Joinville, apelando à “cultura” e patrimônio que possui por meio do Festival. A preocupação com a imagem externa da cidade é uma das questões importantes para pensar este tipo de evento, pois além de servirem para fins internos de afirmação e consolidação de identidades, também estão dirigindo o discurso e a ação ao exterior, aos interlocutores, que, como já mencionei, podem ser nacionais (outras cidades ou estados) ou ainda, seguindo Ribeiro (2000), transnacionais. Estes eventos a meu ver, funcionam também com um apelo reivindicatório sendo um grito que pede reconhecimento e exige um lugar no mundo: “Aqui estamos nós!”⁵⁰.

Jornal A Notícia 31 de julho de 2000. Coluna Raul Satori
(Manchete: “Clones”)
“Como aconteceu com Oktoberfest que já tem cerca de 20 versões no Brasil, o Festival de Dança de Joinville, criado há 18 anos já produziu 14 versões mais ou menos parecidas”.

Jornal A Notícia 30 de julho de 2000. Coluna João Carlos Vieira
“Depois do sucesso da Festa Germânica, seus organizadores já estão pensando em no ano que vem realizar a segunda edição durante o Festival de Dança de Joinville”.

Diário Catarinense 27 de junho de 1995
“... As portas de São Paulo estão se abrindo para o Festival de Dança de Joinville. A fundação cultural e a secretaria de turismo de Joinville em parceria com a Santur- o órgão oficial do turismo do estado de SC- vão lançar a décima terceira edição do Festival a nível nacional na capital paulista, no próximo dia 30 as 21 horas, tendo por local o Auditório Simon Bolívar, no memorial da América Latina... Como as famosas festas típicas do estado -Oktoberfest, Fenachopp, Festa das flores, ente outras- o Festival de

⁵⁰Como mencionei no início da dissertação, quando o projeto desta pesquisa encontrava-se numa primeira etapa, tinha a intenção de falar no Festival de Dança como parte de um circuito ritual em Santa Catarina. Entretanto, desisti de utilizar esta abordagem do circuito, pensando que me exigiria remeter um pouco mais aos outros eventos (*Oktoberfest, Fenachopp, etc.*), além de que seria mais uma construção analítica minha do que uma evidência empírica. Entretanto, descobri neste ponto, com agrado, que essa construção feita por mim não está tão longe da realidade e que desde essa perspectiva, o circuito poderia se constituir como um campus no sentido bourdiano do termo.

Dança de Joinville que este ano acontece entre 14 e 26 de julho, “é mais um produto singular da cultura catarinense e, por isso, de grande apelo turístico”, diz o presidente da Santur, Adolfo Ern filho.

Diário Catarinense, Florianópolis 12 de Julho de 2000. Opinião privada
Por Ely Diniz, Coordenador executivo do Festival de Dança de Joinville. (Atual presidente do Instituto).

“Por intermédio da Lei do Mecenato, com orçamento de R\$1,5 milhão para esta edição, o Festival de Dança de Joinville tem o patrocínio do Guaraná Antártica, com a cota – apresenta – da Tim celular, da Petrobrás e da Athletic Way, todas empresas interessadas em associar sua marca ao sucesso de evento. Os recursos provenientes destas empresas são responsáveis por dois terços do orçamento, enquanto o restante é custeado por receitas próprias. Desta forma o Festival que foi sustentado pelo poder público ao longo de 16 anos, chega à maioria com total independência financeira, não mais recebendo verbas da prefeitura e dando retorno ao município, alavancando a imagem o turismo e a economia de Joinville”.

Interessante constatar nos depoimentos acima, o diálogo existente entre os eventos de caráter festivo que acontecem no estado, ou até mesmo fora dele. Parece que esses eventos servem para se promover mutuamente e que, desta forma, encontram-se efetivamente em diálogo e promoção constante. Entretanto, como pode ser visualizado no trecho a seguir, o turismo também aparece exaltado em depoimentos, referenciando o Festival de Dança como destino.

Diário Catarinense Florianópolis 9 abril de 2000. Coluna Balanço Econômico.
(Manchete: Pacotes para o Festival de Dança de Joinville).

“Pela primeira vez operadores de turismo oferecem pacotes completos para o Festival de Dança de Joinville”.

Revista Turismo Brasil Sul, Florianópolis junho e julho de 2002.
(Contracapa: Joinville não para).

“Festas, festivais, feiras e alegria o ano inteiro. Atividades para todos os tipos de gosto ou opinião. Um dos principais festivais de dança do mundo, agora em julho na sua 20ª edição atrai mais de 4000 bailarinos e milhares de turistas amantes da dança...”.

Em outro sentido, existem opiniões que longe de exaltarem o evento, discordam do funcionamento do mesmo e fazem questão de colocar em relevo as suas contradições.

Revista Ballet Tanz. Berlin ano 2000.

(Manchete: As massas querem ver dançarinos não arte). Por Silvia Sotter⁵¹.

Competições “made in brasil”: a produção artística neste país de dimensões continentais, procura escapar da isolamento na qual escolas e coreógrafos vivem... As competições funcionam, se reúne gente (país?)... O número crescente de profissionais legitima a competição e lhe da uma aura... Como no esporte a quantidade de audiência relembra um grupo de fãs de futebol. Cada grupo ou gênero conta com seus seguidores...

⁵¹Jornalista do jornal carioca O Globo. Atua também como crítica e pesquisadora em dança. Tem participado em várias instâncias do Festival de Dança de Joinville, como conselheira artística, jurada e palestrante.

Há ganhadores e perdedores... Troféus mais do que arte... Arbitrariedade dos julgamentos, o virtuosismo seduz a platéia.
(Original em Inglês. Tradução minha).

Porém, notícias e polêmicas envolvendo a dança no município não são exclusivas do Festival de Dança de Joinville:

Jornal A Notícia, Joinville 14 de março de 2000. Coluna Moacir Pereira.

“As gestões promovidas pelo prefeito Luiz Henrique da Silveira (PMDB) para instalar em Joinville uma escola do Ballet Bolshoi, já está produzindo múltiplos dividendos. É a primeira unidade do gênero em todo o mundo. O fato está globalizado com divulgação via internet. Ganho ontem capa da “Folha Ilustrada”. E a inauguração na próxima sexta-feira terá maior repercussão. O projeto cultural dá mais prestígio do que as obras físicas.”

Jornal A Notícia. Joinville 14 de março de 2000. Anexo.

“... Luiz Henrique da Silveira considera o estabelecimento da Escola do Ballet Bolshoi no Brasil, o segundo maior contrato internacional de educação já celebrado no Brasil. O primeiro, -segundo o político -, foi a criação do Instituto tecnológico da Aeronáutica, logo depois da segunda guerra mundial. “Não se trata de ter apenas uma escola de dança, mas gerar todo um processo de qualificação cultural para o país”. Justifica o prefeito, que já anuncia para marco do ano que vem, nova apresentação da companhia Russa em Joinville...”

Outro fato interessante observado em Joinville, diz respeito à Escola do Teatro Bolshoi no Brasil. Esta foi inaugurada na cidade no dia 17 de março de 2000, sendo que o convênio havia sido firmado no dia 15 de outubro de 1999. As seleções para fazer parte da primeira turma de alunos da escola, segundo relataram os jornais, atraiu pessoas do Brasil inteiro e do exterior. A Caixa Econômica repassou fundos para esse fim. Dos 150 selecionados na primeira etapa, 100 foram bolsistas integrais do município. Os outros 50 ficaram como alunos particulares, tendo que pagar mensalidades de 300 reais. Tudo parece indicar que a Escola deu o nome e o município procurou o dinheiro, pois tanto a infra-estrutura física onde esta funciona, como os recursos para seu funcionamento, foram em parte de origem pública e da fundação ou organização “Amigos do Bolshoi”⁵², que capta recursos para seu funcionamento. Fiquei sabendo disso ao visitar as instalações da Escola, que fica localizada no Centreventos Cau Hansen.

João Prestes⁵³ atuou como representante dos interesses do Teatro Bolshoi no Brasil e Luiz Henrique da Silveira foi o participante na negociação como representante

⁵² “Empresas e pessoas físicas socialmente responsáveis que apóiam o projeto através de serviços prestados e patrocínios não incentivados ou incentivados por leis”.

Em: <http://www.escolabolshoi.com.br/amigos.php>

⁵³ Filho de Luis Carlos Prestes, já falecido, e liderança histórica (secretário geral) do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

do Brasil no processo de firmar o convênio. A coordenação ficou por conta de Jô Brasca Negrão, única professora brasileira na Escola do Teatro Bolshoi no Brasil. João Prestes já vinha tentando, desde 1996, estabelecer contatos entre o Brasil e a Rússia, como consta neste fragmento de entrevista.

Jornal A Notícia 12 de julho de 1996. Geral
Entrevista a João Prestes por Estella Benett.
“... O filho do líder comunista brasileiro Luiz Carlos Prestes, cursou Engenharia mecânica na Universidade de Moscou e desde 1984 atua na área de importação de produtos brasileiros... (respondendo a uma pergunta sobre o intercâmbio entre os dois países responde:) “...o primeiro passo é fazer com que os dois países se conheçam melhor, já organizo uma série de eventos culturais entre Brasil e Rússia. A vinda do Bolshoi a Joinville é um graõzinho de areia para fazer como que a integração e confiança aumentem. Os russos consideram que o Brasil é um país de índios e o Brasil considera a Rússia um país de bandidos. Assim é difícil...””

Os jornais que circulavam na época da inauguração do Bolshoi, falaram da importância da Escola pelos lucros que levaria para a cidade e para o país, sendo pólo de atração para toda a América Latina, e sob a consigna: “Governo de Joinville, mais uma ação”, se criou todo um discurso das maravilhas que traria a presença da Escola no Brasil. Entretanto, na minha estada em 2007, constatei em jornais e TV que a Escola Teatro Bolshoi do Brasil atravessava uma crise de recursos que fez com que alguns dos alunos com bolsa integral, abrissem mão desta voluntariamente para conseguir sustentar a Escola. Além disso, houve também crises anteriores relacionadas com os atos de má administração dos recursos, polêmica que levou à criação da “CPI da sapatilha”, mas não pretendo aprofundar esta questão aqui.

Entretanto, durante a época da assinatura do convênio e quando a notícia era ainda novidade, se insistiu nos meios de imprensa em que a credibilidade do nome Bolshoi significava a consolidação de Joinville como a capital da dança no país. Aliás, se falou na época e até hoje ainda se fala desta experiência como a “única e primeira” fora da Rússia, embora existam outras duas escolas, uma delas anterior nos Estados Unidos (Washington) e outra no Japão (Tóquio)⁵⁴.

O Bolshoi de Joinville encerra uma série de questões relevantes para o objetivo desta pesquisa. De um lado, dá conta dos esforços redobrados da política local por

⁵⁴ Sobre este ponto gostaria de esclarecer que soube do assunto por uma referência indireta lida na pesquisa das clippagens, e então, procurei na internet mais informação a respeito. Infelizmente essa pesquisa não arrojou resultados muito claros, pois embora aparentemente as ditas escolas existam, não consegui um endereço oficial das mesmas.

atingir resultados através de ações culturais, o que mostra como estes espaços considerados ou chamados de culturais são propícios para a emissão de discursos que apelam ao orgulho identitário e patrimonial. De outro lado, mostra como a dança por meio do Festival, posicionou-se no imaginário da cidade como um exemplo do que é “arte e cultura” (aqui cabe ressaltar que há uma ligação implícita entre o balé e a “alta cultura”). Além disso, se transformou em um espaço onde aparece um tipo de segmentação que dá conta dos níveis de coesão da identidade e cidadania no Brasil, pois, enquanto Brasileiros, a escola do Teatro Bolshoi e o Festival de Dança de Joinville são referenciados e citados por veículos de mídia de impacto nacional como pertencentes à nação, e na perspectiva local e regional, são exaltados e motivo de orgulho ao serem considerados parte do patrimônio do município onde ocorrem.

Iniciando o parágrafo anterior, me referi (e não por acaso) ao “Bolshoi de Joinville”. O Bolshoi é de Joinville, quando sua existência é utilizada para ressaltar questões específicas do município como, por exemplo, sua “vocação pela cultura”, mas ao mesmo tempo é brasileiro quando desde outros municípios do Estado, como Florianópolis, se faz referência a ele para realçar a atividade cultural de Santa Catarina.

Na política local, o Bolshoi também é utilizado como exemplo do que é feito por instituições ou pessoas físicas. E como o Festival, dá conta dos processos de criação e agência do social, onde são pessoas “de carne e osso” que planejam, decidem e atuam sobre os destinos de uma nação, ajudam na criação da tradição e domesticam dessa forma a transgressão.

Os jornais foram uma riquíssima fonte de informação e constatação das hipóteses deste trabalho, já que neles foi possível visualizar claramente as sucessões cronológicas dos fatos, o andamento dos assuntos de uma região e de um país. Olhar jornais antigos foi um exercício de reconstrução da memória, de desconstrução de certezas e de verificação da agência de quem detêm o poder para legitimar, incentivar ou patrocinar, ou seja, daqueles que sustentam economicamente as ficções que criam para garantir e perpetuar sua própria existência. Por exemplo, as primeiras versões do Festival de Dança de Joinville, foram patrocinadas pela EMBRACO e a CONSUL, duas empresas privadas fundadas por Wittich Freitag, prefeito da cidade na época.

Diário Catarinense 6 de Novembro de 1988
(Manchete: Administração Wittich Freitag é aprovada pela população).
“Freitag fundou duas das 4 maiores indústrias de Joinville (Consul e Embraco)...
Oriundo de Blumenau... está sendo considerado o “maior prefeito da história de
Joinville””.

Interessante constatar as ligações entre o capital privado e a gestão pública, que ficam evidentes em casos como o citado. Eventos não surgem de forma espontânea, são mobilizados por interesses de pessoas e estão em permanente diálogo e construção por meio do conflito e da troca, tanto com aqueles que concordam e usufruem de alguma forma deste tipo de empreendimentos, como com os descontentes que problematizam e dinamizam suas sociedades.

DIZENDO E FAZENDO, COMO SE CRIA UMA REALIDADE.

Jornal A notícia 26 de janeiro de 2005. Coluna C1 Anexo.
(Manchete: Mania de grandeza)
“... Joinville: Orgulho dos Catarinenses, sobre tudo dos Joinvillenses... O Festival de Dança de Joinville estreou na edição especial do aniversário no “Guinness World Records 2005 – Livro dos recordes (EDIURO). A Publicação que começo a ser vendida no novembro do ano passado, cita o Festival como o maior do mundo... Na página 98 do capítulo Festivais e Tradições”.



Cartaz publicitário do 15º Festival de Dança de Joinville em 1997

Em 2005, O Festival de Dança de Joinville foi indicado pelo *Guinness Book* como “O Maior Festival de Dança do Mundo”⁵⁵. Nos relatórios da imprensa consta o intenso monitoramento que se fez da informação: data, horário, fonte, lugar e o que se diz sobre a notícia, etc., registrado e arquivado junto com as clipagens, materiais gráficos, balanços econômicos e outros documentos físicos e digitais do evento.

Desde então, esse fato tem sido um dos apelos mais reiterados na publicidade alusiva ao evento, embora se falasse do Festival como o maior do mundo desde as primeiras versões.

Ainda como já comentado, os discursos e falas alentadoras da magnitude do evento não são recentes e têm sido contínuas e insistentes desde o início. Aquilo que reforçado inúmeras vezes, dito de inúmeras formas, acaba virando realidade e além de adquirir força retórica, se traduz em ações concretas amparadas na legitimidade do discurso que as criou. No caso do Festival, as falas outrora mais locais e remetendo aos assuntos da comunidade, vão adquirindo dimensões continentais, uma pretensão esboçada desde o início do evento⁵⁶.

Um outro ponto interessante, referente ao fato do “*Guinness World Records*”, diz respeito da eterna busca pela legitimidade do evento. O Festival a obtém nesse reconhecimento externo, e ele por sua vez, é fonte de reconhecimento e legitimidade para os bailarinos jovens, profissionais e outros trabalhadores do Festival, que exibem em seus currículos a participação no evento.

Em 1986, num documento interno de divulgação da prefeitura intitulado “Rumo ao 4º Festival”, consigna-se:

⁵⁵Importante sublinhar aqui que embora o ano 2005 seja a data “oficial” que legitima e garante efetivamente que o Festival de Dança de Joinville é o maior do mundo, desde anos anteriores, como constata a imagem do cartaz publicitário de 1997, aparece essa menção de grandiosidade. Aliás, mais importante ainda é salientar que essa “grandiosidade” e megalomania, fazem parte do triunfalismo inerente ao “*nation building*”, e que no caso brasileiro é um traço muito forte e recorrente. No Brasil muitas coisas são as “maiores do mundo”, não as melhores nem as mais importantes. Aqui, o uso do vocábulo “maior” remete ao tamanho como credencial de apresentação do Brasil pelo mundo fora. Mas esse traço, sem dúvida, não é exclusivo do Brasil, e como já disse acima, constitui uma das estratégias do “*nation building*”, aparecendo com frequência nos veículos massivos de comunicação. Aqui no Brasil, foi possível percebê-lo em parte graças ao estranhamento cultural e a assiduidade no acompanhamento da programação da TV nacional, que foi uma das fontes privilegiadas de informação sobre a nação brasileira.

⁵⁶ Na entrevista a Albertina Tuma, uma das criadoras do evento, quando perguntei a ela pelas suas intenções ao idealizar o Festival, disse que sempre tinha tido o sonho de criar um evento que permitisse que Joinville fosse conhecida “mundo afora”.

“Nossos objetivos foram alcançados. A participação de quase uma centena de grupos de dança dos principais centros do Brasil e o prestígio sem igual do público de Joinville e outras cidades fizeram do 3º Festival de Dança de Joinville o principal evento cultural de Santa Catarina nos últimos tempos, transformando nossa cidade na Capital Nacional da dança. Sentimos que a partir de agora torna-se irreversível essa caminhada iniciada há três anos com o 1º Festival de Dança; pelo esforço conjunto da comissão organizadora e Fundação Cultural, da Prefeitura de Joinville recebemos com imenso prazer todos os dançarinos, professores e estudiosos da dança. Podemos até dizer que consideramos o Festival inserido no Calendário Nacional da dança pela importância que conquistou junto às academias, escolas, grupos, apreciadores e crítica. Desde agora todos estão convidados para o 4º Festival em 1986”. Alsione Gómez de Oliveira, presidente da Câmara. Wittich Freitag, Prefeito de Joinville.

Na continuação, trago mais alguns trechos de jornal exibindo notícias ligadas ao Festival de Dança, suas transformações e impactos na cidade.

Jornal A Notícia 18 de junho de 1989 pp. 22.

(Manchete: Um povo imerso em cultura)

“... Descentralizar a arte das metrópoles do país, trazer especialistas do Brasil e exterior para ministrar cursos e seminários... promover espetáculos para atingir todas as esferas da comunidade... são alguns dos resultados que o Festival de Dança de Joinville vem trazendo como contribuição ao desenvolvimento cultural da região...”

Jornal A Notícia 17 de julho de 1994

“... A cidade se enfeita para entrar no novo clima que chega com o Festival. Além dos jardins que recebem novas mudas de plantas e um cuidado especial, o comércio também se integra. Entre os eventos paralelos foi promovido o concurso de vitrines pela comissão central organizadora (CCO) e o clube dos diretores lojistas (CDL), com o apoio de Univille. A vitrine de Maria bonita modas, loja 9 da Galeria Príncipe é a vencedora. A Calçados Apollo ficou em segundo lugar. De acordo com os votos dos jurado a terceira loja premiada foi a Barateira da rua João Colin. Setenta e seis lojas do centro da cidade participaram do concurso. As vitrines foram decoradas com motivos que lembram a dança. As lojas vencedoras receberam os prêmios na sexta-feira dia 22 às 16 horas na praça Dario Salles. O decorador responsável pela vitrine ganhara uma passagem aérea da Varig para Porto Seguro. O segundo colocado ganhara uma bicicleta e o terceiro um relógio de pulso. As lojas vencedoras ganharão telas de artistas plásticos da cidade...”

Interessante nestes últimos depoimentos e relatos de jornais, a constatação do percurso de construção e consolidação do evento. É possível perceber neles a transformação do Festival de Dança, de um evento de caráter e apelos mais locais, para um com pretensões internacionais esboçadas desde os primórdios.

POLÍTICA: AS TENSÕES E PRETENSÕES DO PODER

Quando o que é considerado arte vira cultura, sob pretensões hegemônicas e inclusivas, surgem tensões entre os segmentos da população cujos interesses entram em

jogo. Hegemonia⁵⁷ não implica homogeneidade, mas sim admite dissonância, sendo justamente neste ponto que são mais claras e evidentes as tensões geradas pela detenção do poder. No que concerne ao Festival de Dança de Joinville, existe um coro de descontentes, que tanto no âmbito local quanto nacional, não poupa esforços nem adjetivos para se referir aos aspectos do evento com os que não simpatizam.

Jornal A Notícia 23 de outubro de 1994. Opinião

“Senhor editor: esta briga no setor artístico joinvillense tem demonstrado a presunção deste setor em querer personificar a cultura. Certos artistas confundem sem cerimônia as palavras arte e cultura, como se fossem sinônimas, e eles, os arautos os circuitos arautos de ambas. Além disso a fração de meio artístico que esta brigando é aquela que orbita em torno da coisa pública, dos recursos do povo. O povo, arquitetos, marceneiros, músicos de bar, colunistas, cozinheiras é quem faz a cultura, sem ter nem mesmo a pretensão artística, muitas vezes. A deturpação dos conceitos inverte valores, volatiliza recursos públicos a prejudica a própria arte. Parece que quando o governo investe no campo das artes com o ideal equivocado de desenvolver a cultura o que resulta é geralmente um desastre.

Esta declaração de um leitor na coluna opinião, ilustra esse desconforto e inconformidade com a utilização de palavras e categorias que viram ferramentas constituintes de discursos que a sua vez, legitimam ações com impacto na sociedade toda e que com o tempo são naturalizadas e apropriadas pelo senso comum.

Diário Catarinense 12 de julho de 1996. Diário da eleição

(Manchete: prefeituráveis no Festival)

“... Um dos pontos comuns na agenda de todos é a presença garantida na abertura do 12º Festival de dança de Joinville”.

Na época das eleições, segundo li em jornais, as discussões e depoimentos dos candidatos giravam em torno da manutenção e melhoria do evento. O Festival realmente representa um “patrimônio” para a cidade, e sua administração é uma das grandes preocupações dos políticos locais. Esta situação em vários momentos da história do evento, tem gerado tensões, podendo citar como exemplo quando este foi privatizado.

⁵⁷ Segundo Gramsci (1989), bem como a forma com que este conceito está sendo utilizado neste texto, hegemonia é o poder exercido pelas classes dominantes sobre as subalternas no modo de produção capitalista. Dito poder, encontra-se fundado na chamada "hegemonia cultural" que as classes dominantes realizam por meio do controle dos meios de comunicação, instituições religiosas e sistema educativo. Segundo o autor, em nome da nação, as classes dominantes geram o sentimento de identidade e promovem ações coletivas baseados na idéia de um suposto "destino nacional", conformando assim um bloco hegemônico que unifica todas as classes em torno de um projeto cuja origem é, na realidade, burguês. A hegemonia então é para Gramsci, o exercício da direção intelectual e moral, junto com o domínio do poder político.

Ver também: http://es.wikipedia.org/wiki/Antonio_Gramsci

17 de Julho de 1998 O Estado São Paulo, Helena Katz

“... A grandiloquência dos números tem sido o escudo sob o qual o Festival abriga suas contradições graves... se apregoando o maior do mundo pelo número de participantes, modalidades e categorias... O festival adota um modelo sem eco e, portanto sem competidores nos centros importantes da dança no mundo inteiro... Inúmeros ajustes terminológicos apresentados... não há unanimidade conceitual entre as autoridades escolhidas para legislar sobre a questão... balé moderno ou contemporâneo, dança moderna ou contemporânea... o critério permanece sobre o juízo das opiniões pessoais dos jurados... Nascido como concurso entre escolas, passaram oferecer atrações profissionais para seu público, convidado companhias estabelecidas no mercado para temperar o evento geralmente tedioso para as platéias... Este tipo de festival genuinamente brasileiro, responde ao interesse comercial das escolas e instituições que os promovem... Espetáculos estrangeiros que os promovem com elenco de segunda linha, são apenas expedições caça-níqueis.”

A forte declaração da crítica de dança Helena Katz, dá conta dessas tensões presentes na ostentação do poder e no controle que o precede. São muitos os interesses presentes num evento como esse e as aparentes contradições nele, dão conta da existência de cada um desses aspectos.

Entretanto, os descontentes não só se referem ao evento Festival de Dança de Joinville, também há evidência de críticas ao tratamento e apelos feitos desde outros espaços turísticos da região, como consta no depoimento seguinte:

Diário Catarinense, 10 de fevereiro de 1988.

(Manchete: Lula⁵⁸: Um projeto para o futuro de Joinville)

“... Penso também que Joinville necessita de um arrojado Plano de Turismo, baseado na organização e vontade e deixando de lado os velhos apelos dos “olhos azuis, chopes e enxaimel...””.

CULTURA E POLITICA BRASILEIRA, A VISÃO DE UMA ESTRANGEIRA.

Meu conhecimento sobre história, cultura e política brasileira é muito superficial e recente. Construído a partir de algumas leituras clássicas recomendadas pelo meu orientador, mas principalmente a partir das vivências cotidianas como estudante estrangeira, faço na continuação apenas uma tentativa de aproximação para a análise das dimensões do Festival de Dança que interessam a esta pesquisa. Entretanto, muitas dessas dimensões têm se revelado, nessa minha experiência cotidiana, como traços característicos e singulares do *ethos* brasileiro, se é que podemos nos referir à existência de um.

⁵⁸ Lula é o apelido de Luiz Gomes. Na referida nota ele era candidato à prefeitura e posteriormente foi eleito prefeito da cidade no período 1989-1992.

Caio Prado Junior (1942), em seu livro sobre a formação econômica brasileira, fala do Brasil e seus cidadãos como possuidores de uma atitude mental coletiva particular, um organismo que não tomou forma. Relata a presença de relações sociais com cunho colonial, embora haja a existência do trabalho livre. Estas relações, segundo o autor, estariam ligadas a uma idéia e sentimento inicial de Portugal sobre o povo primitivo, um desprezo e só vontade de ocupar o espaço territorial.

Entretanto, descreve uma sociedade com caracteres próprios e não como o prolongamento de onde se originou. No povoamento do Brasil, feito a partir da formação de paróquias e, dessa forma distinto, por exemplo, do ocorrido nos Estados Unidos, Canadá e grande parte da América Latina, o índio foi aproveitado na empresa “civilizatória”, especificamente por meio da legislação pombalina, fato esse que possibilitou a incorporação do índio na massa geral da população.

Assim, o índio segundo relata o autor, foi absorvido na construção da nação brasileira. A mestiçagem foi a solução da colonização portuguesa para o que Prado Junior chama “problema do índio”. Já no caso da população negra o panorama foi muito diferente, porém não penso em aprofundar essa questão aqui. O autor fala da mestiçagem como o signo sobre o qual se constituiu a etnia brasileira, “graças à excepcional capacidade do português para se cruzar com outras raças, mantendo os caracteres essenciais da civilização”. É claro que esta declaração deve ser entendida no contexto da época, e aqui está sendo utilizada apenas como referência de um trabalho clássico sobre a história e cultura brasileiras.

Entretanto o Sul do país teve algumas particularidades frente ao resto do Brasil, que o autor descreve ao relatar, por exemplo, como a ilha de Santa Catarina em 1741 foi povoada por 4 mil casais açorianos. Ele comenta que, tanto no estado de Santa Catarina como no do Rio Grande do Sul, havia presença de “brancos puros”.

Lacerda (2003), referência mais recente no tema da imigração no Brasil, particularmente a açoriana, utiliza o conceito de diáspora transnacional para descrever o que é movimentado a partir de uma categoria de apelo identitário, como a açorianidade. Esta categoria, elaborada primeiramente como discurso político-cultural, dá conta do processo de construção ou invenção da tradição em contextos como o

latino-americano, onde há uma história de sobrevalorização do ancestral europeu, seja lá o que isso for.

Não dá para falar do Brasil e sua história política e social sem aprofundar no tema da imigração. Aliás, embora o objeto desta pesquisa inicialmente não tenha sido abordar a questão da germanidade, ela surgiu no meio da experiência empírica no campo como um dos apelos identitários nos discursos produzidos entorno do Festival.

Seyferth (1990), no seu reconhecido trabalho sobre imigração no Brasil, dá ênfase na condição “fechada” da identidade étnica de alguns grupos de imigrantes, principalmente alemães e japoneses. A respeito da cidade de Joinville especificamente, Seyferth a refere como um exemplo bem sucedido da empresa colonial no sul do país. Joinville foi fundada em 1851, num projeto da Sociedade Colonial de Hamburgo, em terras que faziam parte do dote da princesa Dona Francisca ao casar com o Príncipe de Joinville. Um ano antes havia sido fundada Blumenau e foi a partir destas duas aldeias coloniais que se deu o povoamento europeu do vale do Itajaí. A autora ressalta que as características principais destas populações no final do século XIX foram o isolamento voluntário e a homogeneidade étnica.

Cabe anotar que existem documentações sobre a presença de povos indígenas anteriores à chegada dos imigrantes europeus, assim como sobre a hostilidade e assassinatos sofridos por estas populações. Tal é o caso dos Xokleng, documentado por Silvio Coelho dos Santos (1973), quem relata como dito grupo foi dizimado a mãos de “brugeiros” sob o pagamento de imigrantes alemães.

A migração estimulou laços de solidariedade, fazendo com que os recém chegados agissem como grupos étnicos ao se sentirem identificados pela partilha de traços e/ou origens comuns, isto motivado pelo fato de se enfrentar a uma nova situação social. Igrejas, escolas e associações culturais, estavam reproduzindo valores nacionalistas étnicos como línguas e costumes.

Havia no Brasil daquela época, intelectuais e políticos preocupados com esse enquistamento étnico. Nessas colônias, sociedades, escolas e organizações, promulgavam valores étnicos europeus, valores que cobraram força no meio daquele

isolamento geográfico. Foi então que se promoveram campanhas nacionalistas desde os centros administrativos e do poder no Brasil, para tomar conta daquelas comunidades fechadas nos próprios referentes étnicos.

Houve organizações que desapareceram na campanha de nacionalização. Em Joinville, por exemplo, houve um jornal alemão que durou 50 anos e saiu de circulação por causa da lei de nacionalização de 1939 (SEYFERTH, 1990). Como principal legado das escolas étnicas alemãs, ficou o uso da língua até a 4ª ou 5ª geração. As tradições incorporadas e mantidas além da campanha nacionalista foram predominantemente lúdicas, como festas, festividades católicas e luteranas que privilegiam a dança e os bailes nestes espaços, como sublinha a autora.

Já na época, em colônias fundadas a partir de imigrantes principalmente alemães, eram muito comuns as disputas sobre a superioridade racial germânica que apelavam ao pioneirismo e à dignificação do trabalho, bem como à questão de que esse era um fato herdado. Interessante anotar que até hoje, arredor do Festival, essas são falas corriqueiras e que muitas vezes tentam explicar o sucesso do evento, sendo isso associado ao empreendedorismo dos cidadãos de Joinville e a seu “amor pela arte e cultura”, como um fato herdado da ancestralidade alemã.

Mas o Festival de Dança de Joinville, como já foi colocado, é um fato entre outros. Existem também outros espaços, como o *Oktoberfest* (evento realizado na cidade vizinha de Blumenau), que é mais um exemplo das festividades que hoje em dia estão associadas ao turismo e que incorporam nos seus discursos falas sobre arte, cultura e identidade. Estes elementos são cruciais da etnificação germânica naquela região.

Flores (1997), no seu trabalho sobre a *Oktoberfest*, centra a análise na questão da indústria da tradição relacionando-a com o surgimento de novas indústrias do lazer e do turismo. O objetivo da pesquisa realizada pela sua equipe, como colocado no livro, era desconstruir o mito e destruir a naturalidade que existe arredor dessa festa.

Na leitura do trabalho de Flores (1997), me deparei com inúmeras semelhanças entre o Festival de Dança de Joinville e o *Oktoberfest*. Entre estas, a criação e existência

de discursos autorizados sobre os respectivos eventos que indicam a história sendo feita por pessoas de “carne e osso” que criaram o evento, o mantiveram e o fomentaram como espaço festivo, inventando uma tradição na cidade e reinventando a própria cidade.

Os eventos apresentam-se como espaços de encenação de limites que não são confirmados pela vivência do dia-a-dia. As cidades surgem como mercadoria, e foram recriadas para serem vendidas enquanto imagem, e desde o Estado, isso é fomentado por políticas de economia turística e propagandas como a do turismo de 4 estações. Mas esta dinâmica não é exclusiva do sul do Brasil. O caso de Bahia, “mais africana do que a própria África”, foi mencionado por nacionais ao conversar sobre este aspecto de minha pesquisa.

Quero voltar ao tema do turismo como exposto pela autora (FLORES, 1997), pois acho que as colocações dela revelam elementos particulares da região muito interessantes para serem pensados como forças que se encadeiam além dos limites geográficos. Flores (1997), fala do turista contemporâneo como consumidor de bens culturais, como alguém à procura do exotismo e da aventura. Entretanto, isso já está a sua disposição, tanto os espaços para fotografar quanto as lembranças para serem levadas. Ele não tem que decifrar nada, tudo está exposto nos signos e ícones que formam a representação.

“Neste cenário onde a cultura é mostrada e consumida como espetáculo; os atores e espectadores, bem como os vendedores e consumidores, muitas vezes se confundem...” (FLORES, 1997:23).

Schmeil (1994), na sua dissertação de mestrado sobre o turismo argentino na ilha de Florianópolis, utiliza a idéia de xenofilia para explicar a relação de afinidade e desejo que acontece desde os turistas perante o espaço sociocultural das férias, relatando como o fato do diferente e exótico, figurado no pensamento argentino sobre o Brasil, se constitui como um das motivações de visita e consumo por parte do turista. Entretanto, a autora descreve o descontentamento e a agressão experimentada pelos nativos na frente de dita relação. Schmeil fala de um tipo de acordo tácito estabelecido entre turistas e nativos onde há uma relação de desigualdade baseada no fato da “superioridade” material do turista expressada no seu consumo intensivo, fato moralmente inaceitável num contexto cotidiano não turístico. Desta forma segundo ela,

são oferecidos para consumo dos turistas quadros condensados superficiais, isolando assim a complexidade do espaço social em questão, no caso a ilha de Florianópolis.

Durante a Fenachopp, Joinville deixa de ser a cidade das flores e da dança para se converter na “cidade do chopp, da cerveja e da alegria”. Neste período a cidade já não é mais dos príncipes ou das bicicletas (embora o continue sendo), mas o que é relevado responde aos cânones e expectativas daqueles que estão lá para consumir um espetáculo específico.

Nas cidades onde acontecem estes eventos, o seu caráter coletivo e público faz com que as pessoas que os assistam se conformem como um público especializado, tendo eles preferências comuns, saberes parecidos, bem como interesses e gostos semelhantes.

“... A invenção e criação destas festas têm autoria, elas não surgem através do tempo, de forma espontânea ou anônima... [foram feitas pelos] que exercem certa influência no seio da população ou no meio político; homens públicos, empresários com raízes locais; homens de cultura; educadores etc...”
(FLORES, 1997:23).

Mais uma vez aparece a idéia dos arquitetos da nação como sugerida por Wade (1997). Flores (1997), por sua vez, relata como numa entrevista com os criadores do *Oktoberfest*, estes manifestaram seu afã em realizar a primeira versão do evento tirando proveito da herança germânica do município. Estes homens, empresários importantes da região, sabiam e tinham ciência de que se Blumenau não fizesse, outras cidades como Joinville, São Bento, ou qualquer município da região que tivesse em comum o ancestral alemão, sairia na frente e ganharia a possibilidade de criar uma atração turística para o mês de outubro.

Nestes eventos, como afirma Flores (1997), tudo é mercantilizado, tudo é vendível, seja informação ou comunicação. Isso acaba por produzir a opinião pública e como tal, estimula a conscientização dotando às elites administrativas de um discurso acerca do turismo enquanto potencial econômico, afirmando que o “turismo e a cultura andam juntos” e que a tradição deve ser estimulada. Na atual política neoliberal, o público e o privado trabalham em parceria. Legitimam-se as iniciativas particulares numa co-gestão sobre a vida pública, econômica e política das cidades.

“ARTE-CULTURA” = PODER

Voltando à dimensão do público especializado, esta surge como um exemplo do que é a partilha de um mesmo capital simbólico, ou seja, aquela que consiste em dividir juntamente com outros um determinado universo cultural, uma cultura específica. No Festival de Dança de Joinville esse aspecto está presente pelo caráter do evento, onde a dança é tida como foco na construção do imaginário do que o evento é.

As categorias constituintes do mesmo (diferentes gêneros de dança, arte e cultura), passam pelo julgamento estético, algo que como sabido por antropólogos e colocado por Bourdieu (1979), é apreendido socialmente e alimenta as lutas de classes, assim como as posturas no âmbito da “produção cultural”.

Seguindo Bourdieu (1979), o acesso a determinados universos culturais está determinado pela condição educativa, o que por sua vez é refletido nos discursos do Festival que falam em cultura como algo que precisa ser levado aos outros, algo que se adquire com treinamento. No Festival de Dança de Joinville é preciso ter certa disposição e competência estética, garantia de aptidão para “curtir” e desfrutar dos espetáculos, quer dizer, para assumir uma posição estética.

As pretensões da arte produzida desde patamares desse tipo, que implicam a competência estética e a reforçam, estão ligadas, segundo o autor, à idéias de poder inspiradas em ambições pequeno-burguesas.

Eis aqui uma das prováveis chaves interpretativas do sucesso do evento. Anteriormente me perguntava se o evento teria essa aparência de bem sucedido se fosse outro o motivo festejado que não dança. Seguindo as colocações de Bourdieu (2003) é possível dizer que parte da garantia do sucesso do evento tem a ver com as idéias de poder subjacentes ao fato de que o universo em questão é a dança cênica, tida no senso comum como manifestação sublime, bela e maravilhosa, produto e objeto de uma classe específica⁵⁹ e que exige certa postura ou *habitus*⁶⁰.

⁵⁹ Tal como fica exposto no discurso inaugural do evento em 2007, feito pelo Governador do estado, Luiz Henrique da Silveira, referenciado acima.

⁶⁰ Conceito bourdieuano que fala da existência de esquemas a partir dos quais as pessoas percebem o mundo e agem nele. Os esquemas constituintes do *habitus* pressupõem a interiorização da estrutura

Balandier (1994), em seu texto sobre o poder da representação, argumenta sobre a relação entre a cultura midiática e o exercício da política na atualidade. O poder seria um dispositivo destinado a produzir efeitos comparáveis às ilusões da tramóia teatral, apoiado o tempo todo nas tecnologias midiáticas.

Para Balandier, o “Grande Ator Político” dirige o real por médio do imaginário; o objetivo de todo poder é o de não se manter graças à dominação brutal nem baseado numa justificativa racional, por isso só existe e se conserva pela transposição, produção de imagens, manipulação de símbolos e seu ordenamento num quadro cerimonial. Isso é realmente interessante e dá conta de como eventos como o Festival de Dança de Joinville se constituem como verdadeiros espaços privilegiados para acionar o político, pois é o poder mesmo, o que oferece sua justa e adequada administração.

Outro fato interessante ressaltado por Balandier (1994), diz respeito às justificativas racionais que ficam por fora do teatro constituinte do exercício do poder. Os apelos, assim, seriam “emocionais”, no sentido de recorrer a questões que mexem com “o ego do povo”, como o orgulho, a exaltação de caracteres próprios e o reconhecimento alheio.

O autor relata como há casos em que o passado coletivo de um grupo, elaborado no marco de uma tradição ou costume, é o que se converte em fonte de legitimidade, constituindo então uma reserva de imagens, símbolos e modelos de ação, utilizando uma história idealizada, construída e reconstruída segundo as necessidades e sempre ao serviço do poder atual. Um poder que administra e garante seus privilégios mediante a encenação de uma herança. Mais uma vez, aparece um exemplo de como e porque o apelo ao germânico se configura de forma tão eficiente e corriqueira no Festival.

O poder, como afirma Balandier, trabalha sobre os atores sociais fazendo-os partícipes de um espetáculo. Todo poder político acaba obtendo a subordinação por

social e, a partir dele, se produzem os pensamentos, percepções e ações das pessoas. A incorporação do habitus seria inconsciente e implicaria a apropriação de práticas consideradas adequadas para cada situação segundo a posição social que se ocupe. Esse universo da posição social incluiria experiências possíveis, práticas, categorias de percepção e apreciação.
Ver também: http://en.wikipedia.org/wiki/Pierre_Bourdieu#Habitus

meio da teatralidade, sendo mais visível numas sociedades do que em outras, pois nas sociedades diferentes existem diferentes níveis de espetacularização.

Porém, o poderio político não se explicita só em circunstâncias excepcionais, ele precisa ser inscrito na matéria, se inserindo em criações que façam manifesto a seu esplendor. O poderio político leva a cabo uma política dos lugares e das obras monumentais.

Em falas públicas e privadas durante o tempo que trabalhei no acervo documental do Instituto Festival de Dança de Joinville, fiquei sabendo do projeto da realização de um museu do Festival.

Entretanto, no ano 2007, houve uma exposição itinerante feita para comemorar os 25 anos do evento. Dita exposição foi fotografada por mim quando estava temporariamente na Casa da Cultura (berço do Festival de Dança). Apresento, a seguir, algumas dessas imagens.



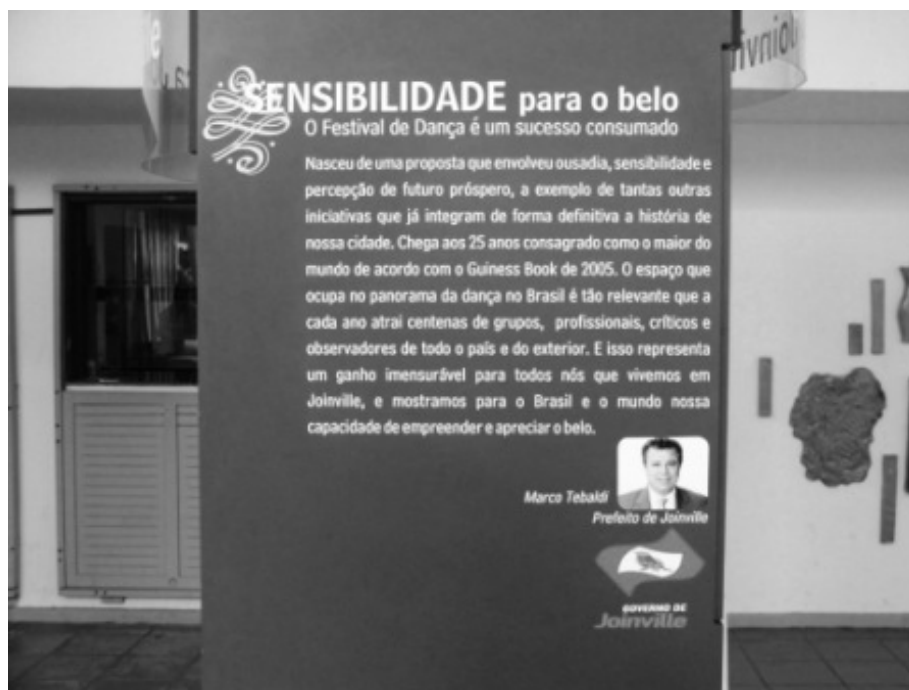
Exposição itinerante na Casa de Cultura de Joinville.



Alunas da Escola de Balé da Casa de Cultura em Joinville, visitando a exposição.



Cartaz da exposição que enfatiza a função social do evento e as atividades que este promove como parte da inclusão social: visita a hospitais, fábricas e periferia.



Declaração escrita sobre o Festival de Dança de Joinville do Prefeito de Joinville, Marco Tebaldi, como parte da Exposição na Casa de Cultura.



Declaração do Governador Luiz Henrique da Silveira, sobre o Festival de Dança de Joinville, exibida como parte da Exposição na Casa de Cultura.



Muitos dos textos dessa exposição foram utilizados na construção do corpo desta dissertação. Alguns deles novos, outros lidos e ouvidos inúmeras vezes durante o tempo da pesquisa, mas em geral, todos contendo elementos já mencionados ao longo do escrito como, por exemplo, o valor do evento para a cidade, sua história e desenvolvimento.

REFLEXÕES FINAIS

Ficam desta pesquisa muitas questões em aberto, temas pouco aprofundados e outros ainda para explorar como, por exemplo, o funcionamento da mostra competitiva e as distinções que operam nesse evento específico dentro do Festival. Também, o relacionamento do público com os espetáculos, como este assume atitudes de “espectador de esportes” gerando muito barulho nas platéias e arquibancadas, assemelhando-se a uma torcida de futebol. O movimento de bares e boates da cidade e a participação dos bailarinos do evento na vida noturna de Joinville é outro dos aspectos que não foram mencionados neste trabalho, mas que com certeza mereceriam ser aprofundados. Da mesma forma, acho que a presença do Teatro do Ballet Bolshoi no

Brasil se configura como outro fato interessante e que merece ser pesquisado junto com a sucessão e tradição política da região.

Este trabalho pode ser resumido com a constatação de vários pontos. De um lado, podemos pensar em relação à questão, muitas vezes esquecida, da agência e do propósito que está por trás de eventos e empreendimentos. De outro, o fato dos eventos serem espaços muito ricos de intercâmbio e interação social que promovem dinâmicas além das que promulgam explicitamente. No caso do Festival, não é só dança o que ocorre nele. E finalmente, este trabalho pode ser considerado também uma constatação da necessidade constante de definição e explicitação de categorias, pois seus usos, embora pareçam inofensivos, têm conseqüências diretas sobre o que é feito em nome delas.

Alguns dos aspectos relatados nesta pesquisa dão conta do uso indiscriminado das categorias “arte e cultura” em contextos que facilitam sua apropriação com fins políticos e de exercício do poder. Isso está ligado de alguma forma ao turismo como ferramenta discursiva recente no que tem a ver com desenvolvimento da economia das regiões, e com como dito uso das categorias com fins políticos, usufrui da constante busca de reconhecimento e legitimidade nas sociedades⁶¹.

Não foi meu objetivo fazer uma crítica ao evento pelo caráter político que o envolve, ao contrario, meu interesse foi e ainda é meramente acadêmico, de conhecimento e verificação de que essas coisas que são consideradas naturais e dadas, não são mais do que construções e ficções, e não por isso deixam de ser válidas ou reais.

Antelo (2001), fala do nacionalismo como um traço inerente à história do Brasil e cita o trabalho de Sergio Buarque e Antônio Candido referente ao sentimento de solidão e isolamento no fazer da literatura, argumentando que quando esgotada a explicação localista para os impasses da modernização, surgiu entre os intelectuais a consciência da impossibilidade de viver de si próprios, optando então segundo ele mesmo cita, por

⁶¹ Aliás, esta é uma estratégia de mercado utilizada em vários países para se promover. Ver, por exemplo, a campanha de imagem “Colombia es pasión”, que tenta promover o turismo na região e os sentimentos de pertença nos cidadãos, apelando a fatos e condições do país como a geografia e biodiversidade privilegiada, desconhecendo e ignorando premeditadamente a atual situação de violência e conflito amparada em grande parte pelo próprio estado.

Ver: <http://www.colombiaespasion.com/VBeContent/home.asp>

“extrair da sua solidão esse sentimento de fraternidade por via da fragilidade comum”. O conceito de universalidade pressuposto no nacionalismo, segundo explica Antelo, modificou-se a partir da experiência de abstração referencial e o intelectual (especificamente da área da literatura), que ele define como observador, contempla a nação e augura horizontes, metas e destinos, sem perceber que na imagem devolvida já não é mais possível se reconhecer.

Weber (1997) sobre esse mesmo tema e em relação à historiografia literária no Brasil, comenta que a partir dela gera-se uma identidade que surge dos discursos fundadores do nacional, mais do que expressões que refletem a nação como tal. A nação, como idéia de uma comunidade com uma mesma tradição histórica, é desconstruída pelo autor, elucidando como na literatura se privilegiou sempre a produção do centro do país sob uma visão dominante do significado do ser brasileiro, gerando assim fronteiras imaginadas e, portanto ideológicas que utilizaram a exaltação de elementos culturais e traços diferenciadores. Isso é o que o autor denomina “cor local”, pela sua capacidade de legitimar a própria existência e de gerar o sentimento de ser particular em relação ao outro.

A conformação da nação brasileira, segundo relatado e superficialmente explorado por mim nesta breve reflexão, dá conta do papel dos intelectuais e elites na conformação do imaginário da nação, o que não exclui de maneira alguma a divergência e/ou resistência à imposição de ditas ideologias, evidenciando desta forma, a dinâmica constante da construção do social, seus embates e fricções.

Entendo também que pelas especificidades da cidade onde o evento ocorre, existe uma relação entre o “isolamento”⁶² da comunidade e a sua necessidade de aparecer para o mundo. Pensava intitular algum capítulo da dissertação “O BRASIL

⁶² Importante sublinhar aqui que o isolamento ao que me refiro não é simplesmente empírico. Trata-se também de algo construído socialmente, talvez um isolamento simbólico, que aponta, provavelmente, para o sentido de auto-suficiência e que incorpora nele aspectos que já foram colocados acima como a etnicidade. Entretanto não dá para negar a existência empírica de uma grande distância geográfica na região Sul do Brasil em relação aos centros de controle e poder econômico do país (Sei que a questão da distância está presente também nas outras regiões, mas meu centro de interesse acadêmico neste trabalho pertence à região Sul). Aliás, a literatura brasileira é rica em exemplos de relatos a esse respeito. Ana Terra, de Érico Veríssimo (2001), transborda em descrições sobre as sensações de solidão e tristeza que o isolamento, a distância e o passo das estações produziam na protagonista da história, que se passa no estado de Rio Grande do Sul.

QUE EU CONHEÇO É UMA ILHA”, pois achei essa anedota tão interessante e tão reveladora desse aspecto isolado do Brasil... Mas não foi possível, porque todas essas idéias remetiam, irrefutavelmente, para o fim, para minhas conclusões. Dessa forma, optei por fazê-lo um subtítulo das reflexões finais e assim que gostaria fosse lido.

O BRASIL QUE EU CONHEÇO É UMA ILHA

No Brasil experimentei uma melancolia da distância, do espaço... Este país é muito grande e não deve ser fácil manter junta tanta terra e tanta gente tão diferente assim. A unificação a partir da língua, é uma das formas como isso, a meu ver, funciona; pois embora as múltiplas ficções (realidades) identitárias, o projeto da nação brasileira pode se dizer bem sucedido.

O Brasil que eu conheço é uma ilha, e não é uma ilha apenas metaforicamente, porque de uma parte essa expressão está ligada ao fato de que a minha experiência teve como eixo principal Florianópolis, ilha de Santa Catarina, mas, fundamentalmente porque considero que em muitos aspectos, o Brasil é uma ilha bem do lado da América Latina.

Antes de prosseguir, gostaria de assumir aqui a total subjetividade e responsabilidade destas minhas opiniões contraditórias de amor e ódio pelo Brasil. Sou eternamente grata a esta terra que só me deu possibilidades e ensinamentos, porém não posso deixar de falar que, segundo minha percepção, o Brasil é constituído de um povo extremamente auto-referencial. O outro, no ego brasileiro, existe somente como medida de comparação. Pode ser que isso aconteça em vários ou em todos os países, mas foi aqui que pude percebê-lo e conhecê-lo, graças a minha condição estrangeira e ao estranhamento implícito a esta.

No Brasil, muitas coisas são as “maiores do mundo”. Aqui, os referenciais estrangeiros são europeus e norte-americanos e em menor medida se mantém uma relação de vizinhança “cordial” com a Argentina e o Uruguai; mas com o resto do continente americano, quer dizer o centro e sul da América, o conhecimento que se tem em geral, tanto por parte dos intelectuais e acadêmicos (do espaço universitário) quanto das pessoas do cotidiano, sobre os aspectos políticos, artísticos e da vida desses

países, é realmente baixo. América Latina só aparece quando vão falar de alguma coisa que não é a maior do mundo, porém a maior da América Latina.

Um exemplo disso que estou falando e que não tem, necessariamente, vinculação direta com minha pesquisa diz respeito à transmissão televisiva dos Jogos Pan-americanos em julho de 2007. Assisti, quase todos os dias às apresentações, principalmente de ginástica e cada dia desde a abertura, fiquei irritada e constrangida com o excesso de nacionalismo e propaganda do Brasil em detrimento das informações sobre os outros países, delegações e participantes. A torcida exagerada, injustificada e barulhenta, realmente incomodou meu ego estrangeiro, pois mais de uma vez, os comentaristas elogiaram o desempenho de algum atleta só pelo fato de ser brasileiro, explicando o porquê dos possíveis erros, enquanto com os outros esportistas, os mesmos comentaristas eram implacáveis quando os focalizavam (o que era realmente uma raridade), além do fato realmente constrangedor de que esses atletas eram vaiados pelo público quando competiam com algum brasileiro.

Meu marido e eu pensamos e discutimos muito sobre isso, tentando a compreensão dessa atitude. Até chegamos a colocar a possibilidade de que fosse apenas um “episódio paranóico” de nossa parte como estrangeiros, imaginando como teria sido esse evento na Colômbia, ou em outros países da América Latina que mais ou menos conhecemos. Mas, no final, concluímos que, embora os existam traços nacionalistas em cada país, há sim no Brasil, uma exacerbação desse nacionalismo promovido e alentado intensamente pelos meios de comunicação, numa constante espetacularização da identidade brasileira, seja lá o que isso for.

Semanas depois dos Jogos Pan-americanos aconteceu o mundial de ginástica em Stuttgart na Alemanha. Acompanhamos igualmente pela televisão as apresentações dos atletas, confirmando com certo alívio, que neste os esportistas eram observados pelo público com atenção e silêncio, sendo apenas no final aplaudidos, e embora estes fossem alemães, a torcida não abafava os participantes dos outros países como aconteceu no Brasil. Já os comentaristas locais da Rede Globo, deram prioridade absoluta às apresentações dos atletas nacionais e os comentários não se distanciaram muito dos que fizeram no Pan.

Mas por quê? Por que no Brasil é tão evidente esse afã de definição, de reconhecimento e de auto-afirmação? Arrisco-me a pensar e propor que há em tudo isso uma relação com a sensação de imensidade, distância e solidão que experimentei morando aqui. Essa insistência auto-afirmativa funcionaria como uma estratégia de aglutinamento e coesão. Neste grande Brasil, a produção midiática e publicitária, encabeçada pela Globo e SBT, tem feito um ótimo trabalho levando a cada canto do país figuras como Xuxa, Faustão, Silvio Santos, Ivette Sangalo, etc. Criando um imaginário do ser brasileiro e uma sensação de integração, de pertencimento a um grupo maior no meio do desconsolo e da solidão que pode representar a distância física, geográfica e social que há no Brasil entre diferentes grupos e/ou sociedades. Aliás, essa coesão que aqui refiro, aparece com grandes semelhanças à definição de hegemonia de Gramsci a qual mencionei anteriormente no texto.

Dessa forma, é aqui no sul que essa distância e solidão são mais intensas, não só por causa da geografia, mas pelo fato de que “culturalmente” e, como foi visto ao longo da dissertação, houve uma construção do imaginário destas terras do sul como enclaves ou talvez prolongamentos de identidades européias, para além das fronteiras nacionais. “Isto aqui também é Brasil” (mas também é Europa), é o grito de fundo que ouço quando cidades do sul como Joinville, falam de si mesmas e se apresentam para o resto do país e do mundo. Os outros, agora turistas ávidos de exotismos e consumidores de “traços culturais autênticos”, se balançam sobre souvenirs e comidas, disputam-se os espaços para tomar fotos na frente de prédios e monumentos, precisam (e querem) uma lembrança para demonstrar: eu estive lá, no Brasil alemão.



Barraca publicitária do município presente na feira da sapatilha do Festival nos anos 2006-2007

Esse fato de tentar demonstrar que o sul é também Brasil, a meu ver, parte da evidência de que tanto no imaginário interno quanto no externo, os referentes brasileiros se aproximam mais do samba, do carnaval e do maracatu. Poderia se dizer que no sul é necessário lembrar constantemente que estão no Brasil, pois a insistência contínua e profunda nos traços europeus tem feito com que muitos provavelmente “esqueçam” isso⁶³. E é aqui que novamente faz sentido, a colocação da professora Flores (1997), sobre como a política brasileira joga constantemente com essa aparente contradição identitária: “tradição e modernidade compõem os padrões básicos do construto da nação brasileira que se orgulha do nacional sem perder o estrangeiro.”

Voltando para o tema do sucesso do evento, é claro que não dá para negar que a data efetivamente conta na hora de mobilizar esforços para “esquentar”, literalmente, uma época sem muita atividade. A imagem que tenho com referência a esses espaços, é a de alguém que pede para outrem cavar um buraco e paga outras pessoas para tampá-lo. Assim, inventando motivos, criam-se eventos, dinamiza-se a economia, mas também o espírito das comunidades. É preciso se mexer e fazer barulho para não morrer no esquecimento.

Não sei se minhas impressões sobre este sul brasileiro são um pouco melancólicas e exageradas demais, mas foi o que percebi através de minha vivência e observação. O construto analítico e teórico que fiz dessas impressões e situações são a mesma coisa, e por isso insisto no caráter autobiográfico e profundamente subjetivo desta parte da dissertação.

Não dá para disfarçar a angústia que experimentei nos curtos dias do inverno, o tempo escorrendo entre meus dedos gelados, a escuridão, mais uma noite de vento... Não sei como será o funcionamento desses ciclos da natureza no cotidiano das populações que estão acostumadas com isso, mas com certeza o Festival de Dança na cidade de Joinville mexe na dinâmica das pessoas envolvidas e das que embora de longe, percebem a movimentação e a vida que toma conta dos espaços públicos.

⁶³ Entretanto, considero importante mencionar que manifestações “mais brasileiras”, como o samba ou o choro no sul do Brasil existe sim (ver Lacerda 2007 em: http://www.musa.ufsc.br/docs/izomar_tcc.pdf), e que ao igual que ocorre com o esquecimento e apagamento de alguns traços como a presença negra e indígena na região, essas minhas impressões do Brasil europeu, remetem mais a uma construção simbólica do que a uma constatação empírica.

BIBLIOGRAFIA

Adorno, Theodor W. 2002. "Indústria cultural e sociedade". São Paulo: Paz e Terra, 127p.

----- 1970. "Teoria estética". São Paulo: M. Fontes.

Adorno, Theodor W; HORKHEIMER, Max. 1985. "Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos". Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 254p.

Antelo, Raul. 2001. "Potência de ver e impotência de ser: arte e pensamento social brasileiro", in ilha 3(1): 25-31.

Bauman Richard. 1992 "Folklore, cultural performances and popular entertainments". Edição: Richard Bauman. Oxford University Press. NY New York.

Bauman, Richard and Charles L. Briggs. 1990. "Poetics and Performance as Critical Perspectives on Language and Social Life." Annual Review of Anthropology 19: 59-88.

Bayardo Rubens, 2007. "Clase 16: Economía y cultura: problemas y debates contemporáneos, Especialización gestión cultural y comunicación", Curso de Gestión Cultural y Comunicación, FLACSO (modalidad virtual)

Braga, Suzana; Joel; Ruiz, Paulo César 1998. "15 anos de dança. Festival de dança de Joinville". Rio de Janeiro. EGB. 336p.

Bourdieu, Pierre 2003. "A Economia das Trocas Simbólicas". Editora perspectiva, SP Brasil.

-----, 1989. "O poder Simbólico". Rio de Janeiro, Bertrand Ed.

-----, 1979. "La Distinction: critique sociale du jugement". Paris: Minuit, 19

Balandier, Georges. 1994. "El Poder en escena". Brasilia, Paidós, Barcelona

DaMatta, Roberto, 1990. "Carnavais, Malandros e Heróis, para uma sociologia do dilema brasileiro". Editora Guanabara, Rio de Janeiro. 287 pp.

Gramsci, Antonio. 1989. "Os intelectuais e a organização da cultura". 7a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 244p. (Perspectivas do homem; v.48. Série filosofia)

Flores, Maria Bernardete. 1997. "Oktoberfest; Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp". Coleção Teses. Editora Obra Jurídica.

Fundação Instituto de pesquisa e planejamento urbano de Joinville. "Joinville, cidade em dados 2001/2002": prefeitura municipal. 2001. 120 p.

Hobsbawm & Terence Ranger (eds). 1984. "A invenção das tradições". Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 316p. (Pensamento critico, v.55).

Lacerda, Izomar. 2007. TCC em Ciências Sociais. “Ilha por quem choras?: concepções musicais e relações de poder entre praticantes do gênero musical *chôro* na Ilha de Santa Catarina”. Defendida no CFH-UFSC. Orientada pelo professor Dr. Rafael José de Menezes Bastos.

Lacerda, Pascele Eugenio. 2003. Tese de Doutorado em Antropologia Social. “O Atlântico Açoriano: Uma Antropologia dos Contextos Globais e Locais da Açorianidade”. Defendida no PPGAS-UFSC. Orientada pelo professor Dr. Rafael José de Menezes Bastos.

Langdon, E. J. 1996. “Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia. Performáticos Performance e Sociedade”, Brasília, UnB, v. 1, n. 1, p. 23-29

Larraín, América 2004. “Leyendo el movimiento; la obra de danza contemporánea como texto intercultural”. Monografía para optar por el título de Antropóloga, Universidad Nacional de Colombia. No publicado.

Lévi-Strauss, Claude. 1976. “Raça e História”. In: Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Martín Barbero, Jesús. “De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía”, Gustavo Gilli, Barcelona, 1987.
Em: http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/martin_barbero2.pdf

Martins, Neyde 2005. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, “A Música do Nosso Tempo”. Defendida no PPGAS-UFSC. Orientada pelo professor Dr. Rafael José de Menezes Bastos.

Mello, Maria Ignez Cruz. 2005. Tese de doutorado em Antropologia Social “Iamurikuma: música, mito e ritual entre os Wauja do alto Xingu”. Defendida no PPGAS-UFSC. Orientada pelo professor Dr. Rafael José de Menezes Bastos.

Mendoza, Zoila S. 2000. “Shaping Society Through Dance: Mestizo Ritual Performance in the Peruvian Andes”. Chicago: Chicago University Press.

Menezes Bastos, Rafael José de. 2005. “Les Batutes, 1922: Uma Antropologia da Noite Parisiense”, in Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 20, n 58, pp. 177-196.

..... 1996a, “Musicalidade e Ambientalismo: Ensaio sobre o Encontro Raoni-Sting”. Série Antropologia em Primeira Mão, no. 14, Florianópolis, PPGAS/UFSC.

.....1996b. “A origem do samba como invenção do Brasil (por que as canções têm música?)”
Em: <http://www.anpocs.org.br/portal/content/view/108/54/>

..... 1995. “Esboço de uma teoria da música: para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem”, in anuário antropológico/93: 9-73.

Oliveira Santos, Sônia Regina, 2004. "Joinville: Cidade que dança, cidade que encanta", In: http://www.univille.net/arquivos/1697_Revista_Universo_Univille_Edicao_2.pdf

Peirano, Mariza. 2003. "Rituais Ontem e Hoje". Coleção passo-a-passo V. 24. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

-----, 1992. "Uma antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas". Editora Universidade de Brasília, Brasília.

Piedade, Acácio Tadeu de Camargo. 2004. Tese de doutorado em Antropologia Social "O canto do *Kawoká*: música, cosmologia e filosofia entre os Wauja do alto Xingu". Defendida no PPGAS-UFSC. Orientada pelo professor Dr. Rafael José de Menezes Bastos.

Pinheiro Junior, Gilberto, 2003. Resenha do livro organizado por Isabel Travancas e Patrícia Farias, *Antropologia e comunicação* (Rio de Janeiro: Garamond, 2003. 228p). em <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>

Prado, Caio Jr. 1942. "A formação do Brasil Contemporâneo". Editora Brasiliense, São Paulo.

Ribeiro, Gustavo L. 2000. "A Condição da Transnacionalidade, in Cultura e Política no Mundo Contemporâneo", do autor. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, pp. 93-129.

Santos, Silvio Coelho dos. 1973 "Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng". Florianópolis: edeme. 313p.

Schmeil, Lilian Regina. 1994. Dissertação de mestrado em Antropologia Social "Alquila-se Una Isla: Turistas Argentinos em Florianópolis" Defendida no PPGAS-UFSC. Orientada pelo professor Dr. Rafael José de Menezes Bastos.

Seyferth, Giralda. 1990. "Imigração e Cultura no Brasil". Editora Universidade de Brasília.

Stoeltje, Beverly. 1992 "Festival" In: "Folklore, cultural performances and popular entertainments". Edição: Richard Bauman. Oxford University Press. NY New York.

Tolila, Paul, 2007. "Cultura e Economia". Itau Cultural, São Paulo. 144 pp.

Turner, Victor. 1987. "The Anthropology of Performance". In *The Anthropology of Performance*. New York, PAJ Publications. Pp

----- 1974. "O processo ritual; estrutura e anti-estrutura". Petrópolis: vozes, 1.

Veríssimo, Erico. 2001. "Ana terra". São Paulo: Globo, 159p.

Villela, Milú 2007. "Observatório Itaú Cultural" em: http://www.itaucultural.org.br/observatorio/docs/revista_observatorio_nl.pdf

Wade, Peter. 1997. "Entre la homogeneidad e la diversidad: la identidad nacional y la música costeña en Colombia". En: antropología en la modernidad. ICANH.

----- . 2000 "Music, Race, and Nation": Música Tropical in Colombia. Chicago: University of Chicago Press, 323 p.

Weber, João Hernesto. 1997 "A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira". Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. 215p.

Weber, Max. 1991 "Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva". Brasília: Universidade de Brasília.

Xavier Jussara, Sandra Meyer e Vera Torres. 2006. "Tubo de ensaio – experiências em dança e arte contemporânea". Organizado por - Florianópolis: Ed. Do autor, 120 p.

JORNAIS

Clipagens de jornais acessados no Arquivo Histórico da cidade de Joinville e no acervo documentário do Instituto Festival de Dança de Joinville.

MAPAS

Mapa dos Bairros de Joinville

Prefeitura Municipal de Joinville:

http://www.joinville.sc.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=155&Itemid=160&lang=

Mapa turístico de Joinville

Universidade da Região de Joinville

http://www.univille.net/cofafe/web/imagesnew/mapas/mapa_turistico.jpg
Mapas Santa Catarina y Brasil

Microsoft® Encarta® 2007 [DVD]. Microsoft Corporation, 2006

OUTROS WEBSITES CONSULTADOS

Sobre a Agenda 21

http://www.agenda21culture.net/index_es.htm

http://www.bcn.es/agenda21/A21_AGENDA_CAST.htm

Sobre Bourdieu (habitus)

http://en.wikipedia.org/wiki/pierre_bourdieu#habitus

Sobre o Festival de Dança

<http://www.festivaldedanca.com.br/site/br/organizacao.asp>

Sobre Gestão Cultural

http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2676

<http://www.cultura.gov.br>
Sobre Gramsci (hegemonia)
http://es.wikipedia.org/wiki/antonio_gramsci

Sobre Joinville
<http://es.wikipedia.org/wiki/Joinville>
<http://www.cdljoinville.com.br/index.php?cat=institucional&subcat=apresentacao>
<http://www.fcj.com.br/index.php?link=24>
<http://www.escolabolshoi.com.br/amigos.php>

Sobre Organizações Sociais
Em: <http://pgpe.planejamento.gov.br/os.htm>

Sobre os PIBs
http://www.eu2007.pt/UE/vPT/Reunioes_Eventos/Outros/forum_cultural.htm
http://ec.europa.eu/culture/eac/sources_info/studies/economy_en.html

Sobre Turismo Cultural
<http://capacitacionencostos.blogia.com/2006/120805-la-receta-de-peru-para-construir-una-marca-pais-exitosa.php>

Sobre Verstehen em Weber
<http://www.ucm.es/info/eurotheo/diccionario/C/compression.htm>

ANEXO 1. FICHA ETNOGRÁFICA

A seguir apresento a ficha etnográfica que realizei como parte dos exercícios do curso virtual da FLACSO (Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais), módulo 4, aula 14 em Setembro de 2007. Esta ficha etnográfica está baseada numa metodologia proposta pelo Ministério da Cultura da Colômbia, para recopilação e registro de patrimônio cultural imaterial. Decidi anexá-lo por considerar que tem informações concretas sobre aspectos específicos do evento que podem servir de guia ao leitor.

Celebración y/o Fiesta	Festival de Danza de Joinville.
Fecha de celebración	Las dos últimas semanas de Julio desde 1983, el evento se há realizado de forma constante durante estos 25 años
Horario de la celebración	De 9:00 am - 11:00 pm. Sin embargo después de los eventos formales que hacen parte de la programación del evento, comúnmente los bailarines y asistentes se reúnen en bares y discotecas de la ciudad.
Periodicidad de la fiesta y/o celebración	El evento es realizado todos los años desde 1983, las dos últimas semanas del mes de julio.
Localización (mapa con un punto) ⁶⁴	El Festival ocurre en diversos puntos de la ciudad, pues cuenta con presentaciones libres en centros comerciales y plazas publicas así como hospitales e industrias. Así mismo tiene actividades como cursos talleres y seminarios que son realizados en diversas partes de la ciudad, aunque casi siempre en lugares próximos del centro operativo del evento, el Centreventos Cau Hansen, donde también son realizadas las actividades emblemáticas del Festival como las muestras competitivas y venta de accesorios. Este lugar se encuentra en la avenida Beira Rio en frente del forum de diputados de la ciudad.
Descripción del sitio	El Centreventos Cau Hansen es una construcción reciente, se trata de una arena multiusos que comporta los eventos relativos al Festival de Danza, con toda la infraestructura en términos de palco que esto implica; así mismo, allí son realizados otro tipo de eventos, principalmente deportivos en otras épocas del año. Es una especie de coliseo con ingresos y taquillas pensadas para recibir una población considerable. Cuenta en la parte trasera con oficinas donde funcionan tanto el Instituto encargado de la planeación del evento como la Fundación Cultural de la ciudad encargada

⁶⁴ Ver mapa al final de la ficha etnográfica.

	<p>de su realización y supervisión. Cuenta con un amplio lote de estacionamiento y al lado con un inmenso galpón o bodega donde ocurre la Feria de la Zapatilla, según los organizadores manifiestan, la mas grande feria de venta de accesorio de danza en América Latina. Los edificios que componen el conglomerado del Centeventos Cau Hansen son bastante sobrios en términos decorativos debido al hecho de ser espacios multiusos. Tanto las decoraciones como implementos constituyentes del espacio publico recreado para recibir a los asistentes y participantes, por ejemplo, afiches, carteles (alusivos al Festival) y carpas temporales hacen parte de la infraestructura que es observable solo durante el evento. La ubicación de las sillas en los diversos espacio de la ciudad donde acontecen los palcos abiertos (presentaciones gratuitas de varios géneros de danza), también son temporales. Quien asiste al epicentro de las actividades puede pasear por la Feria de la Zapatilla y detenerse a observar las presentaciones gratuitas mientras espera que sea la hora de ingresar a los eventos pagos como las muestras competitivas de diversos géneros de danza.</p>
<p>Ubicación respecto a la ciudad</p>	<p>El lugar central del evento queda cerca de los barrios Centro, América, Saguaçu y Bom Retiro, en una zona realmente céntrica de la ciudad y que cuenta con muy buenas vías de acceso y transporte urbano. Es una zona principalmente urbana aun contando con importantes centros comerciales próximos. La población que habita los alrededores es mayoritariamente clase media alta y alta.</p>
<p>Clasificación de la fiesta y/o Celebración</p>	<p>Es un evento semipúblico, ya que la realización y organización corre por cuenta de varias instancias: el Instituto Festival de Danza de Joinville de carácter privado y sin ánimo de lucro creado para atender el evento y la Fundación Cultural de Joinville de carácter público, ligada a la alcaldía del municipio. Es un evento de carácter institucional, sin implicaciones religiosas pero con apelos identitarios y cuños políticos muy fuertes en la ciudad y la región.</p>
<p>Carácter de la celebración y/o fiesta (local, porteña, regional, nacional, de países limítrofes, etc.)</p>	<p>Se trata de un evento internacional y del “el mayor festival de danza del mundo” según el “<i>Guinness Book</i>”, hecho resaltado y exaltado de todas las formas posibles durante el evento por los organizadores. Históricamente ha recibido compañías renombradas del mundo entero, entre estas el ballet Bolshoi, el Stuttgart, el ballet real de Dinamarca, el nacional de Cuba y la compañía de Barishnikov entre otros, además de contar con la participación de grupos de Latinoamérica principalmente en las muestras competitivas. Es un evento que surgió en la ciudad como una iniciativa de la Casa de Cultura para llevar a cabo un encuentro</p>

	<p>competitivo de escuelas de danza de la región y de los estados vecinos. Paulatinamente fue creciendo hasta convertirse en un evento emblemático de la ciudad que dinamiza su economía fundamentalmente industrial, además de haberse convertido en uno de los fuertes de los discursos políticos de alcaldes y gobernadores a la hora de hablar de cultura en la región. Actualmente es reconocido en Brasil y fuera de él como un evento significativo para el medio de la danza, a pesar de las múltiples discordancias y tramas de poder que envuelven el manejo de este evento.</p>
<p>Organizadores (asociaciones, gobierno, vecinos, etc.)</p>	<p><i>Prefeitura</i> de Joinville por medio de la Fundación Cultural de Joinville e Instituto Festival de Danza de Joinville. La mayor parte de los servicios son tercerizados y realizados por empresas independientes de organización de eventos y limpieza por ejemplo. La policía civil y militar cuidan el evento con la presencia de patrulleros y los “ayudantes” contratados por el instituto, temporalmente durante la realización del evento, se encuentran por doquier identificados con camisetas y carnés. Son ellos que informan la ubicación y horario de eventos para quien lo solicite, al mismo tiempo de ser quienes ubican a las personas en las sillas durante los espectáculos pagos.</p>
<p>Procesos de conformación histórica de la celebración y/o fiesta (Origen, permanencias, cambios, presente):</p> <p>História y Usos oficiales</p> <p>História oral</p>	<p>Como ya fue manifestado arriba, este evento surgió como iniciativa de trabajadores de la Casa de Cultura de Joinville en 1983, Albertina Tuma y Carlos Tafur. A partir de esa fecha el evento vino incrementando en número de personas y actividades realizadas, y lo que fuera una muestra competitiva de escuelas de danza, se transformó en un evento fuerte, de importancia regional muy grande y con repercusiones nacionales e internacionales. La importancia de este evento en la ciudad tiene que ver con la dinamización de la economía y la vida en general de la región. Durante el mes de Julio, una época de invierno, sin mayor actividad, la ciudad se transforma, hay gente en las calles y el colorido toma cuenta de los centros comerciales, plazas públicas y lugares turísticos en general. Aunque eso hace parte del discurso oficial alentador del Festival, es interesante notar que ocurre realmente, pues tuve la oportunidad de vivir allí durante el mes previo a la realización del evento, y realmente la actividad cultural de la ciudad es casi nula. Los fines de semana todo cierra antes de las 8:00pm y no hay muchas opciones de ocio en una ciudad que demográficamente es la mas populosa del estado de Santa Catarina, al sur de Brasil. El evento, entre muchas otras cosas es utilizado para resaltar el ancestro alemán de parte de sus habitantes, para emitir discursos sobre democracia arte y cultura, utilizando la danza como categoría y práctica que simbólicamente es revestida de todos estos significados. El material gráfico del Festival es</p>

	<p>sumamente interesante, pues por tratarse de un gran evento, (mega), que cuenta con gran disponibilidad de recursos, el esfuerzo publicitario por resaltar la belleza, la importancia y el valor del evento para todos es muy fuerte. Es curioso que se trata en general de un círculo retórico en donde lo que esta escrito es lo que se dice y lo que se dice es lo que esta escrito. Se hace siempre referència en altoparlantes, antes y durante las presentaciones a la historia del evento. Al sencillo comienzo y a los grandes alcances actuales, resaltando el papel de la comunidad de la ciudad que acogió y apoyo el evento desde sus primordios, alegando que ese interés en la danza es algo intrínseco al ancestro alemán que comparten algunos de ellos... el amor por el arte y la cultura... De otra parte se exalta también el papel de las administraciones en la alcaldía y gobernación que han fomentado el evento con recursos y apoyo por medio de leyes de incentivo a la cultura, se exalta el papel del evento como promotor de la democracia al generar espacios gratuitos para el disfrute de “los menos favorecidos” y finalmente se exalta el hecho del Festival haber sido reconocido por el <i>Guinness Book</i>, como el “mayor festival de danza del mundo”. Entre en publico participante los relatos son diversos, existen quienes como mencione arriba repiten lo que esta escrito, pero de otros lado esta la población critica que manifiesta su descontento por el manejo publicitario, la utilización que personalidades de ámbito político o empresarios privados hacen del evento y el carácter comercial que se ha fortalecido en los últimos años.</p>
Descripción de la celebración y/o fiesta	
<p>Mapa de la Fiesta y/o Celebración.</p> <p>Recorridos/ itinerarios⁶⁵</p>	<p>El evento no tiene un mapa como tal porque ocurre en varios lugares simultáneos. Existen si horarios en determinados lugares, como las funciones gratuitas, los cursos y talleres de perfeccionamiento o las muestras competitivas, pero un mapa del evento no existe.</p>
<p>Espacios y edificaciones vinculantes</p>	<p>Las instalaciones de la escuela del Teatro Bolshoi en Brasil, son cedidas para la realización de cursos. Estas salas están ubicadas en el mismo gran complejo de edificios conocido como Centreventos Cau Hansen.</p>
<p>Actividades desarrolladas</p>	<p><u>Muestra competitiva:</u> participan los grupos de diversos géneros de danza que pasan la preselección. Compiten en diferentes categorías como junior, senior y avanzado. Grupo, solo, duo o trio, ballet clásico de repertorio, etc, etc. Ocurren en el palco del Centreventos Cau Hansen.</p> <p><u>Cursos y talleres:</u> son espacios de perfeccionamiento también en los diversos géneros, jazz, clásico,</p>

⁶⁵ Ver mapa al final de la ficha etnográfica

	<p>contemporánea, zapateado, popular, etc. Ocurren en su mayoría en las instalaciones de la escuela del Teatro Bolshoi en Brasil.</p> <p><u>Palcos libres</u>: son palcos montados en <i>shopping centers</i> e plazas públicas de la ciudad así como fábricas y hospitales. Son de acceso gratuito y acontecen en horarios determinados.</p> <p><u>Noches especiales o de gala</u>: son presentadas en el palco del Centreventos Cau Hansen, participan allí invitados especiales normalmente compañías internacionales de renombre. En 2007 se presentó por ejemplo, la compañía de Barishnikov.</p> <p><u>Muestra no competitiva de danza contemporánea</u>: ocurre durante 3 o 4 días de las dos semanas de Festival, participan grupos nacionales de reconocida trayectoria. Ocurre en el teatro Juárez Machado, que queda en el sótano del Centreventos Cau Hansen y que tiene capacidad para recibir hasta 300 personas.</p> <p><u>Muestra media punta</u>: participan escuelas y grupos conformadas por menores de 12 años. No compiten pero si obtienen menciones de honor por su participación</p> <p><u>Lanzamiento de libros</u>: ocurren durante el transcurso del evento. Normalmente el autor es invitado y firma los ejemplares vendidos en la feria de la zapatilla.</p> <p><u>Actividades didáctico-pedagógicas</u>: cada año son diferentes. En 2007 se trató de un seminario sobre la historia y el registro de la danza en Brasil.</p>
<p>Bienes y/o elementos asociados (recursos utilizados): elementos y técnicas</p>	<p>Este evento es un despliegue de bienes materiales comenzando por las instalaciones que son adaptadas para comportar el gran flujo de asistentes. La venta de objetos en la feria de la zapatilla es masiva y de amplio espectro. Va desde accesorios para danza de varias marcas como trusas, mallas, zapatillas de punta y de otros tipos; recuerdos, vasitos, lápices, camisetas, bolsos, libros, etc.; hasta chocolates con forma de cualquier cosa y principalmente haciendo mención al carácter alemán del municipio. En la ciudad predominan los carteles y afiches alusivos al evento, aunque me fue informado que antiguamente, cuando el evento era más pequeño, la difusión era mayor. Supongo que hoy en día debido a su fama, no es preciso tal despliegue, pues el flujo de personas identificadas con carnés, claramente</p>

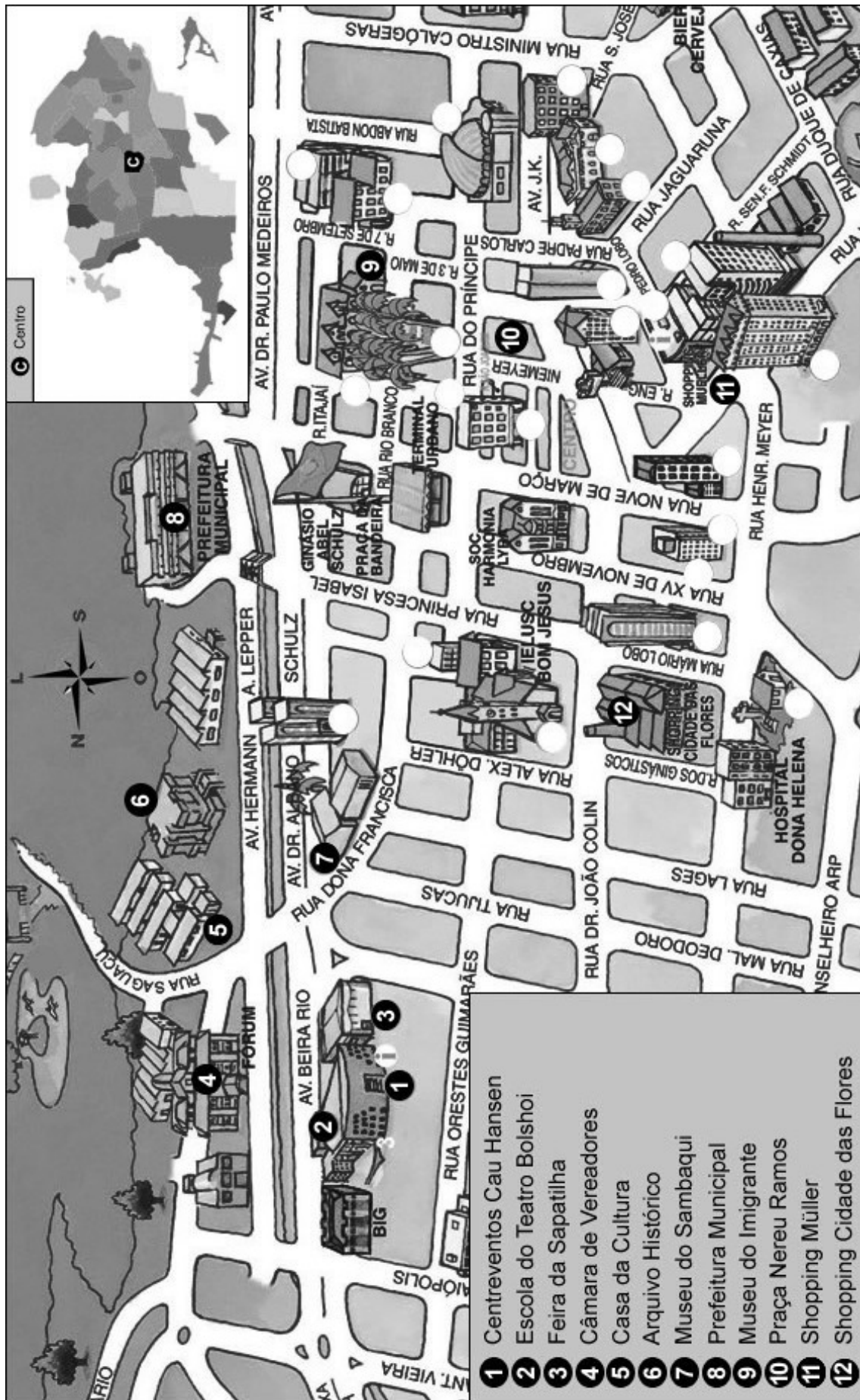
	bailarines de algún grupo participante, inundan la ciudad transformando el paisaje y haciendo publicidad “gratuita”.
Rituales asociados	Un ritual fundamental es la ceremonia de abertura, donde <i>prefeito</i> (alcalde), gobernador y otras personalidades públicas hacen sus intervenciones augurando éxito y suceso en la realización del evento, rememorando los anteriores y presagiando cosas buenas para los siguientes.
Comida	La plaza de alimentación presente en la feria de la zapatilla es un espacio sumamente importante para el evento por tratarse de un punto de encuentro fundamental además de ser el lugar donde bailarines comparten, se conocen y se alimentan (el mito de las formas alimentación de los bailarines es interesante para observar las dinámicas de este lugar y reconstruir esa imagen anoréxico-bulímica que muchas veces tienen). Aquí las comidas rápidas predominan: <i>creppes</i> , <i>pizza</i> , <i>hotdog</i> , hamburguesas, gaseosas y cosas de paquete son parte del menú de quienes allí acuden. El chocolate en todas sus formas y tamaños esta también presente. Curiosamente, no junto a las tiendas de otros alimentos en la plaza, sino junto a las tiendas de ropa y <i>souvenirs</i> .
Música	<p>Música siempre y por todos lados; comenzando por el himno del Festival que es colocado antes durante y después de las presentaciones tanto en los palcos abiertos como en las muestras competitivas, eventos didáctico-pedagógicos, etc.</p> <p><i>“Dança em Joinville, dança em meu coração. A vida é um palco, movimento, emoção. As flores da cidade vão dançar com você. Vem pra Joinville nos queremos te ver. Para dançar, dançar, dançar e ser feliz. Festival de emoções no meu país (BIS).”</i></p> <p>Se trata en general de música grabada, no hay nada en vivo y predominan los géneros musicales correspondientes a los géneros de danza que se presentan. Por ejemplo en ballet clásico de repertorio las obras musicales correspondientes; mientras en la llamada <i>dança de rua</i> o <i>hiphop</i>, es música del mismo género. Ya en presentaciones de jazz o danza contemporánea por ejemplo la música varía, siendo verdaderamente posible escuchar cualquier cosa.</p>
Danza	Por tratarse específicamente de un Festival de danza, creo que este punto sería inagotable en descripciones. De modo general podría decir que los bailarines son principalmente mujeres sobre todo en géneros como ballet clásico y danza contemporánea. Ya en <i>hip-hop</i> y danzas populares la proporción es más equilibrada y podría decirse que en los

	<p>grupos participantes hay tantos hombres como mujeres. Los géneros participantes en el festival son: Jazz, Zapateado, ballet clásico, <i>hip-hop</i>, contemporáneo y populares, teniendo cada una de estas categorías sub divisiones por edad y número de participantes, por ejemplo Junior o dúo.</p>
Vestimenta	<p>Es fácilmente diferenciable un grupo de asistentes y uno de participantes principalmente por la forma como van vestidos. De igual forma es fácil distinguir entre un grupo de ballet clásico y uno de <i>hip hop</i>. Las sudaderas más amplias, los peinados con trenzas donde predomina una estética mas “atrevida” son parte de las características de estos últimos grupos, en contraste con el clásico moño “cebollita” de las bailarinas de ballet. La posturas de sus cuerpos al caminar y hasta al asistir otras funciones también varía mucho. Entre los grupos pertenecientes a géneros como jazz y <i>hip hop</i>, es posible observar una actitud mas ruidosa e integrada tanto al movilizarse por los alrededores de los palcos de presentación, como al asistir funciones de otros grupos. Los organizadores tienen camisetas y carnés que los identifican y el público en general se distingue de los bailarines porque lleva ropas más formales, sobre todo en los espectáculos pagos de noche.</p>
Tipo de Público (Asociaciones, gobierno -el gobierno puede asistir como público, o como funcionarios o técnicos- vecinos, procedencias, etc.)	<p>El público es variado, ancianos jóvenes y niños asisten. En las funciones gratuitas es posible observar personas de diversas clases sociales, hecho distinguible por los atuendos y accesorios exhibidos. Muchas personas asisten a las funciones en plazas o centros comerciales aprovechando el intervalo de almuerzo y portando el uniforme del lugar donde trabajan. En general un poco mas mujeres que hombres. Durante 2007 se llevó a cabo una actividad llamada <i>dança comunidade</i> que consistía en permitir el ingreso de jóvenes pobres habitantes de las periferias de la ciudad, a las funciones y muestras competitivas pagas de las noches. Estos chicos asistían con un carné de pase libre.</p>
Sentido y Apropiación de la celebración	<p>Es difícil determinar el sentido y apropiación de una manera general, pero creo que si este evento no fuera un suceso en términos identitarios no se mantendría en pie. La llave del éxito aquí es ese apelo a las raíces de la comunidad, el juego discursivo que envuelve las motivaciones mas profundas del ser humano. El hecho de transformar realmente el paisaje de la ciudad durante el tiempo que acontece, de traer dinamismo y movilidad en una época “muerta” para el comercio de la ciudad.</p>
Incorporación de elementos de fiestas contemporáneas y/o globales	<p>Este mega evento tiene todo lo que tiene cualquier festival de su misma magnitud en cualquier parte del mundo. La tecnología en sonido y luces es de punta, el despliegue de medios considerable y la logística en general demuestra que</p>

	se trata de un evento global y globalizado.
Relación con otras fiestas de la ciudad	Este punto es muy interesante, pues en la ciudad hay y ha habido innumerables intentos de realizar eventos (específicamente exaltando el carácter alemán de sus fundadores), pero muchas de estas fiestas se han extinguido o han permanecido en los barrios, pequeñas y sin mayor difusión según me fue informado por la coordinadora ejecutiva del evento. Hay sin embargo otras que se mantienen como Fenachopp, fiesta de cerveza y gastronomía alemana; o la fiesta de las flores, pero son más pequeñas y no cuentan con tanta difusión nacional como el Festival de Danza. De otra parte es importante señalar que el Estado de Santa Catarina como tal tiene un “circuito de fiestas” que ocurren durante el mes de octubre y cuyo carácter es primordialmente de exaltación de los inmigrantes europeos colonizadores de la región. El oktoberfest realizado en Blumenau, ciudad vecina es un ejemplo de ello. Según sus realizadores, el mayor oktoberfest fuera de Alemania.

No mapa abaixo alguns dos pontos onde acontecem os eventos do Festival. Como fica evidente no mesmo, há uma concentração de atividades e de locais de interesse para os visitantes no centro da cidade e bairros próximos⁶⁶.

⁶⁶ Mapas em: Prefeitura Municipal de Joinville:
http://www.joinville.sc.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=155&Itemid=160&lang=
 Universidade da Região de Joinville
http://www.univille.net/cofafe/web/imagesnew/mapas/mapa_turistico.jpg



- 1 Centreventos Cau Hansen
- 2 Escola do Teatro Bolshoi
- 3 Feira da Sapatilha
- 4 Câmara de Vereadores
- 5 Casa da Cultura
- 6 Arquivo Histórico
- 7 Museu do Sambaqui
- 8 Prefeitura Municipal
- 9 Museu do Imigrante
- 10 Praça Nereu Ramos
- 11 Shopping Müller
- 12 Shopping Cidade das Flores